

Luvita Hieroglífico

Gramática e leitura

Caio Geraldes

<caio.geraldes@usp.br>

2024



Luvita Hieroglífico

Gramática e leitura

Caio Geraldes

[<caio.geraldes@usp.br>](mailto:caio.geraldes@usp.br)

2024



Abreviações

Geral

AEC	antes da era comum	Bogazköi
C	consoante	Sinal número x
ca.	<i>circa</i>	lício
cun.	cuneiforme	lídio
CHLI	<i>Corpus of Hieroglyphic Luwian Inscriptions</i>	luvita
CTH	<i>Catalog der Texte der Hethiter</i>	Proto-anatólico comum
GrHL	<i>A Grammar of the Hittite Language</i>	Proto-indo-europeu
hier.	hieroglífico	RlA <i>Reallexikon der Assyriologie</i>
hit.	hitita	StuBoT <i>Studien zu den Bogazköy-Texten</i>
KBo	<i>Keilschrifttexte aus Bogazköi</i>	V vogal
KUB	<i>Keilschrifturkunden aus</i>	σ fim de sílaba

Glosas e vocabulário

abl.	ablativo	pl.	plural
acu.	acusativo	prep.	preposição
adj.	adjetivo	pret.	pretérito
clt.	clítico	refl.	pronome reflexivo
com.	gênero comum	rel.	pronome relativo
conj.	conjunção	sg.	singular
dat.	dativo	subst.	substantivo
det.	determinativo	TO	topônimo
gen.	genitivo	v.	verbo
neut.	gênero neutro	v.t.	v. transitivo
nom.	nominativo	$X.$	NP iniciado por X
NP	nome próprio	pro.	pronome

Sumário

Abreviações

v

Introdução

0.1	Descobrindo o luvita	1
0.2	Quando e onde?	2
0.2.1	Datação	2
0.2.2	Localização	5
0.3	Parentesco linguístico	7
0.4	Recomendações bibliográficas	8

1 Sistema de escrita, fonologia e flexão nominal

1.1	Sistema de escrita	9
1.1.1	Fonogramas	10
1.1.2	Logogramas	13
1.1.3	Recomendações bibliográficas	16
1.2	Fonologia	16
1.2.1	Vogais	16
1.2.2	Oclusivas	17
1.2.3	Nasais	18
1.2.4	Recomendações bibliográficas	18
1.3	Flexão nominal	19
1.3.1	Substantivos	19
1.3.2	Adjetivos	20
1.3.3	Pronomes	20
Pronomes pessoais	20	
Possessivos	21	
Demonstrativos	22	
Pronome interrogativo e relativo	23	
1.4	Leitura: BABYLON 3	24

2 Flexão verbal, partículas e enclíticos

2.1	Sistema verbal	27
2.1.1	Flexão	27
2.1.2	Quadro de conjugação	28

2.1.3	Morfologia derivacional	29
2.1.4	Usos	30
2.2	Partículas e clíticos	30
2.3	Leitura: HAMA 2	31
3	Sintaxe	37
3.1	Concordância	37
3.2	Uso dos casos	37
3.3	Posposições	38
3.4	Comparação	39
3.5	Advérbios	39
3.6	Ordem de palavras	39
3.7	Orações interrogativas	39
3.8	Coordenação	39
3.9	Subordinação	40
3.10	Leitura: BOHÇA	42
4	Fonologia histórica	47
4.1	Proto-Anatólico Comum	47
4.1.1	Consoantes	47
4.1.2	Vogais	48
4.1.3	Do proto-indoeuropeu ao proto-anatólico	48
	Oclusivas	48
	Sibilante *s	48
	Laringais	49
	Nasais	49
	Resonantes	49
	Vogais	49
4.2	Luvita	50
4.2.1	Consoantes	50
4.2.2	Vogais	50
4.2.3	Do proto-anatólico ao luvita	50
	Oclusivas	50
4.2.4	Africada ts	51
	Laringais, *h e *H	51
	Nasais	51
	Resonantes	51
	Vogais	51
	Outros	52
4.3	Leitura: KARKAMIŠ A11b+c	53
5	Leitura: KARATEPE	67
Vocabulário		79

Signário	85
5.1 Lista de Logogramas	85
5.2 Lista de logogramas combinados	86
Leituras extras	87
Referências	89

Lista de Figuras

0.1	Inscrição BOĞAZKÖY 21	3
0.2	Selo de “Tarkondemos”	3
0.3	Bula de LİDAR	4
0.4	Cartas de Assur	4
0.5	Mapa das inscrições monumentais	5
0.6	Mapa da Anatólia durante a idade do bronze	6
0.7	Mapa da Anatólia durante a idade do ferro	6
1.1	Silabário regular – Parte 1	11
1.2	Silabário regular – Parte 2	12
1.3	Fonogramas CVCV	12
1.4	BABYLON 3	24
2.1	HAMA 2	32
3.1	BOHÇA	42
4.1	Mapas de Karkamış	54
4.2	“Portão do Rei” em Karkamış	55
4.3	KARKAMIŞ A11b+c	56
5.1	Mapa do sítio de Karatepe	68
5.2	Portão Inferior (Norte) de Karatepe	69
5.3	Ortostatos de Karatepe (Portão Inferior)	70

Introdução

0.1 Descobrindo o luvita

Luvita denota um povo e uma língua e seus dialetos cuja existência, até o começo do século passado, estava perdida na história.¹ Quando no final do século XIX foram encontrados blocos de pedra no norte da Síria com inscrições em hieróglifos em alto relevo, os arqueólogos associaram esta nova língua e o povo que a escreveu com os *hititas*, um povo que até então era lembrado por passagens da bíblia hebraica e alguns documentos recentemente descobertos em assírio. Em 1906, as escavações realizadas em Boğazköy/Boğazkale sob direção de Hugo Winckler e Theodore Makridi revelaram a cidade de Hattusa, capital do que teria sido depois chamado de Império Hitita, e nela um grande arquivo de documentos em cuneiforme em uma língua até então desconhecida.² Apesar de em 1915-17, Bedřich Hrozný conseguiria ao mesmo tempo demonstrar que a língua nesses arquivos e em duas cartas previamente escavadas em Tell el-Amarna (Egito moderno) era uma língua indo-europeia e produzir um esboço gramatical dela, identificando-a como a língua dos hititas. Entre os textos em cuneiforme escavados em Boğazköy entre 1906 e 22 alguns revelaram dentro deles trechos que os autores das tabuletas avisam que devem ser lidos *luwili*, isto é “como luvita”.³ Como alguns termos soltos ou incluídos em léxicos dessa língua aparecem marcados com um sinal cuneiforme, 𒂗, chamado pelo nome alemão *Glossenkeil*, sugeriu-se chamar essa língua também de *Glossenkeilsprache*.⁴

A língua dos hieróglifos das inscrições sírias, no entanto, permaneceu praticamente ilegível desde sua descoberta até a década de 30.⁵ No começo da década

¹ Esta seção está baseada sobretudo em Hawkins (2000a), Melchert (2003b) e Hoffner Jr. e Melchert (2008).

² A decifração do cuneiforme nesta altura já estava bastante adiantada, tendo sido iniciada nos primeiros anos do século XIX e relativamente bem estabelecida dentro da primeira metade do século para o persa antigo, acadiano e elamita.

³ Os códigos legais hititas contém provisões também de uma região, ainda hoje com localização disputada, chamada KUR *Lu-ú-i-ya*.

⁴ Os textos em luvita cuneiforme estão editados em Starke (1985) e Yakubovich e Mouton (2023). Outra língua aparece, embora raramente, nos textos hititas precedida por 𒂗, o palaico. Os textos em palaico estão editados em Carruba (1970).

⁵ Alguns sinais tinham sido corretamente interpretados por Sayce entre 1882 e 1884, a saber os logogramas L.17 𒀭 REX e L.228 𒀭 REGIO, respectivamente correspondentes aos cuneiformes

de 30, contribuições separadas de Meriggi, Gelb, Forrer, Bossert e Hrozný ofereceram interpretação de diversos logogramas e interpretações ou, ao menos, aproximações para alguns silabogramas, permitindo as primeiras tentativas de interpretação. Alguns avanços foram feitos durante as décadas de 1940 a 1960, com a compilação de selos dignríficos (hieroglíficos e cuneiformes) e com a publicação parcial da inscrição bilíngue em hieroglífico e fenício de Karatepe descoberta por Bossert e Halet Çambel. Foi apenas com a publicação das “Novas leituras” por Hawkins, Morpurgo-Davies e Neumann (1974) que se pode finalmente identificar a língua dos hieróglifos hititas com a língua dos *Glossenkeil* que deveriam ser lidos *luwili*. Daí em diante, estas línguas passaram a ser conhecidas respectivamente como *luvita hieroglífico* e *luvita cuneiforme*.

0.2 Quando e onde?

Embora tenhamos contado um pouco sobre a descoberta e decifração do luvita hieroglífico, convém dizer um pouco sobre o contexto histórico dessa língua.

0.2.1 Datação

A maioria das informações históricas sobre os falantes de luvita ou habitantes das regiões da associadas à língua luvita advém de textos hititas, salvo algumas poucas evidências contidas nas cartas de Amarna, correspondências em acadiano entre governantes egípcios e governantes do oriente próximo, incluindo duas entre o Egito e Arzawa, o nome tradicionalmente atribuído ao território dos falantes de luvita. Os primeiros textos legais hititas contendo menções à terra chamada de *Luwija*, hit. KUR *Lu-ú-i-ya*, datam da metade do segundo milênio antes da era comum, no Velho Reinado Hitita.⁶ Pelas crônicas históricas, sabe-se que pelo menos desde o reinado de Hattusili I (*ca.* 1650–1620)⁷ já havia interações entre hititas e luvitas. Supõe-se deste Starke (1985) que os textos em luvita cuneiforme tenham sido compostos entre os séculos XVI e XV AEC. Quanto ao luvita hieroglífico, o corpus se divide tradicionalmente em dois períodos, o período imperial e período neo-hitita.

Imperial / Era do Bronze Datadas do séc. XIII AEC, entre as dinastias de Tudhaliya IV e Suppiluliuma II, parte final do Império hitita. Boa parte das inscrições do período imperial fazem forte uso de logogramas, de modo que são de pouco interesse linguístico e de difícil compreensão.⁸ Além das inscrições, como em [Figura 0.1](#), temos selos reais e oficiais como [Figura 0.2](#).

⁶ LUGAL ‘rei’ e KUR ‘país/território’.

⁷ CTH 291 e 292. Tradução das leis em Hoffner Jr. (1997).

⁷ Usarei ao longo deste texto as datas de acordo com a cronologia média do oriente próximo.

⁸ Duas inscrições apenas contém logogramas, de modo que se pode supor que talvez representem um texto hitita, a saber BOĞAZKÖY 1 e 2.



Figura 0.1: Inscrição BOĞAZKÖY 21. Dentro do complexo das piscinas sagradas de Hattusa, contendo o nome de Suppiluliuma II. Imagens de [Hittite Monuments](#). Ver [CHLI 3](#) (p. 48ff.).



Figura 0.2: Selo de “Tarkondemos”. Digráfico com cuneiforme na circunferência e hieróglifos no centro. Atualmente o texto é interpretado como pertencente a um certo *Tarkas(sa)nawa*. Final do século XII AEC. Atualmente em Walters Art Gallery, Baltimore, no. 57.1512. Imagem e traçado de [CHLI 3](#) (p. 45f.; plate 32)

Neo-hitita / Era do Ferro Circa 1100-700 AEC, período posterior à dissolução do império hitita que, aparentemente, foi sucedido por diversas cidades-estado que mantiveram alguns aspectos culturais e políticos do antigo império. O corpus é composto sobretudo por inscrições, mas contém também selos, como Figura 0.3, e cartas, como Figura 0.4.



Figura 0.3: Bula de LİDAR. 5.4cm de diâmetro. Aproximadamente 1200 AEC. Atribuído a Kuzi-Tešub, rei de Carquemis. Atualmente no Şanlıurfa Arkeoloji Müzesi. Imagem e traçado de CHLI 1.2 (plate 328)

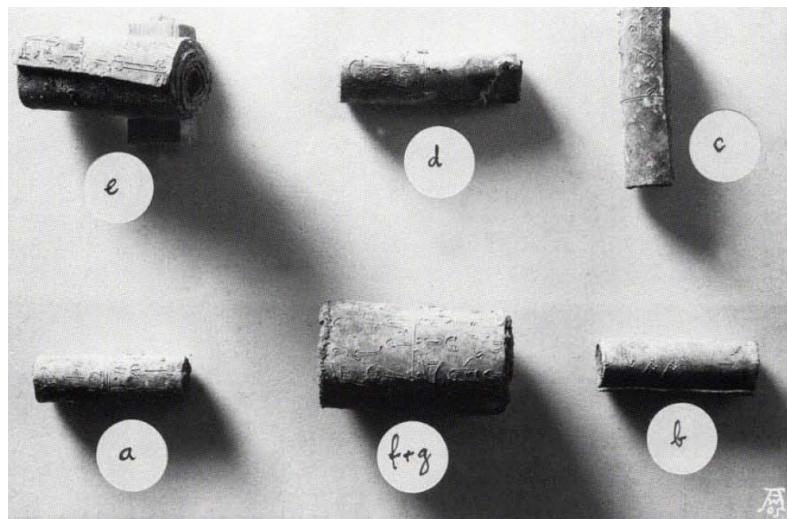


Figura 0.4: Cartas de Assur. Rolos de chumbo de aproximadamente 4cm de altura e diversas larguras contendo cartas de comerciantes. Escavados em Assur em 1905 pela Deutsche Orientgesellschaft. Originalmente alocados no Eski Şark Eserleri Müzesi, apenas os fragmentos e f estão preservados e locados no Vorderasiatisches Museum, Berlin, no. VA 5819. Imagem de CHLI 1.2 (plate 306)

0.2.2 Localização

O mapa em [Figura 0.5](#) mostra a localização de descoberta de todos os documentos em luvita hieroglífico encontrados até hoje. É de se notar que os documentos do período imperial hitita, em laranja no mapa, estão muito mais espalhados geograficamente do que os documentos do período neo-hitita, em verde, que se concentram sobretudo no sudeste da Anatólia e noroeste da atual Síria.

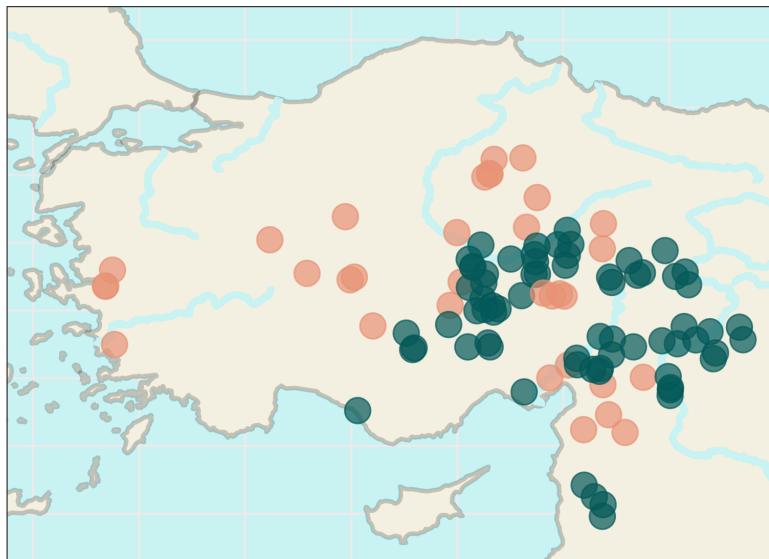


Figura 0.5: Mapa contendo a localização das inscrições monumentais em luvita hieroglífico. Os pontos laranjas representam inscrições do período imperial enquanto os verdes, inscrições do período neo-hitita.

Locais de interesse na idade do bronze As principais regiões que se assume terem sido ocupadas por falantes de luvita durante a idade do bronze são Kizzuwatna, Tarhuntassa, Arzawa, Wilusa e, possivelmente, Mira. Todas essas regiões estão em volta do centro do poder hitita em Hatti, como se pode ver no mapa em [Figura 0.6](#).

Locais de interesse na idade do ferro As principais regiões que se assume terem sido ocupadas por falantes de luvita durante a idade do ferro são a Cilícia, Que e Gurgum. Os sítios de Karatepe, Carquemis, Hama e Maraş estão entre os mais importantes. Todas essas regiões estão entre o sudeste da atual Turquia e noroeste da Síria, como se pode ver no mapa em [Figura 0.7](#).

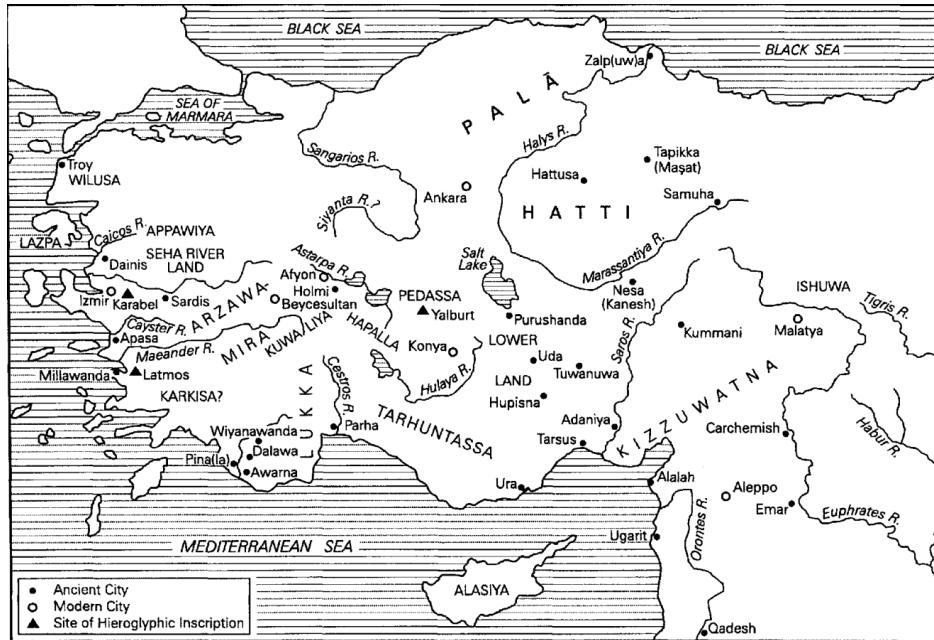


Figura 0.6: Mapa da Anatólia durante a idade do bronze. Melchert (2003b, p. 37).

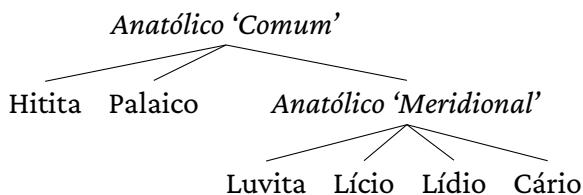


Figura 0.7: Mapa da Anatólia durante a idade do ferro. Melchert (2003b, p. 94).

0.3 Parentesco linguístico

O luvita é uma língua indo-europeia pertencente ao ramo anatólico. O proto-indo-europeu (PIE) é uma língua hipotética reconstruída a partir da comparação entre línguas geneologicamente ligadas umas a outras utilizando o método linguístico histórico comparativo. As línguas mais importantes utilizadas para sua reconstrução desde o início do século XIX foram o sânscrito e o grego, em primeiro lugar, o latim, as línguas germânicas e as balto-eslávicas, secundariamente, e as célticas, o armênio e albanês, com menor frequência. Com as evidências oferecidas por Bedřich Hrozný para a hipótese de que o hitita seria uma língua indo-europeia, iniciou-se um processo de revisão do que seria o proto-indo-europeu e qual sua relação com essa recém descoberta língua. Desde cedo ficou claro que o hitita representava um destacamento bastante antigo da língua indo-europeia que havia gerado os demais ramos.⁹ Com a decifração de línguas como o luvita, cário, palaico, lídio e lício chegou-se à conclusão de que todas elas formam junto do hitita um ramo linguístico dentro do indo-europeu, comumente chamado de ramo *anatólico*.¹⁰

Dentro das anatólicas, uma divisão conservadora das línguas seria a proposta por Rieken (2017, p. 305–6): 1. do Anatólico “Comum” o hitita e palaico teriam se separado inicialmente; 2. as demais línguas, i.e. o luvita, lício, lídio e cário seriam provenientes de um dialeto anatólico do Sul, um “anatólico meridional”, ou, em árvore genealógica:¹¹

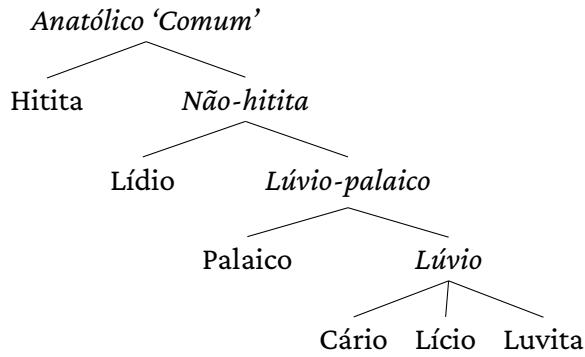


O modelo mais comumente aceito, no entanto, é o de Oettinger (1978, p. 92) e seguido por Yakubovich (2010, p. 6), que utiliza as seguintes isoglosas para a divisão: 1. substituição da desinência de primeira pessoa singular presente ativa indoeuropeia *-mi por -wi em todas as línguas menos hitita; 2. generalização da forma de primeira pessoa singular pretérita -ha salvo em lídio; 3. plural em formas derivadas em *-nsi no lugar de *-es em cário, lício e luvita. Esquematicamente:

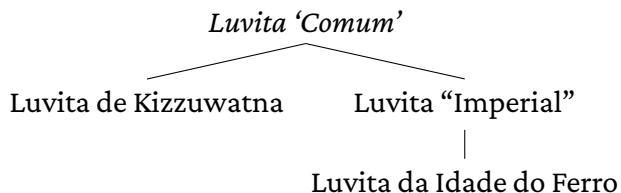
⁹ Pelo menos desde Sturtevant (1933).

¹⁰ Não cabe aqui a discussão se a separação do anatólico do resto do indo-europeu o torna um ramo “de primeira classe”, pertencendo assim não ao indo-europeu, mas a uma língua que poderia ser chamada de indo-hitita / indo-anatólico, detalhes sobre essa discussão podem ser encontrados em Ringue (2017).

¹¹ Nestas e nas próximas árvores, os nódulos em itálico representarão estágios linguísticos não atestados, mas supostamente reconstruídos.



Por fim, embora seja comum dizer que o luvita registrado em cuneiforme e o luvita registrado em hieróglifos correspondem a dialetos distintos, Yakubovich (2010) apresenta evidências de que os documentos cuneiformes luvitas representam dois dialetos contemporâneos associados a regiões geográficas distintas: o dialeto de Kizzuwatna (sudeste da atual Turquia) e o dialeto “Imperial”, associado às regiões centrais do império hitita. Por sua vez, os textos em hieróglifos registrariam um dialeto sucessor do dialeto “Imperial”, que o autor chama de “luvita da idade do ferro”. As principais isoglosas utilizadas para defender essa organização são: 1. os textos associados a Kizzuwatna não registram formas de genitivo, mas sim de adjetivos possessivos em *-assa-*; 2. também nos textos de Kizzuwatna, o morfema de imperfectivo *-zza* é substituído pelo morfema *-ssa*. 3. os demais textos cuneiformes apresentam uma tendência a substituir o acusativo plural *comum -anza* pela forma nominativa *-anzi*, os textos hieroglíficos jamais diferenciam nominativo de acusativo plural. 4. os clíticos *=pa* e *=tar* parecem ter desaparecido nos textos hieroglíficos.



0.4 Recomendações bibliográficas

Detalhes sobre a descoberta, publicação e decifração dos hieróglifos luvitas podem ser encontrados em Hawkins (2003, pp. 131ff.). Para uma descrição ainda mais detalhada, recomenda-se Hawkins (2000a, pp. 6-17). O compêndio de Melchert (2003b) oferece detalhes e bibliografia para todos os aspectos da história, geografia e língua luvita. Sobre a história do oriente próximo, incluindo os hititas, luvitas e sua relações com outros povos da região, recomenda-se Mierroop (2016), sobretudo as seções 6.3, 8.2 e 11.1. Informações detalhadas sobre as línguas anatólicas podem ser encontradas em Klein, Joseph e Fritz (2017a, p. 239–308) e, sobre a dialetologia do luvita, ver Yakubovich (2010).

1 Sistema de escrita, fonologia e flexão nominal

1.1 Sistema de escrita

Os hieróglifos anatólicos são um sistema de escrita autóctone da Anatólia utilizado, até onde se sabe, apenas para escrever textos em luvita. O sistema utiliza tanto *logogramas*, i.e. caracteres que denotam uma unidade semântica, quanto *fonogramas*, i.e. caracteres que denotam sons da língua. Há duas variedades principais dos hieróglifos, os de baixo relevo, produzidos com incisões no material de suporte, e os de alto relevo, produzidos desbastando a pedra em volta dos caracteres.¹ As inscrições do período imperial utilizam sinais levemente diferentes dos sinais das inscrições do período neo-hitita e seus escribas tendem a preferir o uso de logogramas em detrimento dos fonogramas.²

Parte dos hieróglifos pode ter interpretação tanto de logograma quanto de fonograma e, em alguns casos, a interpretação fonográfica surgiu por *rebus*, isto é, o logograma passou a ser utilizado para indicar parte do som da palavra originalmente denotada por ele, como em (1). Alguns sinais não estabilizaram uma leitura fonográfica quando da escrita das inscrições que nos chegaram e ainda, por vezes, são lidos como *rebus*, como em (2).

- (1) a. L.66 DARE  = *pi(ya)* - ‘dar’ → /pi/
- b. L.509 (=L.329) CURRERE  /  = *hwi(ya)* - ‘correr’ → /hwi/
- (2) L.13 PRAE  = *pari / paran* ‘em frente’ → /pa.ri/³

Transliteração e transcrição Por razões de comodidade, costuma-se transliterar o texto hieroglífico no alfabeto latino e então produzir a transcrição do que se supõe ter sido a forma “corrida” do texto luvita, ao menos no quanto nós somos capazes de reconstruir as formas linguísticas subjacentes.

¹ Neste documento, caracteres dos hieróglifos anatólicos serão tipografados utilizando a fonte *Noto Sans Anatolian Hieroglyphs*, que os representa, na maior parte dos casos, no estilo de baixo-relevo do período pós-imperial.

² Para detalhes do sistema de escrita, vide *CHLI 1.1* (pp. 6ff. e pp. 23ff.) e *CHLI 3* (pp. 354ff.).

³ Como no nome próprio Parita, escrito  PRAE-tá- = *Parita-* em QAL'AT EL MUDIQ, § 1.

A convenção de transliteração para o alfabeto latino consiste em:

1. Se o sinal não tem interpretação estabelecida ou a interpretação no contexto é incerta, incluir o número do logograma conforme em Laroche (1960), seja com um asterisco ou um *L.* antecedendo o número
2. Se o sinal tem valor logográfico ou *rebus*, escrever o valor semântico convencional em latim, seguindo Laroche (1960) e letras maiúsculas.⁴
3. Se um ou mais logogramas estão em função de *determinativo* (*vide sub*), eles são colocados entre parênteses.
4. Se o sinal tem valor fonográfico, utilizar letras minúsculas.
5. Sinais que pertencem à mesma palavra são separados por hifens.

A transcrição segue as seguintes convenções:

1. sinais sem interpretação estabelecida ou logogramas cuja forma linguística subjacente é desconhecida, permanecem transliterados;
2. sinais logográficos com interpretação fonológica conhecida são convertidos para a palavra que representam;
3. sinais interpretados como *rebus* são convertidos pro valor fonológico;
4. os hifens são excluídos e os sinais com valor fonológico são unidos.

Como a transcrição depende da interpretação das formas linguísticas subjacentes, a conversão não é de um para um e depende de nossas suposições sobre a língua. Com frequência, diferentes autores produzem diferentes transcrições para uma mesma sequência de sinais e, quando em dúvida entre duas formas possíveis, incluem parênteses nos pontos incertos.

1.1.1 Fonogramas

Os fonogramas dos hieróglifos anatólicos representam unidades de sílabas, esses sinais também são chamados de silabogramas. Em sua maioria, eles representam sequências de V e CV, com alguns poucos representando a sequência CVCV, mas apenas quando a segunda sequência de *consoante-vogal* representa a sílaba *ra/ri*. O silabário “regular” para o período das cidades-estado neo-hititas está representado em Figura 1.1 e Figura 1.2 e os sinais para séries CVCV estão em Figura 1.3.

Fonogramas múltiplos Sons que podem ser representadas por mais de um sinal recebem na transliteração sinais adicionais. Utilizando por exemplo o som /a/, a forma mais comum será transliterada <a>, a segunda mais comum pelo acento agudo <á> (=a₂), a terceira pelo acento grave <à> (=a₃) e as demais por números subscritos, como <a₅>. Formas que podem ter diversas vogais são grafadas com as opções de vogal separadas por uma barra, </>.

⁴ Por vezes, sinais que denotam topônimos não são latinizados e grafados em itálico.

		a (450)			i (209)			u (105)
		á (19)						
		ha (215)			hi (413)			hu (307)
		há (196)						
		ka (434)			ki (446)			ku (423)
		la (176)			li (278)			lu/a/i (445)
		lá/i (172)			la/i (319)			
		ma (110)			mi (391)			mu (107)
		na (35)			ni (411)			nu (153)
					ní (214)			nú (395)
		pa (334)			pi (66)			pu (328)
		ra/i (383)						ru (412)
		sa (415)			si (174)			su (370)
		sá (433)						
		sà (104)						
		sa ₅ (327)						
		ta (100)			ti (90)			tu (89)
		tá (29)						tú (325)
		da (41)						
		wa/i (439)						

Figura 1.1: Silabário regular (CHLI 3, p. 419) – Parte 1

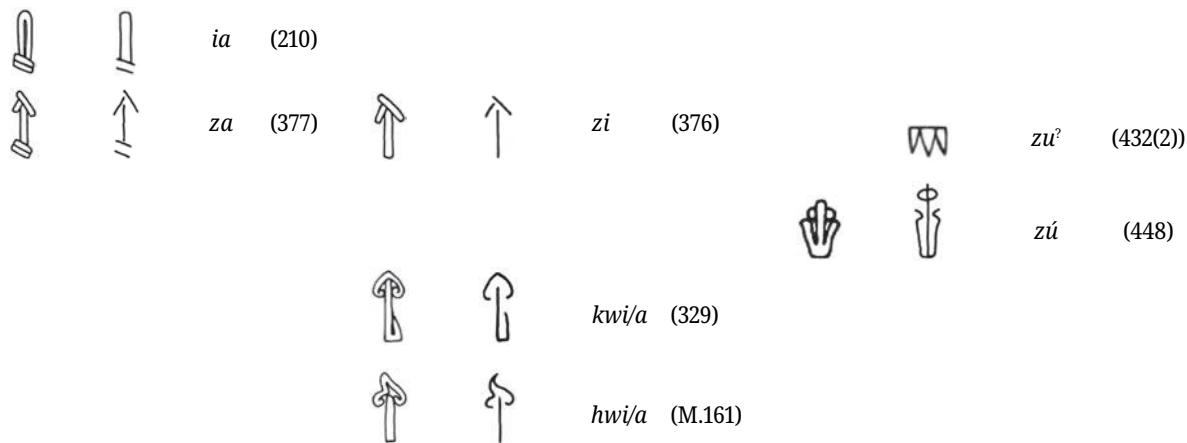


Figura 1.2: Silabário regular (CHLI 3, p. 421) – Parte 2

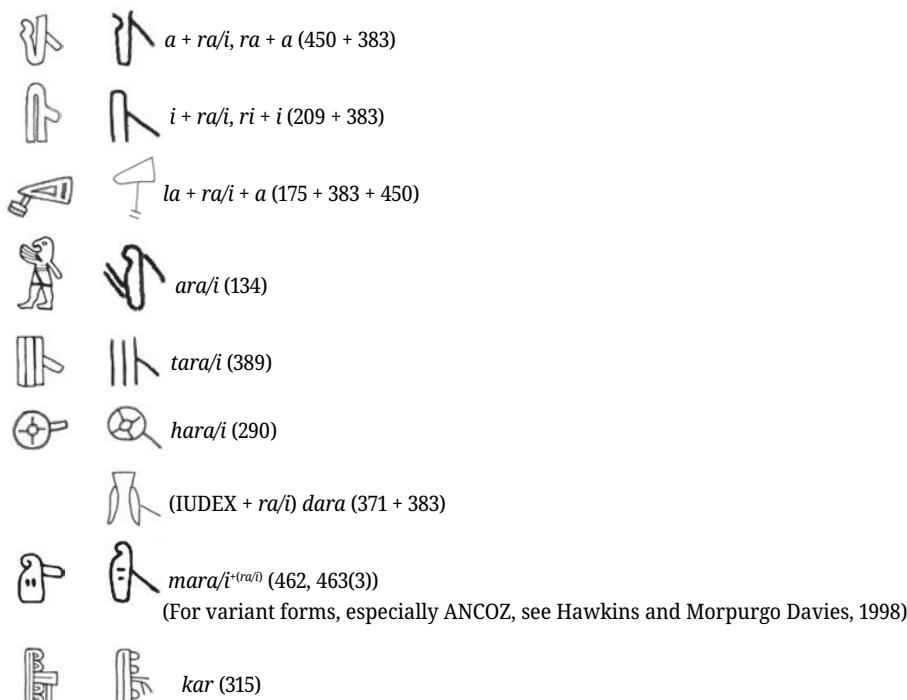


Figura 1.3: Fonogramas CVCV (CHLI 3, p. 422)

Consoantes isoladas Com esse sistema que sempre representa sequências (C)V, é impossível representar encontros consonantais e consoantes finais. Via de regra, o costume dos escribas era de grafar uma consoante qualquer X com o fonograma utilizado para grafar a sílaba /Xa/. Em português, isso tornaria as palavras *barco* e *barraco* idênticas na grafia, <ba-ra-co>, exigindo que o falante recuperasse pelo contexto e conhecimento da língua qual a forma fonológica ali representada.⁵ Assim, para escrever *hamsukalas* “bisneto”, um escriba de MARAŞ 1 escreveu:

- (3) ...      ... ha ma su ka la sa
... *hamsukalas* (MARAŞ 1, §1d)

Aqui, os grafemas <ma> e <sá> devem ser interpretados como as suas respectivas consoantes puras /m/ e /s/.

L.382 \ ra/i O silabogramma para /ra/ ou /ri/ age de maneira distinta dos demais por ser uma espécie de grafema *enclítico*, ou seja, ele não pode aparecer por conta própria e sempre ocorre ‘apoiado’ em outro fonograma. Para representar uma sílaba final /ra/ ou /ri/, ele é representado apoiado em um <a> ou <i>:

- (4) a.  = a+ra/i
b.  = i+ra/i.

1.1.2 Logogramas

Os logogramas dos hieróglifos anatólicos representam unidades de semânticas como palavras ou conceitos que, às vezes, podem ser interpretados pelo desenho que representam, como em (5). As palavras em luvita subjacentes aos logogramas só nos são conhecidas por ocasiões em que o escriba, além de utilizar o logograma, escreve também a palavra com os silabogrammas da forma, como é o caso em (6).

- (5) 
OVIS
-
'ovelha' (EMİRGAZI 1, §§19)
- (6)   
OVIS ha wa/i
hawa
'ovelha' (KULULU l.s. 2, §§1.2–11, etc.)

⁵ Consoantes geminadas não são representadas nos hieróglifos anatólicos.

Forma linguística subjacente desconhecida No entanto, não é sempre que temos essa sorte e todas as atestações de um logograma que nos chegaram o fizeram sem os complementos fonológicos, como em (7). Nesse caso, sabendo que o sinal L.104  CAPRA é utilizado também para grafar a sílaba /sa/, tanto na forma mais pictórica como na forma simplificada  e que em hitita a palavra para caprinos é *šaš(š)a*, podemos supor que a palavra subjacente ao logograma L.104 é *sasa-*. Comparações com o luvita cuneiforme e com línguas histórica e geograficamente próximas do luvita hieroglífico nos permitem elucidar as formas subjacentes que não nos chegaram grafadas, mas há casos em que é impossível alcançar qualquer suposição razoável ou satisfatória, como em (8).

- (7)  /
CAPRA
sasa? (hit. *šaš(š)a*)
'cabra'
- (8) 
ADORARE
???
'rezar?' (HİSARCIK 2, § 1)

Logograma + silabogramas Como mencionado acima e ilustrado por (6), por vezes um logograma é seguido da palavra subjacente escrita por completo. Essa prática é comum e frequente. Além disso, alguns logogramas são seguidos de silabogramas representando apenas partes da palavra subjacente. Por vezes, como em (9), apenas a desinência flexional da palavra é escrita (i.e., as marcas de caso, gênero e número para substantivos e as de número, pessoa, tempo e modo para verbos). Em outros casos, partes além da desinência são escritas com os silabogramas enquanto outras são deixadas sem representação, como em (10), em que a primeira sílaba de /tu.wa.ta/, /tu/, é representada pelo logograma, enquanto as demais sílabas são representadas com silabogramas.

- (9)  
PONERE ha
tuwaha
'(eu) coloquei' (HAMA 4, §§7)
- (10)   
PONERE wa/i ta
tuwata
'(ele) colocou' (BABYLON 3)

Nada exige que as sílabas que seguem um logograma sejam *contíguas* na palavra subjacente, por vezes apenas a primeira e última sílabas são representadas. A palavra para 'filho', no nominativo singular, é *nimuwizas*, como atestado pela

escrita plena (FILIUS)ni-mu-wa/i-za-sa, bastante frequente no corpus.⁶ No entanto, em algumas inscrições, ela aparece grafada:

- (11) C FILIUS ni za sa
nimuwizas / nizas?
'filho' (HAMA 1–3, 6–7, §1)

É impossível decidir se a palavra subjacente nesse caso e em situações semelhantes é uma forma realmente abreviada na fala – que poderia muito bem ser uma forma coloquial – ou se se trata apenas de uma abreviação gráfica. Esses casos são, no entanto, raros.

Logogramas com múltiplas leituras Alguns logogramas servem para representar múltiplas palavras de um mesmo campo semântico. O logograma L.45 era utilizado para denotar palavras no campo semântico de 'filho, criança, irmão', sendo transliterada pelas palavras latinas FILIUS, INFANS e FRATER respectivamente. Nestes casos, é comum que a palavra siga escrita também em silabogramas, ao menos parcialmente:

- (12) a. C FILIUS ni mu wa/i za sa
nimuwizas
'filho' (KÖRKÜN, §1)
- b. C INFANS ni wa/i+ra/i ni (= INFANS.NI-wa/i+ra/i-ni-?)
niwarani?
'criança (incapaz?)' (MARAS 4, §14)
- c. C FRATER la i sa (= FRATER.LA-i-sa?)
lanis? (\simeq luv.cun. *nani(ya)-?*, cf. hit. *negna-*)
'irmão' (ALEPPO 2, §3)

Note-se que no caso de *niwarani* 'criança' e *lanis* 'irmão', não podemos estabelecer certeza da forma fonológica subjacente, posto que ou não temos esses termos registrados em luvita cuneiforme ou o luvita cuneiforme os registra com variações e a comparação com o hitita é inconclusiva.⁷ O mesmo ocorre em diversos casos em que um logograma possui múltiplas leituras possíveis."

⁶ KÖRKÜN, §1; KARKAMIŠ A2+3, §1; TELL AHMAR 1, §13; EĞREK, §1; QAL'AT EL MUDIQ, §1; HAMA 4, §1; HAMA 8, §1; HINES, §1; ŞIRZI, §1; KARKAMIŠ A11a, §1; TELL AHMAR 1, §§1, 19(-i).

⁷ A interpretação das formas subjacentes ao logograma L.45 como INFANS e FRATER discutida em Hawkins (1980, p. 143–6) e Yakubovic (2010, p. 387).

1.1.3 Recomendações bibliográficas

O panorama geral do sistema de escrita está descrito em Hawkins (2003, p. 155ff.). Uma discussão detalhada e atualizada sobre todos os sinais conhecidos e com as evidências utilizadas para sua interpretação pode ser encontrada em CHLI 3 (pp. 354–488). Diversos artigos sobre sinais específicos são frequentemente publicados, sendo os mais importantes Hawkins, Morpurgo-Davies e Neumann (1974), Rieken (2008) e Rieken e Yakubovich (2010).

1.2 Fonologia

Utilizando apenas o silabário regular do luvita hieroglífico seríamos capazes de reconstruir o seguinte inventário de fonemas:

- Vogais: *a, i, u*
- Oclusivas: *p, t, k*
- Nasais: *m, n*
- Fricativas: *s, z, h*
- Outras: *r, l, w, y*

No entanto, esse inventário de fonemas não parece ser o inventário realmente utilizado pela língua.

1.2.1 Vogais

Vogais longas O cuneiforme utilizado para grafar o luvita cuneiforme é capaz de representar a oposição entre vogais longas e breves por meio da grafia *plena*, quando a vogal longa é representada pela adição do cuneiforme representando a vogal sem consoantes. Os escribas não se valem da escrita plena de maneira regular, mas alguns pares contrastivos, como (13), apontam para uma distinção fonêmica.

- (13) a. a- ad- du- wa- a- al
ādduwāl
‘mal’ (88 II 11, KBo XXIX 9 Ro 10*)
- b. a- ad- du- wa- la
ādduwala
‘males’ (39 iii 26.)⁸

Escrita do /a/ inicial Por razões ainda desconhecidas, o /a/ em início de palavra com frequência aparece grafado no final da palavra, vide (14). Para deixar claro que este é o caso, pode-se transliterar um <a> inicial escrito em

⁸ Exemplos tirados de Melchert (1993).

posição final com um asterisco. Essa prática parece mais comum na idade do bronze, mas não deixa de ser utilizada ao longo de todo o uso do sistema de escrita. Há ainda casos em que o /a/ em início de sentença não é grafado.

- (14)  sa tu a
 *asatu
 'que ele seja' (EMİRGAZİ, §17)

1.2.2 Oclusivas

/t/ vs. /d/ Em primeiro lugar, temos como evidência o *rotacismo* de algumas dentais em ambiente intervocálico. O rotacismo não ocorre de maneira consistente em nenhuma região geográfica ou período da língua luvita e formas com os sinais para /t/ e /r/ com frequência aparecem no mesmo texto. As formas que sofrem rotacismo são, de acordo com Morpurgo-Davies (1982, p. 249–50):

1. desinências de ablativo em *-adi*: <-a-ti> e <-Ca-ra/i-(i)>.
2. desinências de terceira pessoa:
 - a) presente *-di*: <-ti> ou <-ra/i-(i)>;
 - b) pretérito *-da*: <-ta> ou <-ra/i>;
 - c) imperativo *-du*: <-tu> ou <-ru>.
3. partículas enclíticas:
 - a) reflexivo / pronominal =*di*: <-ti> ou <-ra/i-(i)>;
 - b) pronominal =*du*: <-tu> ou <-ru>;
 - c) pronominal =*ada*: <-a-ta> ou <-a+ra/i>.
4. itens lexicais, dois deles com etimologia bem estabelecida:
 - a) <á-ru-na> ‘comer’ de PIE **ed*-;
 - b) <*pa+ra/i-za*> (dat.pl., SULTANHAN, §9) de PIE **ped*-, mas também grafado <*pa-da*> (dat.sg., SULTANHAN, §6).

Por comparação com a evidência do luvita cuneiforme⁹ e lício e por razões tipológicas, assume-se atualmente que o rotacismo apenas incindia sobre uma consoante próxima de uma oclusiva sonora dental /d/.¹⁰ Além disso, os sinais previamente considerados intercambiáveis da série /ta/, antigos <*ta₁₋₅*>, deixaram de sê-lo desde o artigo de Rieken (2008), que demonstrou que <*ta₃*> não é intercambiável com <*ta₁₋₂*> e desde o artigo de Rieken e Yakubovich (2010), que demonstrou que os antigos <*ta₄*> e <*ta₅*> correspondem a <*la/i*> e <*lá/fi*>, respectivamente.

⁹ Em luvita cuneiforme, embora irregular, a consoante /d/ é representada pela grafia das dentais sem geminação, como *a-a-ta* /ada/ ‘ele fez’, em contraste com *a-at-ta* /ata/ (conj.+partic.).

¹⁰ Esse /d/ pode ter duas origens, como argumenta Morpurgo-Davies (1982): 1. PIE **d*; 2. PIE **t* em pelo menos dois contextos: a) PIE ŴtV > luv.com. ŴdV; b) PIE ŴCVtV > luv.com. ŴCVdV; i.e., após vogais longas ou ditongos acentuados e entre vogais não acentuadas.

/p/ vs. /b/ e /k/ vs. /g/ Por comparação com o luvita cuneiforme, cujo sistema de escrita diferencia oclusivas surdas e sonoras, ainda que os escribas não registrem a oposição de maneira sistemática ou regular, pode-se supor que o luvita diferenciava também surdas e sonoras para as oclusivas bilabiais e velares. Por vezes utiliza-se outras línguas que tiveram contato com o luvita para decidir se um sinal /CV/ representa uma C surda ou sonora, como no caso do exemplo em (15): a divindade <KuPaPa> parece corresponder à mesma divindade referida pelo assírio antigo ^DKu-ba-ba, pelas formas hititas ^Dku-ba-ba-, ^Dku-pa-pa e ^Dku-pa-wa, hurrita e aramaico kbb e, talvez, pelo grego Κυβήβη.¹¹

(15)	
	DEUS ku pa pa
	(DEUS)Kubaba
	Kubaba

1.2.3 Nasais

/n/ pré-consonantal Uma particularidade da escrita luvita é não grafar o /n/ pré-consonantal onde ele seria esperado pela reconstrução linguística ou comparação com o luvita cuneiforme.¹² Em português, isso tornaria as palavras *manga* e *maga* idênticas na grafia, <ma-ga>. Para escrever a palavra para ‘pais’, grava-se:

(16)	
	tá ti zi
	tatinzi (MARAS 1, §12)

1.2.4 Recomendações bibliográficas

Sobre a fonologia histórica do luvita em relação às demais línguas anatólicas, ver Melchert (1994, p. 229ff.). Para uma descrição detalhada do sistema fonológico luvita, ver Melchert (2003a, p. 177ff.). A tese de Vertegaal (2020) contém discussões sobre a grafia de dentais e vogais longas em luvita.

¹¹ Hdt. 5.102, possivelmente a forma grega foi intermediada pelo lídio *kufad* (4a4). A associação com o grego Κυβέλη (Ar. Av. 876), com o frígio (*matar*) *Kubileya* (B-01), (*matar*) *Kubeleya* (W-04) é problemática, vide Obrador-Cursach (2020, p. 280–1) e Oreshko (2021), que disputa inclusive a associação com a forma grega Κυβήβη.

¹² Alguns interpretam nisso um sinal de que, ao menos no dialeto das inscrições em hieróglifos, os falantes não mais produziam a consoante /n/, mas sim a nasalização da vogal anterior, o que não estaria documentado nos textos luvitas em cuneiforme por conta ou de práticas ortográficas de escribas acostumados com a ortografia cuneiforme do hitita, ou de uma diferença dialetal entre o dialeto da era do bronze e da era do ferro. Se for este o caso, o exemplo (16) representaria /ta.t̪i.tsɪ/.

1.3 Flexão nominal

Os substantivos, adjetivos e pronomes em luvita podem flexionar em gênero (Comum e Neutro), número (Singular e Plural) e caso (Nominativo, Acusativo, Genitivo, Dativo e Ablativo). Pronomes não possuem o sistema de caso completo e por vezes não possuem distinção de gênero. As desinências utilizadas na maioria dos contextos são:

	SG.	PL.
NOM. COM.	-s	NOM. COM.
ACU. COM.	-(a)n	ACU. COM.
NOM./ACU. NEUT.	-n, Ø	NOM./ACU. NEUT.
GEN.	-(a)s, -(a)si	
DAT.	-i(ya), -a, -an	DAT.
ABL.	-adi	ABL.

Por conta das idiossincrasias do sistema de escrita hieroglífico, todas as desinências terminadas em consoantes são grafadas com o sinal correspondente à consoante C em questão na série do /a/, ou seja, <Ca>. Outras particularidades do sistema de flexão nominal do luvita incluem:

- o gênero neutro não diferencia nominativo de acusativo
- os casos nominativo e acusativo neutro singular costumam ser seguidos de uma partícula -sa/za, sendo assim duplamente marcados¹³
- o gênero comum não diferencia nominativo de acusativo no plural
- o caso genitivo não é capaz de expressar pluralidade do possessor
- o caso genitivo compete com os adjetivos possessivos em -asa/i
- a desinência -an do dativo ocorre só em adjetivos possessivos em -asa/i
- o caso ablativo não diferencia singular de plural

1.3.1 Substantivos

Dada a situação fragmentária da língua, não temos o paradigma completo de flexão de nenhum substantivo ou adjetivo. A tabela a seguir contém as formas para o substantivo de gênero comum *huha-* ‘avô’, complementada onde necessário por *ziti-* ‘homem’, *hawi-* ‘ovelha’, *tarkasna/i-* ‘burro’ e *masani-* ‘deus’ e o neutro é representado por *kuwalan-* ‘exército’ e *katin(a)-* ‘vasilha’.

¹³ É possível que essa forma tenha sido derivada do pronome demonstrativo *za-* ‘este, esta’, mas ainda não está claro em quais contextos a partícula aparece e sua história. Em cuneiforme, há uma passagem em que o valor de demonstrativo está preservado: *īzagan=za... šapiyaimman* ‘este i. está s.-ado’ Kbo 29.6 Ro 25.

	SG.	PL.
NOM. COM.	<i>huha-s</i>	<i>huha-nzi</i>
ACU. COM.	<i>huha-n</i>	
NOM./ACU. NEUT.	<i>kuwalan=za</i>	<i>katina</i>
GEN.	<i>ziti-s, hawi-si</i>	
DAT.	<i>huha</i>	<i>tarkasniy-anza</i>
ABL.	<i>huh-adi</i>	<i>masan-adi</i>

1.3.2 Adjetivos

A seguir, a declinação dos adjetivos, utilizando a forma *tati(ya)*- ‘paterno/a’, suplementada por *tarawani-* ‘justo’, *hantiya-* ‘primeiro’ e do adjetivo possessivo *lanisa-* ‘do irmão’.

	SG.	PL.
NOM. COM.	<i>tarawani-s</i>	<i>tati-nzi</i>
ACU. COM.	<i>tarawani-n</i>	
NOM./ACU. NEUT.	<i>tatiya-n=za</i>	<i>tati-ya</i>
GEN.	<i>tarawani-s</i>	
DAT.	<i>tati, lanisa-n</i>	<i>tati-nza</i>
ABL.	<i>hantiy-ari</i>	<i>tatiy-adi</i>

1.3.3 Pronomes

Pronomes pessoais

Formas tônicas Os pronomes pessoais tônicos – também chamados de ortotônicos – não possuem formas de genitivo e seu paradigma é bastante incompleto. A terceira pessoa não possui um pronome pessoal dedicado, sendo utilizado o demonstrativo *apa-* ‘aquele’ no lugar.

	1SG.	1PL.	2SG.	2PL.
NOM.	<i>amu</i>	<i>anzunz(a)</i>	<i>ti</i>	<i>unzunz(a), unzuns(a)</i>
ACU.	<i>amu</i>	?	<i>tu</i>	?
DAT.	<i>amu</i>	?	<i>tu</i>	?
ABL.	?	?	<i>tuwati</i>	<i>unzati</i>

Alguns detalhes sobre as formas tônicas dos pronomes pessoais:

- *amu* pode ser grafado *mu* por aférese
- *tuwati* e *unzati* podem ser formas de possessivos
- o silabograma para <zu>, L.432 \overline{w} , das formas plurais tem leitura disputada, sobretudo para os textos da idade do ferro, Yakubovich (2010, p. 65–68) propõe <*za_x*>.

Formas clíticas Os pronomes pessoais também possuem formas átonas que se comportam de maneira clítica (apoiados fonologicamente na primeira palavra da sentença). Estes pronomes não diferenciam caso, são utilizados no lugar de nominativos, acusativos e dativos e por vezes aparecem junto da forma tônica.

	1SG.	1PL.	2SG.	2PL.
NOM./ACU./DAT.	= <i>mu</i>	= <i>anza</i>	= <i>du</i> , = <i>di</i>	= <i>manza</i>

Clíticos de terceira pessoa A terceira pessoa possui uma série de clíticos próprios com distinção de caso em parte do paradigma:

	3SG.	3PL.
NOM.COM.	= <i>as</i>	= <i>ada</i>
ACU.COM.	= <i>an</i>	= <i>ada</i>
NOM./ACU.NEUT.	= <i>ada</i>	= <i>ada</i>
DAT.	= <i>du</i>	= <i>manza</i>

Pronomes reflexivos Todas as formas de pronomes reflexivos são enclíticas.

1SG.	1PL.	2SG.	2PL.	3SG.	3PL.
= <i>mi</i>	= <i>anza</i>	= <i>di</i>	= <i>manza</i>	= <i>di</i>	= <i>manza</i>

Possessivos

ami- ‘meu’

	SG.	PL.
NOM. COM.	<i>amis</i>	<i>aminzi</i>
ACU. COM.	<i>amin</i>	
NOM./ACU. NEUT.	<i>amanza</i>	<i>ama</i>
DAT.	<i>ami</i>	<i>amiyanza</i>
ABL.	<i>amiyadi</i>	

tuwi- ‘teu’

	SG.	PL.
NOM. COM.	<i>tuwisi</i>	?
ACU. COM.	<i>tuwin</i>	?
ABL.	<i>tuwadi</i>	

anza/i- ‘nossa/o’

	SG.	PL.
NOM. COM.	<i>anzis</i>	?
NOM./ACU. NEUT.		<i>anzaya</i>
ABL.	<i>anziyadi</i>	

unza/i- ‘vossa/o’

	SG.
NOM. COM.	<i>unzis</i>
ACU. COM.	<i>unzin</i>
ABL.	<i>unzadi</i>

Demonstrativos

As formas dos pronomes demonstrativos são *za-* ‘esse, este’ e *apa/i-* ‘aquele’. Formas adverbiais também são formadas a partir dos temas dos demonstrativos, como *zati* ‘aqui’ e *apati* ‘ali’.

za- ‘esse/este’

	SG.	PL.
NOM. COM.	<i>zas</i>	<i>zanzi</i>
ACU. COM.	<i>zan</i>	
NOM./ACU.NEUT.	<i>za</i>	<i>zaya</i>
GEN.	<i>zas, zasi</i>	
DAT.	<i>zati</i>	<i>zatanza, zatiyanza</i>
ABL.	<i>zin</i>	

apa- ‘aquele’

	SG.	PL.
NOM. COM.	<i>apas, apis</i>	<i>apanzi,</i>
ACU. COM.	<i>apan, apin</i>	<i>apinzi</i>
NOM./ACU.NEUT.	<i>apa</i>	<i>apaya</i>
GEN.	<i>apas, apasi</i>	
DAT.	<i>apati</i>	<i>apatanza</i>
ABL.	<i>apin</i>	

Pronome interrogativo e relativo

A forma *kwi/a-* é sempre escrita com o logograma L.329 ⓘ REL e é utilizada tanto com o valor relativo como com o valor interrogativo. O redobro, *kwis kwis* ou *kwis ima kwis*, é utilizado para dar o sentido ‘quem quer que’, também produzido pela forma indefinida *kwis=ha*.

	SG.	PL.
NOM. COM.	<i>kwis</i>	<i>kwinzi</i>
ACU. COM.	<i>kwin</i>	
NOM./ACU.NEUT.	<i>kwa(n)=za</i>	<i>kwaya</i>
DAT.	<i>kwati</i>	<i>kwatanza</i>
ABL.	?	

Derivados desse pronome são:

- advérbios *kwitan* ‘onde (quer que)’ e *kwipa* ‘de fato’
- as conjunções:
 - *kwari* ‘porque, uma vez que, como, se, quando’
 - *kwati* ‘se, de modo que’
 - *kwa(n)za* ‘uma vez que, porque, embora’
 - *kwi* ‘muito embora, enquanto’

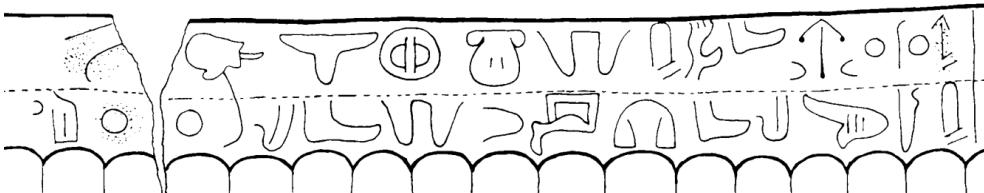
1.4 Leitura: BABYLON 3

Trata-se de um vaso em estado fragmentário (Figura 1.4) escavado por Koldewey na década de 20 onde se acredita ser a cidade de Babilônia, sítio arqueológico de Arpada, noroeste de Alepo, contendo uma inscrição no beiral em cursivas de baixo relevo, sentido sinistroverso, em duas linhas a serem lidas em conjunto (para cada coluna, lê-se o caractere na primeira linha, em seguida o da segunda linha e assim sucessivamente). A inscrição, embora escavada na Babilônia, provavelmente teria sido produzida em Alepo e lá dedicada ao deus do trovão Tarhunta da cidade, o que é indicado pelo epíteto 𒄑𒀭𒀭 TONITRUS.HALPA-pa-ni = *halpa(wa)ni* ‘halabeu’. Desde o período imperial, a combinação dos logogramas L.199+L.84 / 85 𒄑/𒀭 TONITRUS+CRUS₂ / GENUFLECTERE via de regra denota a cidade de Halab.¹⁴ A data de produção é incerta, mas deve cair entre o século IX e VIII AEC.



Figura 1.4: BABYLON 3. Diâmetro: 0.66m.; Profundidade (interna): 0.67m. Imagens produzidas e traçado feito por CHLI 1.2 (plate 212). Atualmente no Vorderasiatisches Museum, Berlin, no. VA Bab. 1507.

¹⁴ Com L.84 CRUS₂ 𒀭: ALEPPO 5; NİŞANTEPE 2, no. 57; İMAMKULU. Com L.85 GENUFLEC-TERE 𒄑: ALEPPO 6; TELL AHMAR 5; KÖRKÜN; BABYLON 1; BABYLON 3; HAMA 1. Também nomes próprios de figuras associadas a Halab são grafados com essa combinação, como Halparuntiya em MARAŞ 1 TONITRUS.HALPA-pa-ru-ti(-i)-ia-.



- (17) 𒀭𒈴𒌑 𒀭𒀭𒉺 𒀭𒆠
 za-ia-wa/i-a “SCALPRUM”-ka-ti-na CERVUS₂-ti-ia-sa
 𒄩𒀭𒉺 𒀭𒄩𒀭𒉺 𒀭𒉺
 TONITRUS.HALPA-pa-ni DEUS.TONITRUS-hu-ti PRAE-na
 [𒀭] 𒀭
 [PONERE]-wa/i-ta
 zaya=wa katina Runtiyas halpawani Tarhungi paran tuwada
- (18) zaya=wa katina Runtiyas
 DET.AC.U.PL. vasilha.NEUT.AC.U.PL. R.COM.NOM.SG.
 halpawani Tarhungi paran tuwada
 halabeu.COM.DAT.SG. T.COM.DAT.SG. PREP. colocar-3SG.
 Estes vasos Runtiya dedicou ao Tarhunta halabeu.

Vocabulário

halpawani- (*adj.*)
 proveniente de Halpa
 halabeu

katina- (*subst.neut.*)
 vaso, vasilha

paran (*prep.*)
 em frente a

Runtiya- (NP)
 Runtiya

Tarhunta- (TE)
 Tarhunta

tuwa- (*v.t.*)
 colocar

2 Flexão verbal, partículas e enclíticos

2.1 Sistema verbal

2.1.1 Flexão

Até onde temos atestação no *corpus*, as formas finitas do verbo luvita flexionam em: (a) voz: ativa e médio-passiva; (b) tempo: presente e pretérito; (c) modo: indicativo e imperativo. Além das formas finitas, também temos em luvita o infinitivo, o gerundivo, uma forma de substantivo verbal e participios na voz ativa e passiva.

Desinências do indicativo A tabela a seguir contém as desinências do indicativo.¹ As formas médias terminadas em *-si* talvez representem a adição de um pronome reflexivo *-si*, não atestada em nenhum outro contexto.

Presente do indicativo		Pretérito do indicativo	
ativo	médio-passivo	ativo	médio-passivo
1sg. <i>-wi</i>	?	<i>-ha</i>	<i>-hasi</i>
2sg. <i>-si</i> [- <i>tis</i>]	<i>-ta</i>	?	
3sg. <i>-di/-ri</i> , [- <i>i</i> , - <i>ia</i>]	<i>-adi/-ari</i>	<i>-da, -ta</i>	<i>-asi, -tasi</i>
1pl. ?	?	<i>-han(?)</i>	?
2pl. <i>-tani</i>	?	?	?
3pl. <i>-nti</i>	?	<i>-nta</i>	<i>-antasi</i>

As formas de 3sg.pres.atv. *-ri* e 2pl.pres.atv. *-rani* são rotacizadas. A forma 1pl.pres.atv. *-han* talvez seja uma forma singular, conforme proposto por Carubá (1984) contra Morpurgo-Davies (1980). Autores mais antigos interpretaram incorretamente a desinência gerundiva *-min(a)* como 1pl.pres.atv.

¹ Nas tabelas a seguir, as formas em colchetes são particularmente raras. As formas com ? não são atestadas.

Desinências do imperativo A tabela a seguir contém as desinências do imperativo.

	Imperativo	
	ativo	mp.
2sg.	Ø	?
3sg.	-du	-aru
2pl.	-ranu	?
3pl.	-ntu	?

A forma 2pl.imp. *-ranu* é rotacionada de uma forma não atestada *-*tanu*.

Formas não-finitas As formas não finitas atestadas são:

- Particípio passivo: *-ama/i-*²
- Substantivo verbal: *-ur-*
- Infinitivo: *-una*
- Gerundivo: *-min(a)*

2.1.2 Quadro de conjugação

O quadro a seguir contém a conjugação do verbo *izi(ya)* ‘fazer’, com as formas do verbo *la-* ‘pegar’, *tuwa-* ‘colocar’, *pi-* ‘dar’, *as-* ‘ser’, *hwihwisa-* ‘correr’ e *tumanti-* ‘escutar’ onde necessário por falta de atestação.

Pres. ind.		Pret. ind.		
atv.	mp	atv.	mp	
1sg.	<i>iziyawi</i>	?	<i>iziyaha</i>	<i>izihasi</i>
2sg.	<i>lasi</i>	<i>piyata</i>	?	?
3sg.	<i>izidi, piyai</i>	<i>iziyari</i>	<i>izida, tuwata</i>	<i>hwihwisasati</i>
1pl.	?	?	<i>izihan(?)</i>	?
2pl.	<i>asatani</i>	?	?	?
3pl.	<i>poyanti</i>	?	<i>iziyanta</i>	<i>iziyantasi</i>

² Talvez haja uma única atestação de um particípio passivo em *-ant-*: *harwatanza* ‘viajando’ (JISR EL HADID 4, §4).

	Imp.	
2sg.	<i>iziyā</i>	?
3sg.	<i>iziyadu</i>	<i>iziyaru</i>
2pl.	<i>tumantiranu</i>	?
3pl.	<i>iziyantu</i>	?
Particípio passivo		<i>tumantimi-</i>
Infinitivo		<i>lana</i>
Gerundivo		<i>iziyamin(a)</i>

2.1.3 Morfologia derivacional

Sufixos Algumas formas verbais são produzidas por derivação, utilizando os seguintes sufixos:

(a) *-sa-*: sentido iterativo:

maranuha ‘eu destrui’ (KARKAMIŠ A1a, §9)



maranusaha ‘eu destruí várias vezes’ (TELL AHMAR 6, §6)

(b) *-za-*: sentido iterativo:

waliyanta ‘eles ergueram’ (KARKAMIŠ A14a, §§6, [7])



waliyazanta ‘eles ergueram (repetidamente)’ (IZGIN 1, §18)

(c) *-nu(wa)-*: sentido causativo:

taha ‘eu ergui’ (ARSUZ 1+2, §§9)



tanuha ‘eu fiz erguer’ (KARKAMIŠ A6, §19)

Redobro O redobro é utilizado por vezes para produzir o sentido iterativo:

sarlati ‘ele oferece’ (ANCOZ 9, §2)



sasarlai ‘ele sempre oferece’ (BULGARMADEN, §11)

Prevérbios Prevérbios são preposições que alteram o sentido do verbo. As mais comuns são:

- | | |
|-----------------------------------------|------------------------------------|
| (a) * <i>anan</i> ‘abaixo, para baixo’ | (f) CUM- <i>ni/-i</i> ‘?’ |
| (b) <i>anta</i> ‘em, dentro’ | (g) * <i>kata</i> ‘para baixo’ |
| (c) <i>antan</i> ‘para dentro’ | (h) <i>paran(i)</i> ‘na frente de’ |
| (d) <i>apan(i)</i> ‘atrás (de)’ | (i) <i>pari</i> ‘por cima’ |
| (e) <i>arha</i> ‘completamente, embora’ | (j) <i>sara</i> ‘para cima’ |

2.1.4 Usos

Voz A voz ativa é utilizada para ações que o sujeito realiza. A voz médio-passiva é usada para: (a) ações que o sujeito realiza em proveito próprio (média); (b) ações que o sujeito sofre (passiva). A voz passiva costuma ser expressa pelo participípio passivo.

Tempos O presente expressa o presente, futuro e presente histórico (quando coordenado com um pretérito). O pretérito é utilizado para expressar todos os sentidos de passado bem como estados presentes resultantes de ações pretéritas.

Modos O indicativo expressa tanto estados de coisas factuais ('fazer') quanto estados de coisas deônticos ('dever fazer'). Ordens são expressas pelo imperativo, que também pode expressar desejos ('querer que faça'), sobretudo na terceira pessoa. A proibição é expressa pela sequência de *nis* (NEG₂) + indicativo presente, salvo nas cartas de Assur.

Substantivo verbal A classe dos substantivos verbais é hipotética e dependente da interpretação das chamadas *hatura-clauses*. Assumindo que *hatura* signifique 'carta, escrita' e seja um substantivo verbal de *hat-* 'escrever', a expressão composta por um substantivo verbal + *as* 'ser/estar' tem valor deôntico: *hatura asatani* 'vós deveis escrever / vós (me) deveis cartas'.³

Gerundivo O gerundivo sempre expressa uma obrigação e é utilizado junto do verbo *as-* 'ser/estar'.

2.2 Partículas e clíticos

Como é comum nas línguas anatólicas, a segunda posição de uma sentença (e por vezes oração) é reservada para partículas e demais formas enclíticas (i.e. sem acento próprio) dispostas em uma ordem regular, ocupando a *posição de Wackernagel*, também conhecida de outras línguas indo-europeias.⁴

A primeira posição da sentença é ocupada por um termo *ortotônico*, seja um substantivo, adjetivo, pronome, verbo ou advérbio ou pelo conectivo ortotônico *a* 'e'. As posições seguintes são opcionais: 2. conectivos =*ha* 'e' e =*pa* 'mas'; 3. partícula citativa/*quotative* =*wa*; 4. pronomes enclíticos (os dativos precedem

³ Para uma interpretação distinta, ver Waal (2021).

⁴ O fenômeno também é conhecido como *primeira lei de Wackernagel*. Para mais detalhes sobre a cadeia de clíticos em anatólico, ver GrHL §30.15-21, bem como Garret (1989, 1990) e Agbayani e Golston (2012). Para detalhes sobre a cadeia de clíticos em outras línguas indo-europeias, ver a seção final de Goldstein (2014).

nominativos ou acusativos se houverem) 5. a partícula locativa =ta, equivalente ao hit. =(a)šta.⁵

Esquematicamente:

P1	Conektiva	Citativa	Pronomes	Locativa
termo a 'e'	=ha 'e'	=wa	dat. > nom./acc.	=ta
	a 'e'	=pa 'mas'		

=ata vs. =ta Os clíticos pronominais de terceira pessoa no *nom./acu. com./neut. pl.* e *nom./acu. neut. sg.* tem a forma =ata, que ortograficamente poderia se confundir com a partícula locativa =ta quando seguindo uma palavra ou clítico terminado em /a/ e os esforços de distinguir ambos são notados em diversos comentários dos primeiros volumes do CHLI.⁶ No entanto, desde Rieken (2008), está claro que o pronome clítico de terceira pessoa =ata é escrito **sempre** com o sinal L.41 𐎁/𐎂 da (previamente transcrito por *ta₃/tā*), enquanto a partícula locativa =ta sempre é grafada com L.100 𐎃 ta e L.29 𐎄 tā.

2.3 Leitura: HAMA 2

As inscrições HAMA 1–3 e 6–7 formam um conjunto de inscrições monumentais em blocos de pedra possivelmente partes da construção à qual o texto se refere. Todas as inscrições anunciam a construção de uma fortaleza pelo rei Uratamis, em algumas mencionando povos que participaram das obras ou grupos circundados por tal fortaleza (provavelmente os muros de Hamath, atual Hama na Síria). As inscrições HAMA 1–3 foram descobertas em aproximadamente 1870, de acordo com os relatos de Burton e Drake (1872, pp. 333ff.), embora já fossem conhecidas desde pelo menos 1812. Por sua vez, as inscrições HAMA 6–7 foram descobertas em aproximadamente 1970 e primeiro publicadas em 1990 por Marie-Louise Buhl e P.J. Riis.

A datação das inscrições é de aproximadamente 830 AEC, uma vez que o rei Uradamis é filho de Urhilina (*ass. Irhuleni*),⁷ conhecido por sua participação

⁵ O sentido desta partícula é incerto, mas está associada a verbos cujo sentido denota ‘cruzar’, ‘atravessar’ ou ‘reverter’. Josephson (1972, p. 419) propõe que esta partícula, bem como o hit. =(a)šta denotariam originalmente “a passagem de um domínio espacial para outro através de um limite qualquer”, utilizando seguinte exemplo do luvita cuneiforme: *[(w)]ār=ša=tta* ÍD-ti *[nan]amman ... [w]ār=ša=tta zil [a* ÍD-i] anda [(n)]āwa ‘á agua é levada (embora) do rio, a agua assim não voltará mais ao rio’ (KUB 35.54 iii 17–20).

⁶ Hawkins (2000a,b,c) e Hawkins e Çambel (1999).

⁷ A leitura do nome de Uradamis varia dependendo do autor e época da publicação, sendo a mais frequente na bibliografia a forma Uratamis. Como mencionado ao longo deste curso, até Rieken (2008), não se diferenciava a interpretação fonológica de L.100 𐎃 ta, L.29 𐎄 tā e L.41 𐎁/𐎂 tā, mas hoje podemos com confiança realizar a correção L.41 𐎁/𐎂 tā → da. Outro problema é se há ou não uma vogal /a/ no sinal <ra/i>, sendo assim possível que o nome seja ou Uradamis ou Urdamis. A vocalização do sinal <ra/i> é resolvida no caso de Urhilina

na batalha de Qarqar (853 AEC) por meio das inscrições do rei assírio Salmānu-ašarēd III (Salmanaser III).⁸ Ao que tudo indica, as inscrições foram encontradas na região em que foram inicialmente produzidas e expostas, revelando a presença de cidades-estado neo-hititas muito mais ao sul do que o antigo império hitita da era do bronze.



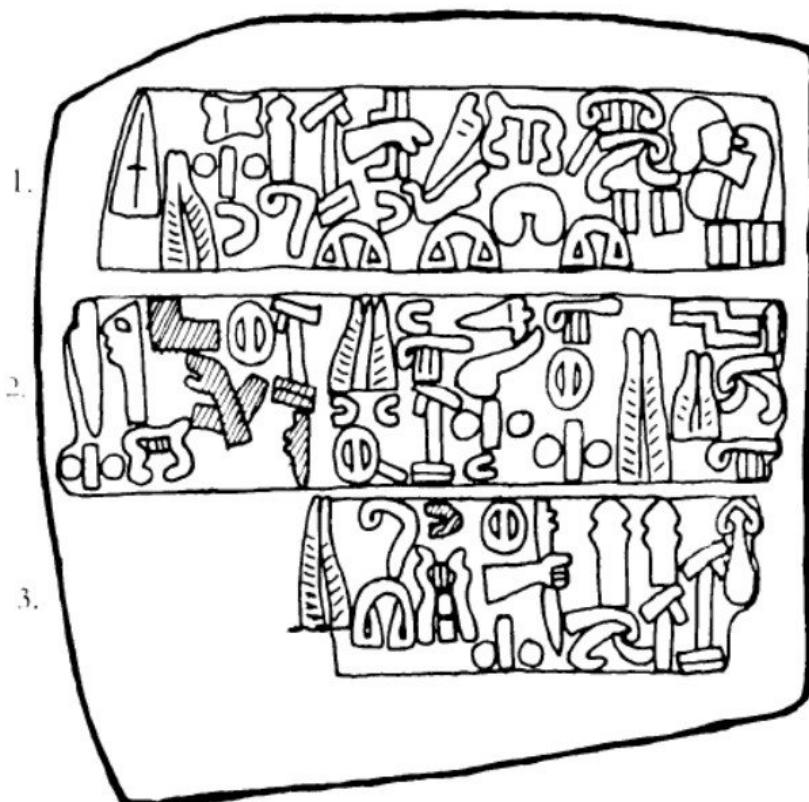
A inscrição HAMA 2 (Figura 2.1) está atualmente locada junto de HAMA 1 e 3 no Eski Şark Eserleri Müzesi, Istambul (no. 7890).



Figura 2.1: Inscrição HAMA 2. Dimensões da inscrição: $0.36 \times 0.31\text{m}$. Imagens de Bora Bilgin, 2006, disponíveis em [Hittite Monuments](#). Edição e traçado em [CHLI 1.1](#), pp. 411ff. e plates 221–2.

⁸ pela existência da forma assíria do nome, Irhuleni.

⁸ Mais detalhes sobre Irhulani/Urhilina e Salmānu-ašarēd/Salmanaser III em [RLA](#), v. 05 p. 162.



- 1 EGO-*mi* MAGNUS+*ra/i-da-mi-sa u-ra/i-hi-li-na-sa* FILIUS.NI-*za-sa*
 i-ma-tú-wa/i-ni(REGIO) REX

2 *a-wa/i á-mu* AEDIFICARE+*MI-ha za-'* (“CASTRUM”) *hara/i-ni-sà-za*
 la-ka-wa/i-ni-sà-ha-wa/i(REGIO) FLUMEN.REGIO-*da-i-sà*

3 REL-*za i-zi-i-da a-tá-ha-wa/i ni-ki-ma-sa*(REGIO)

- 1 *amu=mi Uradamis Urhilinas nimuwizas imatuwani hantawatis.*
2 *a=wa amu tamaha za harnisa=za, lakawanis hapadis*
3 *kwa=za izida, anta=ha=wa Nikimas.*

- 1 *amu =mi Uradamis Urhilinas*
 PRO.1SG. =REFL.. U.-COM.NOM.SG. U.-COM.GEN.SG.
 nimuwigas imatuwani hantawatis.
 filho-COM.NOM.SG. imatuano-COM.NOM.SG. rei-COM.NOM.SG.
 Eu sou Uradamis, filho de Urhilinas, rei imatuano.
- 2 *a =wa amu tamaha za*
 CONJ. =CLT. PRO.1SG. construir-1SG.PRET. PRO.NEUT.ACUSG.
 harnisa=za,
 fortaleza-NEUT.ACUSG.=CLT.
 E eu (mesmo) construí esta fortaleza,
|| *lakawanis =ha =wa hapadis*
 L.COM.NOM.SG. =CONJ. =CLT. fluvial-COM.NOM.SG.
- 3 *kwa=za izida,*
 REL.NEUT.ACUSG.=CLT. fazer-3SG.PRET.
 a qual o povo de Laka fez,
 anda=ha=wa Nikimas.
 dento=CONJ.=CLT. N.COM.NOM.SG.
 E dentro [dela está] Nikima.

Vocabulário

<i>amu</i> (pron.1sg.)	<i>izi(ya)-</i> (v.t.)
eu	fazer, criar
<i>anda</i> (adv.)	<i>lakawani-</i> (adj.)
dentro	proveniente de Laka
<i>halpa-</i> (TO)	<i>nikima-</i> (TO)
Halpa	Nikima
<i>halpawani-</i> (adj.)	<i>nimuwiza-</i> (subst.com.)
proveniente de Halpa	filho
halabeu	<i>tama-</i> (v.t.)
<i>hantawati-</i> (subst.com.)	construir
rei	<i>Uradami-</i> (NP)
<i>hapadi-</i> (adj.)	Uradamis
fluvial	<i>Urhilina-</i> (NP)
<i>harnisa-</i> (subst.neut.)	Urhilina
fortaleza	
<i>imatuwani-</i> (adj.)	
proveniente de Hama	
imatuano	

Notas

Linha 1 amu=mi ‘eu (sou)’: o verbo *as-* ‘ser, estar’ é com frequência deixado implícito em sentenças nominais e nestes casos costuma-se utilizar a forma reflexiva do pronome.

imatuwani ‘imatuano, proveniente de Hama’: em casos muito raros, a desinência do nominativo singular comum não é expressa na grafia, algo que é mais comum em inscrições majoritariamente logográficas. A série de inscrições de Uradamis em Hama (1–3 e 6–7) não utilizam a desinência no gentílico *imatuwani-*. Curiosamente, as inscrições de Urhilina, pai de Uradamis, HAMA 4, RESTAN, QAL’AT EL MUDIQ e HINES, também não empregam desinência de nominativo no gentílico e, em adição, não incluem a desinência no nome próprio do rei. HAMA 8, no entanto, também de Urhilina, emprega a desinência no gentílico, mas não no nome do rei. Algumas outras inscrições escavadas em Hama, a saber, MEHARDE e SHEIZAR, empregam regularmente as desinências.

nimuwizas ‘filho’: por vezes, assume-se a existência de *niza-* ‘filho’, um sinônimo de *nimuwiza-* ‘filho’, mas atualmente entende-se que a grafia <FILIUS-ni-za-sa> e similares representam o logograma FILIUS com o complemento fonológico *NI* e /za-sa/ representem a fonologia da forma subjacente, daí que transliteramos FILIUS.NI-za-sa ([CHLI 3 ad loc.](#)).

▲ = **hantawatis** ‘rei’: a forma sempre é escrita com ▲ e nunca é escrita com sua fonologia completa, apenas com o final *ti-*.⁹ Reconstrói-se a forma subjacente a partir do luvita cuneiforme *handawati-* ‘rei’.

Linha 2 amu ‘eu’: quando o pronome pessoal é utilizado, costuma-se entender que seja para denotar algum tipo de ênfase, algo como ‘eu mesmo, fui eu que...’.

☒ |||○ = **tamaha** ‘(eu) construi’: note no traçado da inscrição que ||| está *em volta* da mão do logograma ☒. Este uso é frequente para indicar que a forma subjacente de um certo logograma contém em alguma parte de seu tema um fonema /m/, independentemente do valor da vogal.¹⁰

↑\ = **za’ = za**: o sinal L.450 \ funciona aqui de espaçador. **harnisa=za**: =za como partícula de dupla marcação do acusativo neutro singular.

Linhos 2-3 la-ka-wa/i-nis=ha=wa/i REGIO ‘povo de Laka’: notar que o logograma determinativo aparece no *final* da escrita fonológica e após a cadeia de clíticos.

☒☒☒☒ = **hapadis** ‘[terra] fluvial; alagadiço’: nas inscrições HAMA 1–3, parece que os escribas imatuanos, para deixarem claro que uma sílaba /Ti/ contém

⁹ Raríssimas vezes, com -ta-.

¹⁰ Por vezes, além do complemento fonológico anexado ao logograma, a sílaba /ma/ é representada por silabogramas: AEDIFICARE.MI-ma-da = *tamada* ‘ele construi’ (KARATEPE 2, §1).

uma oclusiva sonora /d/, escrevem a sequência  <da-i> ao invés de empregarem o silabograma  <ti>, que poderia representar tanto /ti/ quanto /di/. No resto do *corpus*, a forma é regularmente escrita com  <ti>. ¹¹

lakawanis... hapadis ‘povo da terra fluvial de Laka’: sujeito da oração relativa iniciada na linha seguinte por *kwa(n)=za*. O motivo da prolepse é incerto, mas pode-se argumentar que a troca de sujeito/tópico de Uradamis para o povo de Laka a tenha motivado.

kwa(n)=za ‘a qual’: o referente da relativa é *harnisa=za* [2].

izida ‘fez’: o contraste feito entre *amu tamaha* ‘eu (mesmo) construí’ e *lakawanis hapadis kwa(n)=za izida* ‘o povo da região fluvial de Laka que a fez’ é bastante marcado tanto pela presença do pronome pessoal quanto pela prolepse do sujeito da oração relativa. O mesmo ocorre em todas as outras inscrições HAMA 1–3 e 6–7:

- HAMA 1: *hurpadawanis hapadis kwa=za izida* ‘a qual o povo da região fluvial de Hurpada fez’
- HAMA 3: *musanipawanis hapadis kwa=za izida* ‘a qual o povo da região fluvial de Musanipa fez’
- HAMA 6: *kusunalanzi kwa=za iziyanta* ‘a qual os kussunalitas fizeram’
- HAMA 7: MONS *labarnawanis hapadis kwa=za izida* ‘a qual o povo da região fluvial do monte Labarna fez’

anda=ha=wa ‘é dentro [está]’: as inscrições HAMA 1, 2 e 7 terminam com esta fórmula seguida de um topônimo. A fortaleza não poderia cobrir a extensão necessária para conter todos os territórios nomeados, de modo que se a interpretação for literal ‘dentro da fortaleza está X’, deve-se entender ‘dentro está parte da população de X’, talvez aquartelada para defender a fortaleza. Outra interpretação possível é que em 1, 2 e 7, estejam sendo adicionados outros povos à lista dos que fizeram, com o sentido ‘fortaleza a qual o povo Y fez, incluindo o povo de X’.

Tradução

[1] “Eu sou Uradamis, filho de Urhilina, rei imatuano. [2] Eu mesmo construí esta fortaleza, (e) o povo de Laka, região fluvial, [3] que a fez e dentro está Nikima

¹¹ Para uma interpretação contrária, ver Simon (2019), que propõe que o sinal L.41 possa ter também o vocalismo em /i/, assim <da/i>.

3 Sintaxe

3.1 Concordância

Adjetivos concordam em gênero, número e caso com seu substantivo. Adjetivos modificando um possessor expresso por um adjetivo de posse em *-asi-* concordam com o adjetivo de posse:

- (1) *wasu-s* *Runtiy-asi-s* *nimuwiza-s*
 bom-NOM.SG.COM. R.-poss.-NOM.SG.COM. filho-NOM.SG.COM.
 o filho do bom Runtiya *ou* bom filho de Runtiya

Verbos concordam com o sujeito em número e pessoa.

Verbos com seu sujeito no neutro plural podem permanecer no singular:

- (2) *katin-a* *wasuw-a* *as-ti*
 vasilha-NOM.PL.NEUT. bom-NOM.PL.NEUT. ser-3SG.IND.PRES.
 as vasilhas são boas

Numerais acima de um podem modificar substantivos no singular.

3.2 Uso dos casos

Nominativo Caso do sujeito e predicativo do sujeito. Orações predicativas na maioria das vezes não utilizam o verbo *as-* ‘ser’.

- (3) *katin-a* *wasuw-a* *(as-ti)*
 vasilha-NOM.PL.NEUT. bom-NOM.PL.NEUT. (ser-3SG.IND.PRES.)
 as vasilhas são boas

Acusativo Expressa normalmente o objeto direto da oração. Outros usos incluem: (a) duplo acusativo: *amu=pa=wa=n zadi istran dahan* ‘aqui eu o peguei pela mão’¹; (b) duração de tempo: ‘ANNUS’-an ANNUS-an ‘ano após ano’.

¹ KARKAMIŠ A7, §3.

Genitivo Expressa posse e pode ser substituído pelo adjetivo de posse em *-asi-* e a pluralidade apenas pode ser entendida a partir do adjetivo de posse:²

- (4) a. *tati-s masan-inzi*
 pai-GEN.SG.COM. deus-NOM.PL.COM.
 os deuses do pai
 b. *tat-as-inzi masan-inzi*
 pai-poss.-NOM.PL.COM. deus-NOM.PL.COM.
 os deuses dos pais/do pai/paternos

Dativo–Locativo Expressa tanto o objeto indireto do verbo quanto o local em que a ação verbal ocorre. Outros valores semânticos podem ser expressos pelo dativo: (a) dativo de posse/interesse: *a=wa=ti alamanza izisatai* ‘ele honra o nome **para si** → ele honra **seu próprio nome**';³ (b) direção/alativo: *apatanza=pa=wa=ta walilidanza aminzi tatinzi huhanzi=ha ?-linzi=ha na hwihwisan* ‘Meus pais, avôs e bisavôs não marcharam **para estes territórios**';⁴ (c) dativo de comparação: Ver [Seção 3.4](#); (d) tempo em que algo ocorre: *apadi ANNUS-usi* ‘naquele ano’; (e) objeto de infinitivos (raro).

Ablativo–Instrumental Expressa lugar de origem de um movimento, separação ou instrumento de uma ação. Outros usos incluem: (a) causa de um evento: *a=wa=mu amis nanis Tarhuntas, Karhuhas, Kubabas=ha amiyati tarawanidi azanta* ‘E **por causa da minha justiça**, meus senhores Tarhunta, Karhuha e Kubaba me amaram’;⁵ (b) agente da passiva: *masanadi azamis hantawatis* ‘rei amado **pelos deuses**’.

3.3 Posposições

Diferentemente do português, o luvita possui posposições. Salvo a posposição *arha* ‘para longe de’, que recebe ablativo, todas as preposições recebem dativo.

² Há dois exemplos de inscrições provenientes de Commagene da idade do ferro em que um genitivo em *-as(i)* parece expressar pluralidade do possessor, a saber, ANCOZ 7, §4 ([CHLI 1.2](#), p. 356) e GELB, §1 ([CHLI 1.2](#), p. 569). Há sinais em luvita cuneiforme de que formas propriamente pluralizadas de adjetivos possessivos tenham sido produzidas ([YAKUBOVICH, 2010](#), pp. 45ff.).

³ KARKAMIŠ A1b, §2.

⁴ KARKAMIŠ A11b+c, §8.

⁵ KARKAMIŠ A11a, §7.

3.4 Comparação

A comparação pode ser construída por dois dispositivos sintáticos:

- (a) adjetivos seguindo FRONS-*li*- = *hantili*- ‘o mais X’:

hantili ARGENTUM.DARE-siya

‘o mais caro’⁶

- (b) Subst_{1,i} – Subst_{2,dat.} — Adj_i = ‘Subst₁ é mais Adj que Subst₂’:

apas=wa=mu lananza uran izida

‘ele me fez **maior** que os irmãos’⁷

3.5 Advérbios

Além dos advérbios produzidos a partir dos pronomes relativos e demonstrativos, pode-se produzir advérbios a partir de adjetivos utilizando o acusativo neutro de qualquer adjetivo: *wasu usanusaha* ‘eu me aproveitei bem’.⁸

3.6 Ordem de palavras

Via de regra, a ordem de palavras ‘não-marcada’ é sujeito–objeto–verbo (SOV). Os pronomes relativos e outros complementizadores ocorrem no meio da sentença. Pronomes relativos, em geral, seguem o sujeito.⁹ Pronomes interrogativos ocorrem em primeira posição, normalmente. A negação precede o elemento negado ou, caso o escopo seja a oração por completo, o a sequência de prevérbio + verbo.

3.7 Orações interrogativas

Como mencionado em Seção 3.6, orações interrogativas abertas – i.e. que contém um pronome interrogativo – são iniciadas pelo pronome da série *kwi*. Orações interrogativas polares – i.e. de sim e não – devem ser identificadas pelo contexto.

3.8 Coordenação

As partículas adversativa =*pa* e aditiva =*ha* são mutualmente exclusivas. O assíndeto é comum tanto quando a coordenação ocorre no escopo oracional quanto no escopo de dois ou mais substantivos. Para conectar dois ou mais

⁶ KARKAMIŠ A11a, §17.

⁷ TEL AHMAR 1, §16.

⁸ BULGARMADEN, §8.

⁹ Ainda é necessário um estudo mais específico sobre ordem de palavras e orações relativas, pessoalmente acho pouco convincente essa regra.

substantivos, a partícula *=ha* é adicionada ao último elemento ou a todos os elementos menos o primeiro.

- (5) a. *Tarhuntas Karhuhas Kubabas=ha*
 T. K. K.=CONJ.
 Tarhunta, Karhuha e Kubaba¹⁰
 b. *tatinzi huhanzi=ha ?-linzi=ha*
 pais avôs=CONJ. bisavôs=CONJ.
 pais, avôs e bisavôs¹¹

Caso o último elemento seja composto por múltiplas palavras, *e.g.* adjetivo + substantivo, a coordenação se apoia no primeiro elemento:

- (6) *tipasis Tarhunzas, tipasis Tiwazas, Iyas, taniminzi=ha masaninzi*
 celeste T. celeste T. I. todos=CONJ. deuses
 o celete Tarhunza, o celete Tiwada, Ea e todos os deuses¹²

3.9 Subordinação

Como mencionado em Seção 3.6, partículas de complementizadores/subordinadores ocorrem no meio da sentença, por vezes como última palavra. A parataxe, no entanto, é comum.

Causais As conjunções causais são *kwari*, *kwanza* e *kuman*, os verbos ocorrem no indicativo.

- (7) a. *na=wa=n kwari pitahaliyaha...*
 Porque eu não o adquiri...¹³
 b. *taruwis=pa=wa=mu=ta kwanza zatiyanza haristananza apan awida...*
 Porque a madeira para estes andares superiores veio depois...¹⁴
 c. *a=wa=ri kuman hatura...*
 Já que você (deve) escrever...¹⁵

Condicionais As conjunções condicionais são *kwadi/kwari*. O verbo da apó-dose (resultado da condição) pode aparecer tanto no presente do indicativo quanto no imperativo enquanto o verbo da prótese (condição) sempre é atestado no indicativo presente.

¹⁰ KARKAMIŠ A11a, §7.

¹¹ KARKAMIŠ A11b+c, §8.

¹² KARATEPE 1, §LXXIII, Hu.

¹³ KARKAMIŠ A11b+c, §31.

¹⁴ KARKAMIŠ A11b+c, §33.

¹⁵ ASSUR f+g, §11.

- (8) *hantawatadi=pa=wa kwari kwis=ha ... za asazaya ..., a=wa=ta arha itintu tipasis Tarhunzas, tipasis Tiwazas, Iyas, taniminzi=ha masaninzi hantawata-hisa apan=ha hantawatin, apan=ha=wa CAPUT-in.*
 Se alguém entre os reis (...) proclamar o seguinte (...), que o celeste Tarhunza, o celeste Tiwaza, Ea e todos os deuses apaguem totalmente o reino e este rei e este homem.¹⁶

Concessivas As conjunções concessivas são *kwi* e *kwa(n)za*.

- (9) a. *Kamanis=pa=wa kwi nirawanis asta...*
 Embora Kamanis fosse criança...¹⁷
 b. *nirawanis=wa=sa kwanza asta...*
 Embora ele fosse criança...¹⁸

Consecutivas A conjunção consecutiva é *kwati* ‘de modo que, para que’.

- (10) *kwipa=wa=ta LOCUS-atanza apatanza harnisa anta tamaha, Adanawas= =wa kwati warayamala asai*
 Então eu construí fortalezas naqueles lugares, de modo que Adanawa ficasse em paz.¹⁹

Relativas As orações utilizam toda a série do pronome relativo *kwi*- . Em geral o pronome está posicionado logo depois do sujeito (ver nota acima).

- (11) *haniyataya=pa=wa kwaya taskwiri anda asta, a=wa=ta taskwiriri arha par-haha*
 Mas os males que haviam dentro do território, eu os expulsei do território.²⁰

Temporais A conjunção temporal é *kwi* ‘quando’

- (12) *aminzi=ha=wa tatinzi huhanzi=ha kwí azusataluna ... PES₂.PES₂-danta, kwipa=wa Runtiyas na kwishan wariyata.*
 E quando meus pais e avôs iam cavalgar, de fato Runtiya não os ajudou de modo algum.²¹

¹⁶ KARATEPE 1, §§LIX–LXXIII, Hu.

¹⁷ KARKAMIŠ A6, §18.

¹⁸ KARKAMIŠ A7, §5.

¹⁹ KARATEPE 1, §§XXIII–XXIV, Hu.

²⁰ KARATEPE 1, §§XII–XIII, Hu.

²¹ BOHÇA, §10–11.

3.10 Leitura: BOHÇA

A inscrição ([Figura 3.1](#)) é conhecida desde 1901, tendo sido encontrada em uma colina do vilarejo de Bohça (Bozca ou Bahçeköy), provavelmente no contexto original e está atualmente locada no Kayseri Arkeoloji Müzesi (no. 6). O governante Kurtis filho de Ashwisis talvez possa ser identificado com o mesmo governante mencionado por Sargão II por Kurti de Atunna entre 718–713 AEC, e o estilo da inscrição corresponde ao esperado para este período. A associação, no entanto, depende da localização de Atunna. Bohça está no meio da região conhecida das fontes neo-assírias pelo nome de Tabal que, na idade do ferro, era composta por diversas pequenas cidades-estado.

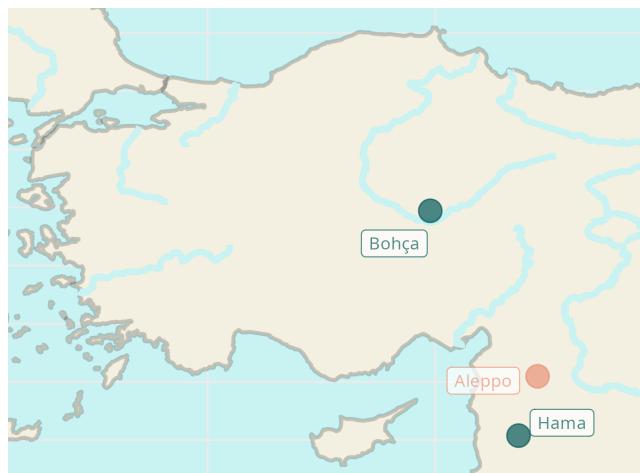
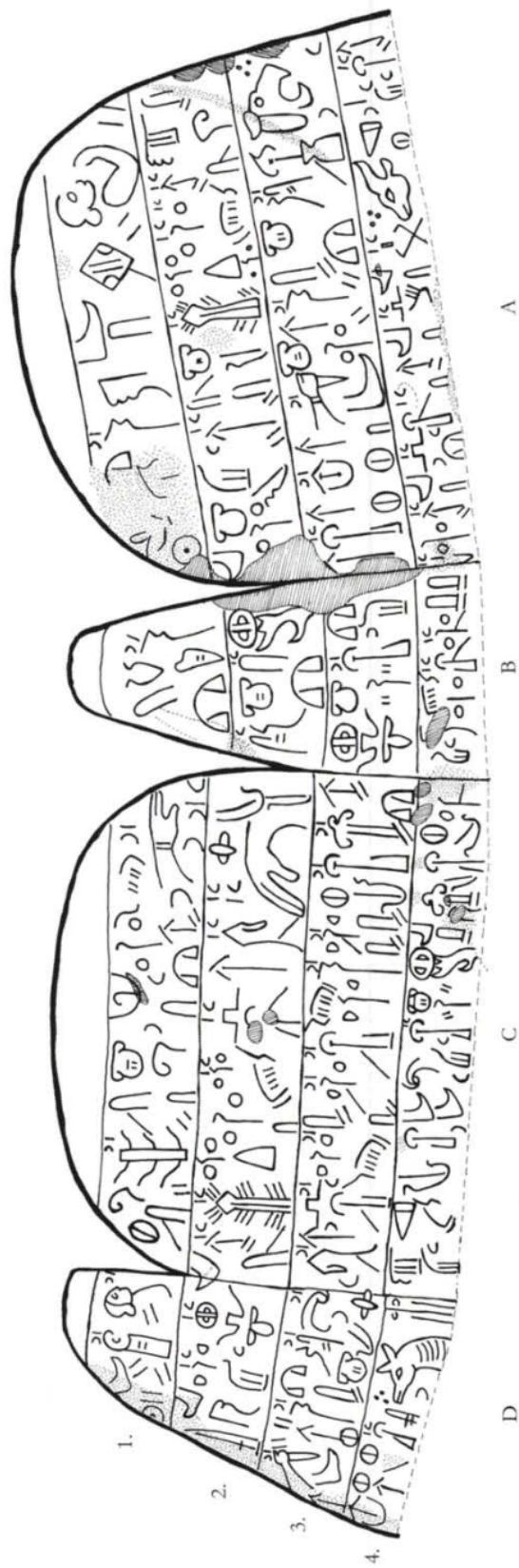


Figura 3.1: Inscrição BOHÇA. Dimensões da inscrição: $1.26 \times 0.63\text{m}$. Imagens de Cüneyt Süer, 2011, disponíveis em [Hittite Monuments](#). Edição e traçado em [CHLI 1.1](#), pp. 478ff. e plate 265.



- 1 EGO-*mi* [?]ku+ra/i-ti-i-sá |á-[sa-hwi/a-si]-sa₄ |HEROS-li-i-sa
|“FILIUS”-ni-mu-wa/i-za-sa “OCCIDENS”i-pa-ma-ri+i-i
|ORIENS+MI-ma-ri+i-ha |PRAE |AUDIRE+MI-ti-mi-[sa₄] || []REX-ti-sá

2 |wa/i-ta |DEUS.TONITRUS-hu-ti |za-ri+i |BONUS-wa/i-su-wa/i-i

3 |wa/i-mu |TERRA-kwi+ra/i-zi |SUPER+ra/i |“CAPERE”(-)lu/a/i-na-'
|pi-pa-sa-i

4 |DEUS.CERVUS₃-ti-pa-wa/i-ta-' |za-ri+i(-)ia(-)pa-a
|BONUS-wa/i-su-wa/i-i

5 |wa/i-mu |za-ri+i |sà-ma-ia || |“ANIMA.LEO”-hwi/a-sa₅+ra/i |pi-pa-sa-ia

6 |á-mi-zi-pa-wa/i |tá-ti-zi-i |AVUS-ha-zi-ha |REL-zi [?]sa-ta

7 |REL-pa-wa/i DEUS.TONITRUS-hu-za-sa |NEG₂ |REL-ha-na
|wa/i+ra/i-ia-ia

8 |á-mu-wa/i |REL+ra/i |wa/i+ra/i-ia-ia

- 1 *amu=mi Kurtis, Ashwisis HEROS-lis nimuwizas, ipamari kistamari=ha paran tumantimis hantawatis.*
 - 2 **a=wa=ta Tarhunti zari wasuwi,*
 - 3 **a=wa=mu taskwirinzi sara luna pipasai.*
 - 4 *Runt(iy)i=pa=wa=ta zari ?? wasuwi,*
 - 5 **a=wa=mu zari samaya hewisara pipasaya.*
 - 6 *aminzi=pa=wa tatinzi huhanzi=ha kwinzi *asata,*
 - 7 *kwipa=wa Tarhunzas na kwishan wariyaya,*
 - 8 *amu=wa kwari wariyaya:*

9 የሚሸጠው እና ስራው በዚህ የሚሸጠው እና ስራው
10 ይህንን በዚህ የሚሸጠው በዚህ የሚሸጠው እና ስራው
11 የሚሸጠው የሚሸጠው የሚሸጠው የሚሸጠው የሚሸጠው
12 የሚሸጠው የሚሸጠው የሚሸጠው
13 የሚሸጠው የሚሸጠው የሚሸጠው የሚሸጠው የሚሸጠው የሚሸጠው

- 9 |*wa/i-mu* |“TERRA”-*kwi+ra/i-zi* SUPER+*ra/i* |“CAPERE”(-)*lu/a/i-na*
|*pi-pa-sa-ia*

10 |*á-mi-zi-ha<-wa/i>* |*tá-ti-zi* || AVUS-*ha-zi-ha-a?* |REL-*i*
“ANIMA.EQUUS<”->*zú-sà-ta-la-u-na* REL “PES₂.PES₂”(-)*da-ta*

11 |REL-*pa-wa/i* DEUS.CERVUS₃-*ti-ia-́sá?* [?]NEG₂-*a* [?]REL-*ha-na*
[?]*wa/i+ra/i-[ia?]-ta*

12 [?]á-*mu-wa/i* |REL+*ra/i* |*wa/i+ra/i-ia-ia*

13 |*́a?*-*wa/i* |*za-ti-i* |“TERRA”-*sa-kwi+ra/i-i* |*za-ti-i* |LOCUS-*lá/í-ti-i*
1×CENTUM ANIMA.CAPRA *la-ha* “UNUS”-*ta* |REL-*za*

- 9 **a=wa=mu taskwirinzi sara luna pipasai*
10 *aminzi=ha=wa tatinzi huhanzi=ha kwi azusataluna ?? PES₂.PES₂-danta,*
11 *kwipa=wa Runtiyas na kwishan wariyata.*
12 *amu=wa kwari wariyaya*
13 *a=wa zadi taskwiri zadi LOCUS-lati 100 sasanzi laha UNUS-ta kwanza ...*

Notas

5 samaya ?: há três interpretações para o termo: 1. a palavra é um substantivo neutro plural, agindo como aposto de *hwisara* ‘animais selvagens, feras’ e está associada a *samanza* ‘selos’ (KULULU 2, §2), talvez um substantivo derivado do verbo *sa-* ‘selar, imprimir’, dando o sentido de ‘ele me concede as feras, o combinado’. 2. a palavra é um substantivo dativo singular, possivelmente derivado do mesmo verbo *sa-* ‘selar, imprimir’ com o sentido associado de ‘marcar → atirar, ferir’, dando o sentido de ‘ele me deu as feras para ferir/atirar’. 3. a palavra é um adjetivo concordando com *hwisara*, sem sentido conhecido, talvez um plural neutro de *sami-* ‘atirado, ferido’.

Tradução

- [1] Eu sou Kurtis, filho do herói Ashwisis, rei conhecido do pelo ocidente e oriente.
 - [2] Aqui eu sou bom para Tarhunta [3] e ele me permite tomar (os) territórios.
 - [4] E aqui eu sou bom para Runtiya [5] e ele me concede (as) feras SAMAYA.

[6] Mas àqueles que foram meus pais e avôs [7] de fato Tarhunta não ajuda de modo algum, [8] como ele me ajuda: [9] ele me permite tomar (os) territórios. [10] E quando meus pais e avôs iam cavalgar, [11] de fato Runtiya não os ajudou de modo algum, [12] como ele me ajuda: [13] aqui em (seu) território, aqui em (seu) lugar, capturei cem gazelas de uma vez ...

Vocabulário

Ashwisi- (NP)		na kwishan (adv.)
Ashwisis		de modo algum
azusatala- (v.i.)		paran tumanti- (v.t.)
andar a cavalo, cavalgar		ouvir falar de
HERO-li- (NP)		PES₂.PES₂-da- (v.i.)
herói		ir fazer + INF.
huha- (subst.com.)		pipasa- (v.t.)
avô		permitir (iter. <i>pi(ya)</i>) - ‘dar’
hwisar- (subst.neut.)		sasa- (subst.com.)
fera, animal selvagem		cabra? bode?
ipami- (subst.com.)		taskwira- (subst.com.)
ocidente		terra, território
kistami- (subst.com.)		tati- (subst.com.)
oriente		pai
Kurti- (NP)		tumanti- (v.t.)
Kurtis		ouvir
kwi (adv.)		UNUS-ta (adv.)
quando		de uma vez
kwipa (adv.)		wariya- (v.t.)
de fato		ajudar
la- (v.t.)		wasu- (v.t.)
tomar		ser bom para + DAT.
LOCUS-la- = arla-? (subst.neut.)		zadi (adv.)
lugar		aqui

4 Fonologia histórica

4.1 Proto-Anatólico Comum

Esta seção se dedica a apresentar o panorama geral da fonologia do proto-anatólico comum, mostrando os desenvolvimentos linguísticos observáveis a partir da nossa reconstrução do proto-indoeuropeu. As seções dedicadas à fonologia do proto-anatólico comum e luvita são baseadas em Melchert (1994, p. 53–91), com algumas adições de Klein, Joseph e Fritz (2017b).

4.1.1 Consoantes

Oclusivas	Surdas	*/p/	*/t/	*/k/	*/ḱ/	*/kʷ/
	Sonorosas	*/b/	*/d/	*/g/	*/ǵ/	*/gʷ/
Africadas	Surdas				*[ts]	
Fricativas	Surdas				*/s/	*/H/
	Sonorosas					*/h/
Sonorantes					*/r/	*/l/
Nasais					*/m/	*/n/
						*/w/
						*/y/

- As oclusivas sonoras aspiradas PIE */bʰ, dʰ, ǵʰ, gʰ, gʷʰ/ colapsaram nas oclusivas sonoras PAC */b, d, ǵ, g, gʷ/.
- As línguas anatólicas não preservam reflexos diretos da laringal */h₁/ ou da laringal */h₃/ não-inicial, mas evidências indiretas permitem assumir um desenvolvimento distinto para */h₂/, em uma fricativa faríngea ou dorsal surda */H/ e uma ou mais sonoras */h/ para as demais laringais (em alguns autores separada em três fricativas distintas: *[h], *[hʷ]/ *[h₃]).
- a africada */ts/ talvez ainda fosse um alopone de */t/ antes de */y/.
- Há evidência que as sonorantes */r, l/ e as nasais */m, n/ ainda ocorriam em núcleo silábico: */r, l, m, n/

4.1.2 Vogais

*/i/	*/i:/	*/u/	*/u:/
	*/e:/?		
*/e/	*/e:/	*/o/	*/o:/
	*/æ:/		
*/a/	*/a/		

- */e:/? representa o resultado de monotongação do PIE */eij/.
- */æ/ representa o resultado de PIE */eh₁/ (tautossilábico).

4.1.3 Do proto-indoeuropeu ao proto-anatólico

Notar que nesta seção, os exemplos do hitita, palaico e luvita cuneiforme utilizarão a série <p, t, k> para representar as oclusivas *lenes*/sonoras e a <pp, tt, kk> para representar as oclusivas *fortes*/surdas, por conta das idiossincrasias do uso do cuneiforme pelos escribas de Hattusa.

Oclusivas

As principais mudanças que ocorreram com as oclusivas do PIE são:

- PIE */bʰ, dʰ, ǵʰ, gʰ, gʷʰ/ > PAC */b, d, ǵ, g, gʷ/¹
- PIE *C [surda] > PAC *C [sonora] / ́V̄_
 - hit. iézzi < PAC *Héz-di < PIE *Hiéh₁-ti
 - luv.cun. áta, luv.hier. ada, ara, líc. ade ‘ele fez’ < PAC *Héz-do < PIE *Hiéh₁-to
- PIE *C [surda] > PAC *C [sonora] / -'V_V
 - luv.cun. -ati; luv.hier. -adi,-ari, líc. -e,-adi, líd. -ad? desinência de ablativo/instrumental < PAC *-'odi < PIE *-'oti
- PIE *kʷ > PAC *gʷ em posição medial²
 - hit. tarku-; luv.cun. taru- ‘dança’ < PAC *tergʷ- < PIE *terkʷ- ‘torcer’
- PIE *kʷ é retido antes de *s e do morfema iterativo *-ske/o-:
 - hit. tekkušša- ‘mostrar’ < PIE *dekwso-.

Sibilante *s

A sibilante PIE *s é preservada na grande maioria de contextos em PAC. A sequência *sT é preservada em hitita, possivelmente com a inclusão de uma vogal protética /i/ que talvez seja apenas uma representação gráfica para o encontro consonantal: /sTV/ = <iš-TV>.

A geminação -ss- do hitita, como as demais geminações e sonorizações da língua, parece ser resultado de uma espécie de lei de Čop, em que a sequência

¹ Falta de evidência positiva para existência de uma série de aspiradas sonoras em PAC.

² Fonologicamente sem motivação, mas é a única descrição possível

PIE $^*\ddot{e}.C_1V > \text{PAC } ^*aC_1.C_1V$, regra que parece ter agido **após** a queda da laringal $*h_1$: PIE $*h_1\acute{e}su-$ > $^*\ddot{e}.su- > \text{PAC } ^*\acute{a}s.su > \text{hit. } a\ddot{s}\acute{s}u-$ ‘bom’.³

Laringais

A laringal PIE $*h_1$ desaparece nas línguas anatólicas. A laringal PIE $*h_2$ resulta em dois alofones distintos, um surdo: h e um sonoro h/\bar{h}

- PIE $*h_2 > \text{PAC } ^*H / \bar{V}_-$
- PIE $*h_2 > \text{PAC } ^*h/\bar{h} / \bar{V}_V$

A distinção entre PIE $*h_2$ e $*h_3$ aparece preservada em lício e PIE $*h_3$ parece estar preservada em posições iniciais em luvita, de modo que se supõe o desenvolvimento:

- PIE $*h_2 > \text{PAC } ^*h / \#_-$
 - PAC $*h > \text{líc. } x, q, k / \#_-$
- PIE $*h_3 > \text{PAC } ^*h_3$
 - PAC $*h_3 > \text{lic. } \emptyset / \#_-$
 - PAC $*h_3 > \text{luv. } h / \#_-$

Supõe-se que uma laringal labializada $*/h^w/$ surge em PAC a partir da sequência PIE $*h_2\bar{u}$ e $*h_3\bar{u}$.

Nasais

As nasais m e n convergem em posição final em todas as línguas. A sequência *NH produz geminação da nasal. Em posição de núcleo silábico, o desenvolvimento é: $^*\mathring{N} > ^*aN$.

Resonantes

Em posição de núcleo silábico, o desenvolvimento é: $^*\mathring{R} > ^*aR$. As líquidas *r e *l são preservadas e aparecem geminadas como resultado de LN ou LH . As semivogais são preservadas, mas o $^*/\mathring{i}/$ inicial cai antes de PAC $^*/e/, ^*/\bar{e}/$, e $^*/\bar{a}/$.

Vogais

As vogais no geral parecem ter sido preservadas em PAC. As principais mudanças são:

- PIE $^*/e\mathring{i}/ > \text{PAC } ^*/\bar{e}/$
- PIE $^*/eh_1/ > \text{PAC } ^*/\bar{a}/ /$
- PIE $^*/Vh_{1,3}/ > \text{PAC } ^*/\bar{V}/ / _ \sigma$
- PIE $^*/eu/ > \text{PAC } ^*/\bar{u}/$ ou algo próximo de $^*/\bar{o}/$
- vogais longas originalmente não acentuadas são abreviadas

³ O contraste entre $<V\bar{s}-\bar{s}V>$ e $<V-\bar{s}V>$ não tem interpretação fonológica clara como no caso das consoantes oclusivas em que se presume que a forma duplicada representa uma consoante surda e a forma simples uma consoante sonora.

4.2 Luvita

4.2.1 Consoantes

Oclusivas	Surdas	*/p/	*/t/	*/k/
	Sonorosas	*/b/	*/d/	*/g/
Africadas	Surdas		*[ts]	
Fricativas	Surdas	*/s/		*/H/
	Sonorosas			*/h/
Sonorantes		*/r/	*/l/	*/w/
Nasais		*/m/	*/n/	*/y/

- Oclusivas surdas foram generalizadas para a posição inicial • *n inicial muda para uma consoante nasal grafada com <t> tanto em cuneiforme quanto hieroglífico de maneira irregular.

4.2.2 Vogais

*/i/	*/i:/		*/u/	*/u:/
		*/a/	*/a/	

4.2.3 Do proto-anatólico ao luvita

Nos exemplos utilizados nesta seção, a vogal longa representa a evidência produzida a partir do luvita cuneiforme.

Oclusivas

As oclusivas são, em sua maioria, preservadas. Oclusivas surdas foram generalizadas para a posição inicial, embora isto dependa da nossa interpretação do cuneiforme. As lábio-velares *gʷ e *kʷ se convertem, respectivamente, em w e kū.

A palatal PAC */k̪/ se desenvolve na africada ts do luvita de maneira incondicional, colidindo com o ts produzido pelo encontro de t+s: PAC *k̪o-/k̪(o)i-‘este’ > za-, zi-; PAC *-is̪ke/o- iterativo > -z(z)a-; PAC *k̪ē ‘jazer’ > zī-; PAC *k̪rd- ‘coração’ > luv.cun. zārt-; PAC *k̪wɔn- ‘cachorro’ > zuwan-; PAC *e̪k̪wɔ- ‘cavalo’ > azu(wa)-.

A palatal PAC */g̪/ e a velar */g/ se desenvolvem em /y/ antes de vogais anteriores e desaparecem antes de /i/. A mudança de PAC */g̪/ ou */g/ para /y/ por vezes causa elevação da vogal /e/ para /i/ e a consequente queda de /y/: PAC *g̪esr- ‘mão’ > luv.cun. iš(ša)r(i) / luv.hier. istra-. Nos demais contextos, a palatal PAC */g̪/ e a velar */g/ se desenvolvem em /k/ ou desaparecem, mas a evidência é esparsa.

Ainda não está claro quais contextos condicionam a mudança de */d/ para /l/ em luvita e a revisão da leitura da série <ta_x> proposta por Rieken (2008) ainda não foi utilizada para revisar as leis fonológicas da passagem do PAC para o luvita.

4.2.4 Africada *ts*

A africada /ts/ tem quatro origens:

1. PIE/PAC *t̪i: PAC *Hatyē/o- ‘bater, marcar’ > *hazi(ya)* ‘inscrever’.
2. PAC *ts: PAC *d̪íwot-s > *Tiwaz* (nom.sg.com.).
3. PAC *ns#: PAC *-Vns(i) > -*Vnzi* (nom./acu.pl.com.)
4. PAC */k/, *vide supra*.

Laringais, *h e *H

A aspirada surda *H/ħ e a aspirada sonora *h são geralmente preservadas. A aspirada sonora *h sempre cai entre uma vogal longa acentuada e uma vogal *u:

- *h > Ø / ũ:
- PAC *séhur/séhur ‘urina’ > *dūr/dūn*

De maneira esporádica, a sequência *hu passa também a *u, efeito que parece ter se espalhado para a sequência *Hu, indicando que a diferenciação entre ambas as aspiradas era instável.

Nasais

Salvo para a palavra PAC *nébes-* ‘céu’ e derivados, que se desenvolve em *tappaš-* e luv.hier. *tipasi-* ‘celeste’, todas as nasais não silábicas são preservadas. Apenas em luvita hieroglífico, raramente, são atestados casos de rotacismo de /n/: PAC *mānu=ha ‘de todo’ > luv.hier. *maru=ha* ou *manu=ha*.

Resonantes

Todas as resonantes não silábicas são preservadas. Apenas em luvita hieroglífico são atestados casos de rotacismo de /l/: PAC *uel- ‘morrer’ > luv.hier. *wara-* ou *wala-*.

Vogais

Tal como hitita e palaico, o luvita por vezes alonga vogais breves em sílabas abertas e une PAC */ő/ e */ă/ em /ă/. Diferentemente destas outras línguas, o luvita alonga todas as vogais iniciais acentuadas. As longa PAC */ę/ e */ē/ sobem para /i/ e */ă/ passa para /a/.

As vogais altas */i/ e */u/ permanecem estáveis.

A vogal média anterior */e/ é elevada para /i/ depois de */y/ e antes de sílaba tônica. Nos demais contextos ela passa para /a/.

Os ditongos */oi/ e */Vu/ passam, respectivamente, para /ī/ e /ū/, mas a evidência é esparsa.

Outros

Epêntese de *t Na sequência */-ls-/ é regular a epêntese de um /t/, como em PAC *kʷls- ‘fazer incisão’ > *gulz-*. Este fenômeno também ocorre sincronicamente em barreiras de palavras: *ādduwal=za* < *ādduwal=ša*. O mesmo ocorre, esporadicamente, na sequência */-sr-/: PAC *ĝesr- ‘mão’ > luv.cun. *iš(ša)r(i)* / luv.hier. *istra-*. Essa epêntese é mais comum em substantivos abstratos.

Substituição de *dw por *kw Como em lício, a sequência */dw/ é substituída por */kw/ em começo de palavras e isto deve ter ocorrido depois da eventual substituição de */d/ por /l/: PAC *dwóyV- ‘medo’ > luv.cun. *kuwaya-* mas PAC *dwerneye/o- ‘quebrar’ > luv.cun. *lawarri-*.

Assimilação Vários encontros consonantais estão sujeitos a assimilação em posições intervocálicas, sendo os casos mais seguros:

- PAC *-ts- > -ss-: PAC *utsa- ‘ano’ > cun. *ušša-*, hier. *usa*
- PAC *-rn- > -rr-: PAC *dwerneye/o ‘quebrar’ > cun. *lawarri-* vs. hit. *du-warni-* ‘ano’ > cun. *ušša-*, hier. *usa*.

4.3 Leitura: KARKAMIŠ A11b+c

Karkamiš foi a principal cidade-estado neo-hitita na idade do ferro. As fontes assírias com frequência confundem *Hatti* e *Karkamiš*, indicando que, ao menos do ponto de vista da política externa, a cidade era tida como a herdeira do legado geopolítico do reinado hitita após sua queda. Os hititas controlavam a região desde pelo menos *circa* 1340 AEC, quando Suppiluliuma I instala seu filho, Piyassilis, no trono de Karkamiš, sob o nome Šarri-Kušuh.⁴ A dinastia de Šarri-Kušuh parece ter mantido o controle da região por diversas gerações, atravessando a queda do reinado hitita em *circa* 1190 AEC e seus descendentes frequentemente reivindicaram a associação com Suppiluliuma.

O sítio arqueológico foi associado com a cidade bíblica de Carquemis (hebr. כְּרָמִים) por George Smith em 1876, embora já fosse conhecido de anos anteriores como fonte de esculturas e inscrições variadas. As escavações realizadas pelo British Museum começam em 1878–81, são interrompidas pela primeira guerra mundial e reiniciadas em 1920, simultaneamente com o estabelecimento da fronteira sírio-turca como resultado da partição dos territórios controlados pelos britânicos e franceses estabelecida no acordo de Sykes-Picot. A fronteira separou as cidades de Cerablus (Turquia, renomeada para Karkamış em 1946) e Jerabulus (Síria), dividindo o sítio arqueológico em duas partes, o que causou interrupções frequentes nas escavações. Embora ocupado pelo menos desde o segundo milênio AEC, a maior parte das descobertas arqueológicas representam o estado do assentamento durante a idade do ferro.



⁴ A região parece ter sido ocupada desde *circa* 2400 AEC.

Karkamiš teria sido uma cidade fortificada por duas camadas de muralhas, o centro administrativo estando na esfera mais interna, com acesso direto ao rio Eufrates ao nordeste. Dentro deste círculo, entende-se que a cidade teria dois complexos palaciais, um na cidade baixa e o outro na cidade alta. A parte mais bem escavada é o complexo palaciano inferior, com construções identificadas desde o portão ao lado do rio Eufrates até o portão real que levaria à cidade alta.

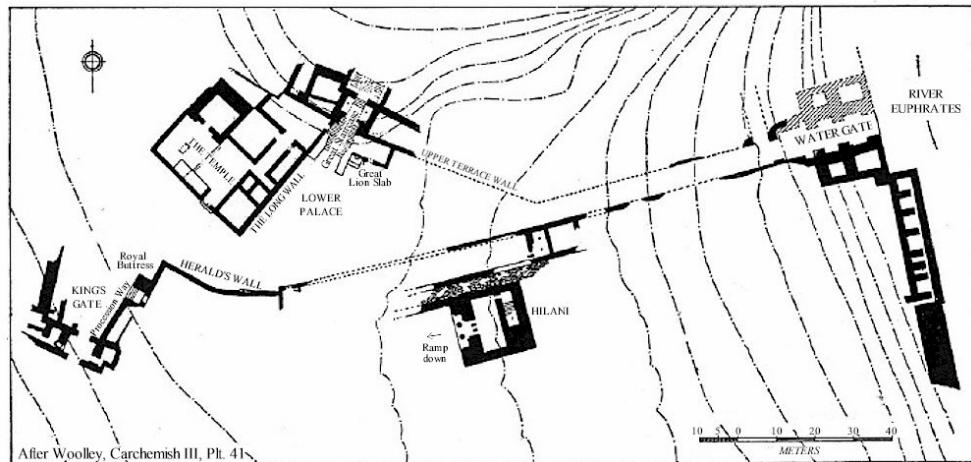
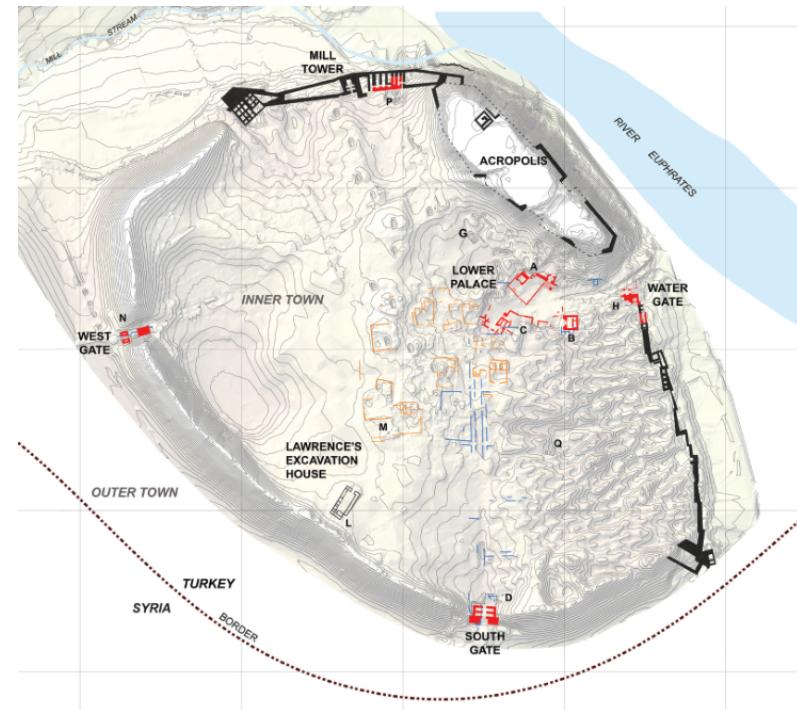


Figura 4.1: Mapas de Karkamiš (MARCHETTI, 2014, p. 22) e do complexo palaciano inferior (HOGARTH; THOMPSON; WOOLLEY, 1952, plate 41).

A maior parte das inscrições provém de ortostatos (blocos de pedra verticais utilizados na construção de um muro), incluindo KARKAMIŠ A11b+c (= A9 e 10). Escavados nas operações de 1911–14, as peças tinham sido reutilizadas como pavimento, com o texto virado para baixo, no umbral do “Portão do Rei”, próximas da inscrição A11a, encontrada *in situ* (Figura 4.2).

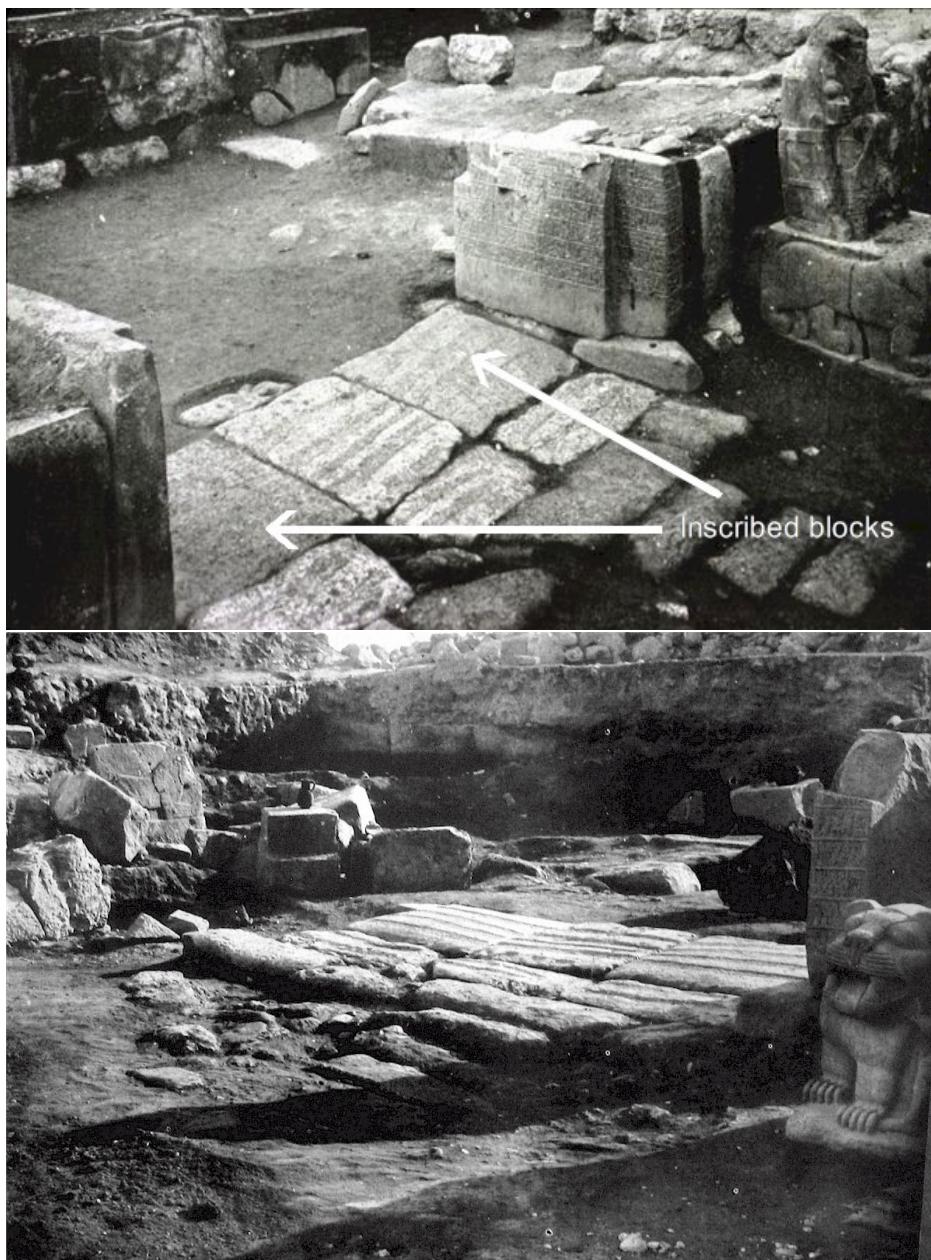
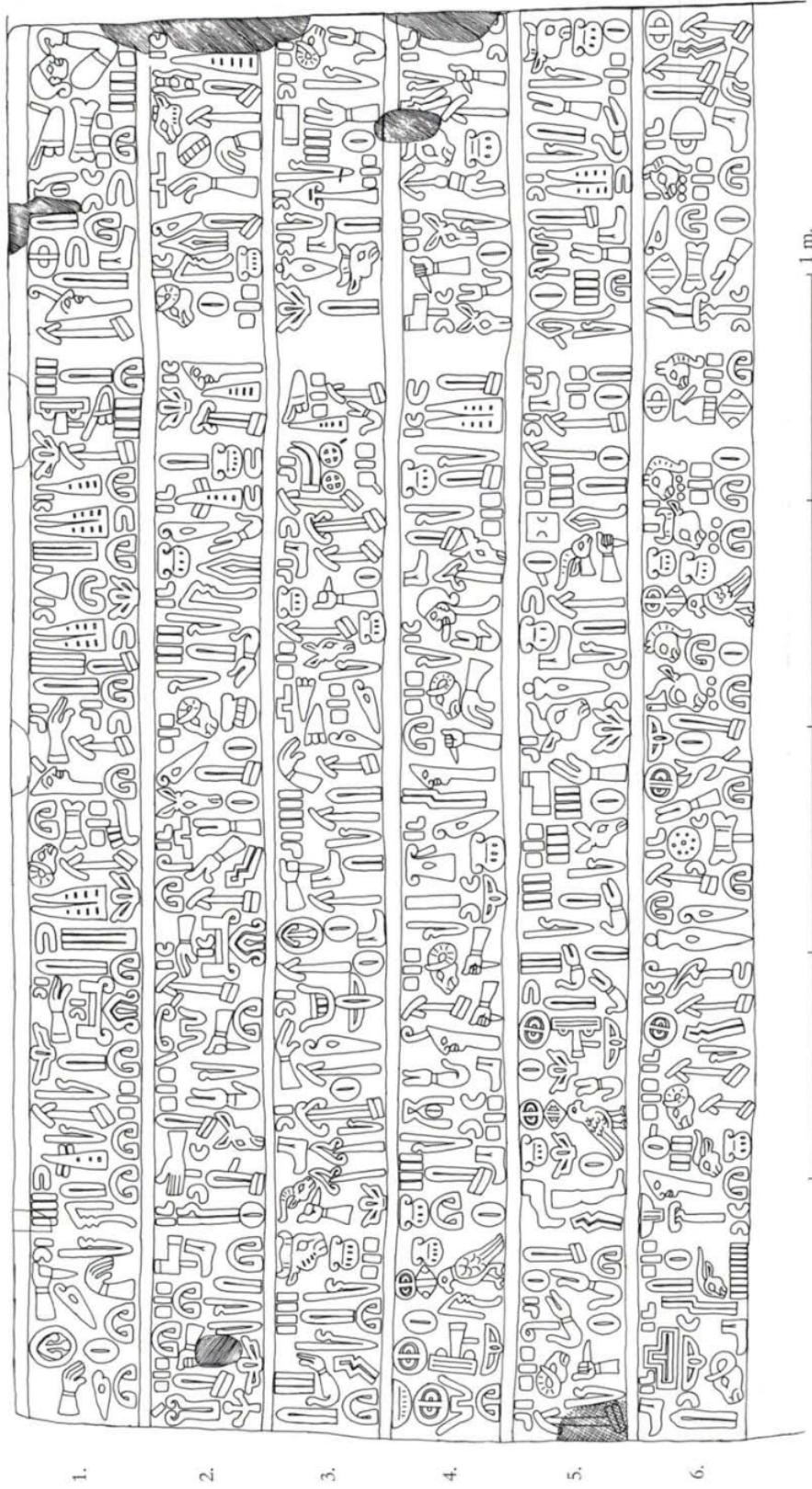


Figura 4.2: Portão do Rei em Karkamış. Em pé vê-se a inscrição A11a e o pavimento imediatamente ao lado é composto pelos ortostatos da inscrição A11b+c. Imagens de (HOGARTH; THOMPSON; WOOLLEY, 1952, plates 46–7).

O conteúdo do texto de KARKAMIŠ A11b+c e o material utilizado fazem su-
por que os dois ortostatos utilizados na inscrição faziam parte do “Contraforte
Real”, antes do “Caminho de Procissão”, alguns metros antes do “Portão do
Rei” (ver Figura 4.1) e as peça A11b (= A9) e A11c (= A10) devem ter sido parte
de batentes de uma porta / portão, dispostas do lado direito e esquerdo, res-
pectivamente. As peças narram o que parece ter sido uma revolta na cidade
protagonizada por figuras mencionadas por *netos de Uratarhunta*; a reconquista
da cidade simultaneamente à conquista de Kawa com apoio dos deuses; a cons-
trução dos andares superiores do “Caminho de Procissão” e o estabelecimento
de culto às divindades Tarhunta, Karhuha, Kubaba e Sarku. Em meio ao texto,
estabelece-se os sacrifícios estipulados às divindades, maldições de proteção e
uma justificativa para a construção dos andares superiores, talvez indicando
que o uso deste espaço seria voltado a mulheres de alguma forma. Os ortostatos
hoje estão no Anadolu Medeniyetleri Müzesi em Ankara.



Figura 4.3: Inscrição KARKAMIŠ A11b+c. Dimensões da inscrição: b 0.83×1.60×0.23m, c 0.86×1.55×0.23m. Imagens de Tayfun Bilgin, 2006, dispo-
níveis em [Hittite Monuments](#). Edição e traçado em [CHLI 1.1](#), pp. 101ff. e plate
14–17.



1.

2.

3.

4.

5.

6.

Copy: traced from squeeze.
11. KARKAMIŠ A11b



Copy: traced from squeeze.
12. KARKAMİŞ A11c

- 1 EGO-wa/i-mi¹ka-tú-wa/i-sa “IUSTITIA”-ni-i-sa DEUS-ni-ti-i
 (LITUUS)á-za-mi-i-sa kar-ka-mi-si-za-sa(URBS) |REGIO-ni
 DOMINUS-sa¹su-hi-si |REGIO-ni DOMINUS-ia-i-sa |FILIUS.NI-za-sa
¹á-sa-tú-wa/i-lá/i-ma-za-si REGIO-ni DOMINUS-i-sa
 |FILIUS.NEPOS-si-i-sa
- 2 a-wa/i za-a-sa URBS+MI-ni-i-sa mi-sá-*a |tá-da-li-sa AVUS-ha-da-li-sa ||
^{1*}447-nu-wa/i-ia-si sa-tá-*a
- 3 wa/i-sa-*a VACUUS-ti-i-sa |ARHA (“LONGUS”)ia+ra/i-ia-ta
- 4 wa/i-na-*a¹MAGNUS+ra/i-TONITRUS-tá-sa-za |FILIUS.NEPOS-sa-za
 CUM-ní |(LOCUS)pi-ta-ha-li-ia-ha
- 5 wa/i-ma-zá-*a mi-i-na-*a |sá-pa-la/i-li-na |URBS+MI-ni
 i-pa-ni-si-ná(URBS) |á-ma-ha-wa/i |sá-pa-lá/i-li-ia
 TERRA.PONERE-ru-da mu-zi-ki-ia(URBS) |[...] ||
- 6 wa/i-ma-na-a* |AEDIFICARE-MI-ha
- 7 a-wa/i |REL-a-ti-i |(ANNUS)u-si-i ka-wa/i-za-na(URBS)
 |(CURRUS)wa/i+ra/i-za-ni-ná |PES₂-za-ha
- 8 pa-tá-za-pa-wa/i-ta-*a (TERRA+LA+LA)wa/i-li-li-da-za mi-i-zi-*a
 |tá-ti-i-zi AVUS-ha-ti-zi-ha |^{1*}348(-)lu/a/i²-da-li-zi-ha |NEG₂-a
 (PES₂)hwi/a-hwi/a-sà-tá-si

- 1 amu=wa=mi Katuwas, tarawanis, masanidi azamis, Karkamisizas
 REGIO-ni-DOMINUS-s, Suhisi REGIO-ni-DOMINUS-yais nimuwizas,
 Asatuwalamanzasi REGIO-ni-DOMINUS-is hamsis.
- 2 a=wa zas URBS+MI-nis tadallis huhadallis Ninuwis asta.
- 3 a=wa=as tanatis arha yariyata.
- 4 a=wa=an Uratarhuntasanza hamsanza CUM-ni pitahaliyaha.
- 5 a=wa=manza amin sapalalin URBS+MI-nin Ipanisin, ama=ha=wa sapalaliya
 TERRA.PONERE-ruda Muzikiya ...
- 6 a=wa=mw=an tamaha.
- 7 a=wa kwati usi Kawazan warazanin wazaha,
- 8 apatanza=pa=wa=ta walilidanza aminzi tatinzi huhatinzi=ha
 *348-dalinzi=ha na hwihwisantasi

[1] Eu sou Katuwa, justo, amado pelos deuses, senhor regional de Karkamis, filho de Suhis, o senhor regional, neto de Asatuwalamanza, o senhor regional. [2] Esta cidade do meu pai e avô era/tornou-se (de?) Ninawi, [3] E ela esticou-se em vão ??. [4] E com os netos de Uratarhunta eu PITAHALIYA-ei, [5] E para eles minha cidade SAPALALI Ipanis e minhas SAPALALI-s ??? Muzikis ??? [6] Eu mesmo a construí, [7] no ano em que eu movi a campanha pela cidade de Kawaza, [8] para aqueles territórios meus pais, avós, bisavós não marcharam.

-
- 9 *mu-pa-wa/i-*a mi-i-sa-*a* (DOMINUS)*na-ní-i-sa* || CAELUM
 (DEUS)TONITRUS-*sa* (DEUS)*kar-hu-ha-sá*
 (DEUS)*ku+AVIS-pa-pa-sa-ha mi-ia-ti-*a* “IUSTITIA”-*wa/i-na-ti*
 (LITUUS)*á-za-tá*
- 10 *wa/i-ma-tá-*a* (“LIGNUM”)*hu-hú+ra/i-pa-li* |(SOLIUM)*á-sa-tá*
- 11 *wa/i-ma-da-*a* |PRAE-*na* (PES₂)*hwij/a-ia-ta*
- 12 *a-wa/i pa-ia-*a* |REGIO-*ni-ia* (“VACUUS”)*ta-na-tá-ha*
- 13 *wa/i-ta-*a* (SCALPRUM.CAPERE2)*u-pa-ní-zí a-tá* |(“CAPERE2”) || *u-pa-ha*
- 14 *a-wa/i pi-i-na-*a* |REGIO-*ni-ia-ti* (FULGUR)*pi-ha-mi-sa SUPER+ra/i-a*
 |PES-*wa/i-i-ha*
- 15 |*za-zí-ha-wa/i-mi-i* (DOMUS.SUPER)*ha+ra/i-sà-tá-ní-zí pa-ti-i-*a*
 (“ANNUS”)*u-si* |AEDIFICARE-MI-*ha*
-
- 9 *amu=pa=wā nanis tipasis Tarhuntas, Karhuhas, Kubabas=ha amiyati tarwanadi azanta.*
- 10 *a=wa=mw=ata huhurpali asanta,*
- 11 *a=wa=mw=ada paran hwijanta.*
- 12 *a=wa apaya REGIO-niya tanataha.*
- 13 *a=wa=ta upaninzi anta upaha.*
- 14 *a=wa apin REGIO-niyadi pihamis sara awiha.*
- 15 *zanzi=ha=wa=mi haristaninzi apati usi tamaha.*
-

[9] Mas a mim o senhor celeste Tarhunta, Karhuha e Kubaba pela minha justiça amavam, [10] eles me sentaram no HUHURPALA, [11] eles correram na minha frente [12] e eu destruí aquelas regiões.

[13] Eu trouxe prêmios para dentro, [14] eu voltei glorioso daquelas regiões, [15] e estes andares superiores eu construí naquele ano.

- 16 *wa/i-mi-ta-*a mi-i-na-*a* (DOMINUS)*na-<i>-ni-i-na*
 (DEUS)*kar-hu-ha-si-na* (DEUS)*ku+AVIS-pa-si-ha*
 CRUS2.CRUS(-)ní-ia-sa-ha-na | LITUUS+na-ha
- 17 *wa/i-ma-tá-*a |za || -ti-i |("PODIUM")hu-ma-ti |(SOLIUM)i-sà-nú-wa/i-ha*
- 18 ("*350")á-sa-ha+ra/i-mi-sà-pa-wa/i-ma-za |za-a DEUS-ní-za |CUM-ni
 ANNUS-sa-li-za-sa |("PANIS")tú+ra/i-pi-sa
 (DEUS)CERVUS₃+ra/i-hu-ha-ia 1 BOS(ANIMA)-sa OVIS-sa-ha
 (DEUS)*ku+AVIS-pa-pa* 1 BOS(ANIMA)-sa 1 OVIS(ANIMA)-wa/i-sa-ha
 (DEUS)*sa₅+ra/i-ku* OVIS-wa/i-sa ("*478")*ku-tú-pi-li-sa-ha* 1
 OVIS(ANIMA)-wa/i-sa |VIR-ti-ia-da-za DEUS-ní-za || [1
 OVIS(ANIMA)-wa/i]-sa [FEMINA-ti]-ia-[ta]-za [DEUS-ni-za]

- 16 *a=wa=mi=ta amin nanin Karhuhasin Kubabasin=ha niyashan LITUUS+naha.*
- 17 *a=wa=mw=ata zati humati isanuwaha.*
- 18 *asharimis=pa=wa=manza za masani(ya)nza CUM-ni usalizas turpis:*
 Karuhaya 1 wawis hawas=ha; Kubaba 1 wawis hawas=ha; Sarku hawas
 kutupilis=ha; 1 hawas zidiyadanza masani(ya)nza; [1 hawa]s
 [wanati]ya[ta]nza masani(ya)nza.

[16] E eu vi pessoalmente a procissão do meu senhor Karhuha e Kubaba, [17] e eu mesmo os sentei neste altar. [18] O sacrifício de sangue para estes (seja): para os deuses em conjunto, o pão anual; para Karhuha, 1 touro e uma ovelha; (para) Kubaba, 1 touro e uma ovelha; (para) Sarku, uma ovelha e um KUTUPILI; 1 ovelha para os deuses masculinos; 1 ovelha para as deusas femininas.

- 19 [...] -sa z[a-ti]-ia-za [DEUS-n] i²-za MALUS-la/i-ti-i-*a || VERSUS-ia-ni
|PES-wa/i-ti
- 20 |NEG₂-pa-wa/i-sa |za-ti-ia-za (DOMUS.SUPER)ha+ra/i-sà-tá-na-za
MALUS-la/i-ti-i-*a |VERSUS-ia-ni [PES]-wa/i-ti
- 21 [|]NEG₂-[pa]-wa/i-da CRUS2.CRUS[(-)ni²]-ia-za-i REL-a-ti PRAE-na
- 22 [wa/i]-da-*a [SCRIBA+RA/I]CAPERE/da-¹i¹ |REL-i-sa
- 23 |za-a-zi-pa-wa/i-tá [(SCALPRUM)]ku-ta-sa₅+ra/i-zi-i LOCUS-la/i-za-¹*a¹
|²] || -i-t[i]
- 24 |NEG₂-pa-wa/i-tá |za-a-ti-ia-za |("SCALPRUM")ku-ta-sa₅+ra/i-za
|á-ma-za |á-lá/i-ma-za |ARHA |“MALLEUS”-lu/a/i-i
- 25 pa-ti-pa-wa/i-tá-*a CAELUM (DEUS)TONITRUS-sa (DEUS)kar-hu-ha-sá
(DEUS)ku+AVIS-pa-pa-sá-ha (MONS)a+ra/i-pu-tá-wa/i-ni-sá-ha
(DEUS)TONITRUS-sa (“FLUMEN+MINUS”)sà-ku+ra/i-wa/i-ni-i-zi-ha
(FLUMEN.REGIO)ha || -pa-da-si DEUS-ní-zi |LIS-lu/a/i-sa-tú
- 26 wa/i-tú-*a |VIR-ti-ia-ti-ia-za-ha |("CULTER")pa+ra/i-tú-ní-tú-u
- 27 FEMINA-ti-ia-ti-ia-za-ha-wa/i-tú-u |("CULTER")pa+ra/i-tú-ni-i-tú
- 28 wa/i-tú-*a |VIR-ti-ia-ti-i-na |(*462)mu-wa/i-i-da-na NEG3-sa |CAPERE-ti-i
- 29 FEMINA-ti-i[a]-ti-pa-wa/i-tú (FEMINA.*462) || 4²-da |ni-i |CAPERE-ti-i

- 19 [kwis]-s za[ti]yanza [masani] (ya)nza atuwalidi tawiyán awati,
20 napa=wa=as zatiyanza haristananza atuwalidi tawiyán [a]wati,
21 na[pa]=wa=ada [ni]yazai kwati paran,
22 a=[wa]=ada SCRIBA+ra-CAPAREdai kwis,
23 zanzi=pa=wa=ta kutasarinzi arlanza ?-iti
24 napa=wa=ta zatiyanza kutasari(ya)nza amanza alamanza arha walai,
25 apati=pa=wa=ta tipasis Tarhuntas, Karhuhas, Kubabas=ha, arputawanis=ha
Tarhuntas, Sakurawaninzi=ha hapadasi masaninzi LIS-lu/a/i-santu.
26 a=wa=tu zidiyadiya=za partunintu,
27 wanatiyatiya=za=ha=wa=tu partunintu.
28 a=wa=tu zidiyadin muwidan nis lanti,
29 wanatiyatin=pa=wa=tu muwidan ni lanti.

... [19] Aquele que se aproximar destes deuses com maldade, [20] ou que se aproximar desses andares superiores com maldade, [21] ou se eles seguirem ?para baixo / ?transferirem a alguém, [22] que ??? [23] e que ??? estes murais do seus lugares, [24] ou apague meu nome desses murais, [25] contra ele o celeste Tarhuta, Karhuha, Kubaba, Tarhunta do Monte Arputa e os deuses da terra fluvial do rio Sakura litiguem! [26] Que dele arranquem a masculinidade, [27] que dela arranquem a feminilidade, [28] que dele eles não tomem a semente masculina, [29] que dela eles não tomem a semente feminina.

- 30 |za-pa-wa/i-tá |URBS+MI-ni-i-na mu-*a |REL+ra/i-i
¹MAGNUS+ra/i-TONITRUS-ta-sa-za |FILIUS.NEPOS-sa-za
|(*“314”)ha-sá-ti-i ARHA |CAPERE-ha
- 31 |NEG₂-wa/i-na |REL+ra/i-i (LOCUS)pi-ta-ha-li-ia-ha
- 32 a-wa/i |za-a-zi |DEUS-ní-i-zi |AUDIRE+MI-ta+ra/i-ru
- 33 “LIGNUM”-sa-pa || -wa/i-mu-tá-a |REL-a-za za-a-ti-ia-za
|(DOMUS.SUPER)ha+ra/i-sà-tá-na-za POST-ni |PES-wa/i-da
- 34 a-wa/i |za-a-zi “PORTA”-lu/a/i-ni-si-i-zi
(DOMUS.SUPER)ha+ra/i-sà-tá-ní-zi¹á-na-ia mi-i-*a |BONUS-sa-mi-i
FEMINA-ti-i |(BONUS)wa/i-sa₅+ra/i-ti-i pa-ti-i-*a |(ANNUS)u-si-i
AEDIFICARE-MI-h[a]

- 30 zan=pa=wa=ta URBS+MI-nin amu kwari Uratarhuntasanza hamsanza
hasadi arha laha
- 31 na=wa=an kwari pitahaliyaha,
- 32 a=wa zanzi masaninzi tumantintaru.
- 33 taruwis=wa=mu=ta kwanza zatiyanza haristananza apan awada,
- 34 a=wa zanzi PORTA-lanisinzi haristanninzi Anaya ami wasami wanati
wasaradi apati usi tamaha.

[30] Se eu mesmo tomei esta cidade dos netos de Uratarhunta à força, [31] e se ela eu não PITAHALIYA-ei, [32] sejam estes deuses testemunhas.

[33] Porque a madeira para estes andares superiores chegou depois para mim, [34] estes andares superiores dos portais à Ana, minha boa mulher, com bondade construí naquele ano.

Vocabulário

*348-dali- (subst.com.)	awa- (v.i.)
bisavô?	ir, ir fazer
alamanza- (subst.neut.)	aza- (v.t.)
nome	amar
Ana- (NP)	CUM-ni (prep.)
Ana	com
arla- (subst.neut.)	hamsi (subst.com.)
lugar	neto
Arputawani- (adj.)	hapadi- (adj.)
relacionado ao monte Arputa	fluvial
Asatuwalamanza- (NP)	haristani- (subst.)
Asatuwalamanza	andar superior aposento?
asharimi(s)- (subst.neut.)	hasa- (subst.neut.)
sacrifício (de sangue)	força
atuwal(i)- (adj.)	hawa- (subst.com.)
mau	ovelha

<i>huha-</i> (<i>subst.com.</i>)		<i>Muziki-</i> (<i>TO</i>)
avô		Muziki
<i>huhadall(a/i)-</i> (<i>adj.</i>)		<i>nani-</i> (<i>subst.com</i>)
ancestral		senhor
<i>huhurpali-</i> (<i>subst.neut.</i>)		<i>napa</i> (<i>conj.</i>)
? , algo feito de madeira		ou
<i>humati-</i> (<i>subst.</i>)		<i>nimuwiza-</i> (<i>subst.com</i>)
pódium, altar (de madeira)		filho
<i>hwihwisa-</i> (<i>v.i.</i>)		<i>Ninuwi-</i> (<i>NP</i>)
correr (iterativo de <i>hwi(ya)-</i>)		Ninuwi
<i>hwi(ya)-</i> (<i>v.i.</i>)		<i>niyasha-</i> (<i>subst.com.</i>)
correr		procissão? (ver <i>niyaza-/niyasa-</i>)
<i>Ipanisi-</i> (<i>TO</i>)		<i>niyaza-/niyasa-</i> (<i>v.t.</i>)
Ipanisi		seguir
<i>isanuwa-</i> (<i>v.t.</i>)		<i>partuni-</i> (<i>v.t.</i>)
fazer sentar (causativo de <i>asa-</i>)		cortar?
<i>Karhuha-</i> (<i>TE</i>)		<i>pihami-</i> (<i>adj.</i>)
Karhuha		gloriado, vitorioso
<i>Karhuhasa-</i> (<i>adj.poss.</i>)		<i>pitahaliya-</i> (<i>v.t.</i>)
de Karhuha		adquirir???
<i>Karkamisiza-</i> (<i>adj.</i>)		PORTA-lana- (<i>subst.neut.</i>)
de Karkamiš		porta, portão
<i>Katuwa-</i> (<i>NP</i>)		REGIO-ni-DOMINUS-i- (<i>subst.com.</i>)
Katuwa		senhor local (= hit. <i>utniyasha-?</i>)
<i>Kawaza-</i> (<i>TO</i>)		REGIO-ni- (<i>subst.neut.</i>)
Kawa		terra, país povo
<i>Kubaba-</i> (<i>TE</i>)		<i>Sakurawani-</i> (<i>adj.</i>)
Kubaba		relacionado ao rio Sakura
<i>Kubabasa-</i> (<i>adj.poss.</i>)		<i>sapalali-</i> (<i>adj</i>)
Kubaba		?
<i>kutasari-</i> (<i>subst.neut.</i>)		<i>Sarku-</i> (<i>TE</i>)
ortostato, mural		Sarku
<i>kutupili-</i> (<i>subst.com.</i>)		SCRIBA+ra-CAPAREda- (?)
ovelha sacrificial?		?
<i>la-</i> (<i>v.t.</i>)		<i>Suhi-</i> (<i>NP</i>)
pegar		Suhi
LIS-<i>lu/a/i-sa-</i> (<i>v.t.</i>)		<i>tama-</i> (<i>v.t.</i>)
litigar contra?		construir
LITUUS+na- (<i>v.t.</i>)		<i>tanata-</i> (<i>v.t.</i>)
ver		devastar
<i>masani-</i> (<i>subst.com.</i>)		<i>tanati-</i> (<i>adj.</i>)
deus, divindade		vazio, devastado
<i>muwida-</i> (<i>subst.neut.</i>)		<i>tarawani-</i> (<i>adj.</i>)
semente		justo

Tarhunta- (TE)		usi- (subst.neut.)
Tarhunta		ano
taruwi- (subst.neut.)		wala- (v.i.)
madeira		morrer
tarwana- (subst.)		walili(da)- (subst.neut.)
justiça		território
tata- (subst.com.)		wanati- (subst.com.)
pai		mulher
tatall(a/i)- (adj.)		wanatiya- (adj.)
paterno		feminino
tawiyān (adv.)		wanatiyati- (adj./subst.)
em frente a		feminino/fêmea
TERRA.PONERE-ruda (?)		wanatiyatiya- (subst.neut.)
?		feminilidade
tipasi- (adj.)		warazani- (subst.com.)
celeste		campanha militar, expedição
tumanti- (v.t.)		wasami- (adj.)
ouvir		querido
turpi- (subst.neut.)		wasara- (subst.neut)
pão		bondade
upa- (v.t.)		wawi- (subst.com.)
trazer		touro
upan(i)- (subst.neut.)		waza- (v.t.)
troféu, prêmio		liderar, conduzir
Uratarhuntasa- (adj.poss.)		yari(ya)- (v.)
de Uratarhunta		estender
URBS+MI-ni- (subst.com.)		zidiyadi- (adj./subst.)
cidade		masculino, macho
usaliza- (adj.)		zidiyadiya- (subst.neut.)
anual		masculinidade

5 Leitura: KARATEPE

A moderna Karatepe está localizada na planície da Cilícia, região delimitada a leste pelas montanhas de Amano, pelo monte Tauro a noroeste, a região acidentada da Cilícia Áspera ao oeste e pelo mar ao sul. Durante a metade do segundo milênio, a região correspondia ao reino de Kizzuwatna, bloqueando o acesso dos hititas à Síria, de modo que estão preservados diversos tratados entre hititas e Kizzuwatna regulando a passagem pela região. O reino de Kizzuwatna era composto de falantes de húrrio e luvita e teve grande influência cultural no reino hitita, sobretudo quando Puduhepa, filha do sacerdote de Lawazantiya (norte da Cilícia), casou-se com Hattusili II. Puduhepa é uma figura que parece ter acumulado certo capital político e cultural, suficiente para instituir na cidade de Hattusa cultos e ritos de matriz húrria trazidos de Kizzuwatna, cujos detalhes estão registrados em luvita cuneiforme nas tabuletas de Boğazköy. As inscrições hieroglíficas produzidas no império hitita parecem ter se iniciado aproximadamente neste período.



O sítio de Karatepe-Aslantaş (Figura 5.1) em si teria sido uma fortaleza no topo da colina, cuja descoberta deve ser atribuída a Ekrem Kuşçu, professor de ensino fundamental de Kadırlı, que visitou o sítio quatro vezes nos anos de 1927 a 1944 e que em 1946 levou Helmuth Theodor Bossert e Halet Çambel para o

sítio. Bossert e Çambel publicam no mesmo ano um relatório preliminar sobre o sítio, dando início às investigações. As escavações se iniciaram no ano seguinte sob direção de Bossert e Bahadir Alkim. Partes do bilíngue são publicadas entre os anos de 1948–74 por Bossert, Steinherr, Meriggi, Güterbock, Gelb, Laroche e Hawkins e Morpurgo-Davies, mas estas edições não são completas. Apenas em 1999, Halet Çambel publica a versão final de Karatepe-Aslantaş ([CHLI 2](#), reproduzida em [CHLI 1.1](#) (pp. 45ff) e corrigida em [CHLI 3](#) (pp. 178ff)).



Figura 5.1: Mapa do sítio de Karatepe sobreposto na imagem de satélite do Google Maps.

O bilíngue de Karatepe consiste em inscrições feitas nos muros de basalto dos portões inferior (*unten* > *u*) e superior (*oben* > *o*) da fortificação. Cada muro contém uma versão em luvita hieroglífico (*H*) e uma em fenício (*Ph*), sendo assim as inscrições chamadas *Hu.*, *Ho.*, *Phu.* e *Pho..* Enquanto *Hu.* e *Phu.*



Figura 5.2: Portão Inferior (Norte) de Karatepe. Imagem de Bora Bilgin, 2008, disponível em [Hittite Monuments](#).

estão preservadas praticamente por completo, *Ho.* e *Pho.* estão em situação fragmentária. As divergências entre *Hu.* e *Ho.* são mínimas. As seis peças que constituem *Hu.* foram descobertas parcialmente fora de ordem, tendo sido reorganizadas a partir do texto fenício *Phu.*, descoberto *in situ*. As inscrições fragmentárias *Ho.* e *Pho.* foram descobertas fora de ordem e dependem da interpretação das versões do portão inferior. Os ortostatos permanecem no sítio arqueológico, apenas reposicionados para refletir sua distribuição original no espaço.

O texto é colocado na voz de Azatiwada, governante local que fora posto no cargo por Awariku de Adana, possivelmente identificado com Urikki de Que (reino: 738–32 AEC, ativo até 710–9), permitindo, junto a detalhes paleográficos do fenício e dos hieróglifos, datar a inscrição do fim do século VIII AEC. Azatiwada conta dos seus atos que favoreceram a cidade de Adana e Pahara, institui alguns sacrifícios para Tarhunta, dedica a fortaleza a deuses relacionados a grãos e vinícolas e faz uma maldição preventiva para proteger a inscrição e seu nome.



Figura 5.3: Ortostatos de Karatepe (Portão Inferior). Imagens de Bora Bilgin, 2008, disponível em [Hittite Monuments](#).

- § XXXV | EGO-mi¹(LITUUS)á-za-ti-i-wa/i-da-sá (DEUS)SOL-mi-sá
 (CAPUT)-ti-i-sá (DEUS)TONITRUS-hu-ta-sa SERVUS-la/i-sá
- § XXXVI á-wa/i+ra/i-ku-sa-wa/i || REL-i-na MAGNUS+ra/i-nu-wa-ta
 á-TANA-wa/i-ní-i-sá(URBS) REX-ti-sá
- § XXXVII wa/i-mu-u (DEUS).TONITRUS-hu-za-sa á-TANA-wa/i-||-ia(URBS)
 MATER-na-tí-na tá-ti-ha i-zi-i-da
- § XXXVIII | ARHA-ha-wa/i | la+ra/i+a-nú-ha | á-TANA-wa/i-na(URBS)
- § XXXIX | (“MANUS”)la-tara/i-ha-ha-wá/i | á-TANA-wá/i-za(URBS)
 |“TERRA+X”(-)wá/i+ra/i-za |zi-na | (“OCCIDENS”)i-pa-mi
 |VERSUS-ia-na |zi-pa-wá/i (ORIENS)ki-sà-ta-mi-i |VERSUS-na
- § XL | á-mi-ia-za-há-wa/i (“DIES<”>)ha-lí-za |á-TANA-wá/i-ia(URBS)
 |OMNIS+MI-ma (“BONUS”)sa-na-wa/i-ia
 | (“CORNUS+RA/I”)su+ra/i-sa |(LINGERE)ha-sa-sa-ha á-sá-ta
- § XLI | (“MANUS”)su-wá/i-ha-ha-wá/i |pa-há+ra/i-wa/i-ní-zi(URBS)
 |(<”>*255”)ka-ru-na-zi
- § XLII |EQUUS.ANIMA-zú-ha-wa/i-ta (EQUUS.ANIMA)á-zú-wa/i
 |SUPER+ra/i-ta |i-zi-i-ha
- § XLIII EXERCITUS-lu/a/i-za-pa-wa/i-ta |EXERCITUS-lu/a/i-ní
 |SUPER+ra/i-ta |i-zi-i-há
- § XLIV |(<”>SCUTUM”)hara/i-li-pa-wa/i-ta | (“SCUTUM”)hara/i-li
 |SUPER+ra/i-ta |i-zi-i-há [^{Ho.} OMNIS-MI-ma-za
 |(DEUS)TONITRUS-hu-ta-tí DEUS-na-ri+i-ha]

- § I amu=mi Azatiwadas tiwadamis CAPUT-tis Tarhunt(a)s hudarlis,
 Awarikus=wa || kwin uranuwata Adanawanis hantawatis,
- § III *a=wa=mu Tarhunz Adanawaya anatin tadin=ha izida.
- § IV arha=ha=wa laranuha Adanawan.
- § V lataraha=ha=wa Adanawan=za walirin=za zin ipami tawiyen
 zin=pa=wa kistami tawiyen.
- § VI amiyanza=ha=wa halinza Adanawaya tanima sanawiya
 (“CORNUS+RA/I”)-suras hasas=ha asta.
- § VII suwaha=ha=wa Paharawaninzi karunanzi,
- § VIII azun=ha=wa=ta azuwi saranta iziha,
- § IX kulanin=za=pa=wa kulani saranta iziha,
- § X haralin=pa=wa=ta harali saranta iziha, [^{Ho.} taniman=za Tarhuntadi
 masanari=ha].

Tradução

[I] Eu sou Azatiwada, homem abençoado(?) pelo sol, servo de Tarhunta, [II] que Awariku, rei de Adanawa, elevou, [III] e Tarhunta me fez da (cidade de) Adanawa mãe e pai. [IV] Eu fiz (a cidade de) Adanawa prosperar, [V] eu estendi a planície de Adanawa de um lado em direção ao oeste, do outro em direção ao leste [VI] e, nos meus dias, havia em Adanawa todos os bens, abundância e saciedade (*ou luxo*). [VII] Eu enchi os celeiros de Pahara [VIII] e fiz cavalo e mais cavalo, [IX] e fiz exército e mais exército, [X] e fiz escudo e mais escudo, tudo por (graça de?) Tarhunta e pelos deuses (*ou pela graça dos deuses*).

Notas

§I *tiwadamis* ‘abençoado/a pelo deus Sol’: o nome do deus Sol em luvita é *Tiwad(a)*¹ e esta forma utiliza o sufixo de formação de adjetivos *-ami-*. O sentido específico de adjetivo como *abençoado/a* é gerado a partir do fenício *h-brk*. **CAPUT-tis** ‘pessoa, homem’: a forma subjacente é incerta, nunca sendo escrita em sua completude fonologicamente. O termo *ziti-* ‘homem’ parece apenas ocorrer com L.313 ☠ VIR, fazendo-nos crer que L.10 ☈ CAPUT é reservada para outro elemento semântico. No entanto, em diversas passagens de KARATEPE, CAPUT-*ti-* corresponde ao fenício ’dm ‘homem’. **hudarlis** ‘servo’: fonologia reconstruída a partir do luvita cuneiforme *hudarli-*.

§II *Awarikus=wa kwin*: oração relativa com o sujeito antecedendo o pronome que recupera *amu* ‘eu’ de §1. Awariku foi por vezes identificado com o rei Urikki de Que, tributário de Tiglate-pileser III, mas a evidência é pouca e há a possibilidade de ser o avô deste.

§III *Tarhunz* ‘Tarthunta’: a divindade Tarhunta no texto fenício é traduzida como *b ‘l* ‘Baal / senhor’. A variação das formas (DEUS)TONITRUS-*hu-ta-sa* e (DEUS)TONITRUS-*hu-za* talvez indique que o nome da divindade fosse um tema consonantal em *-t*, *Tarhunt-*, com o nominativo *Tarhunz* /tar.hunts/, o mesmo valendo para a divindade solar Tiwad, cujo nominativo seria *Tiwaz* /ti.wats/. **MATER-na-tí-na** ‘mãe’: a leitura é garantida pelo fenício ’m ‘mãe’, pois a partir da grafia luvita, tanto *anatin* ‘mãe’ quanto *wanatin* ‘mulher’ poderiam ser interpretados, uma vez que L.79 ☠ FEMINA/MATER é utilizado para ambos os temas e ambos são temas em *-n-* sufixadas pelo morfema *-ati-*.

§IV *ARHA* =? *arha-/aha-* ‘completamente’: é incerto se o prevébio e advérbio representado por L.216 ☰ ARHA era fonologicamente realizado com a sequência /rh/ ou com a sequência /hh/ produzida por assimilação, *vide hit. arha* mas luv.cun. *aḥha*. Para uma discussão das formas, ver Yakubovich (2012). ***la+ra/i+a-nú-ha* =? *laranuha*** ‘fazer prosperar?’: talvez seja uma forma causativa do verbo *lada-/lara-* atestado em AKSARAY, §2 e SULTANHAN, §6. O sentido é produzido a partir da comparação com o hit. *lazziya-* ‘prosperar’, embora não esteja clara a fonologia. A passagem em fenício contém *hw* ‘fazer viver’. Ver mais em Hawkins e Morpurgo-Davies (1978, p. 104–5).

¹ Ver formas quase completas em KÜRTÜL, §6 e KARKAMIŞ A15b, §1.

§V “TERRA+X”(-)wá/i+ra/i-za =? walirin=za ‘planície’: para discussão sobre a forma subjacente e troca da forma esperada *walili(da)*- por *waliri(da)*-, ver Hawkins e Morpurgo-Davies (1978, p. 106), que também sugerem a possibilidade de uma haplologia, i.e. **walirin=za* > *warin=za*, ou de haplografia, i.e. 𐎡𐎰𐎣 𐎠𐎿𐎣 𐎫𐎤 𐎣 𐎠 𐎿 𐎣 𐎫 𐎤 > 𐎡𐎰𐎣 𐎠𐎿𐎣 𐎫𐎤 𐎣 𐎠 𐎿 𐎣 𐎫 𐎤. Possível correlato de hit. *ulili*- ‘campo’. O sentido de ‘planície’ é dado pelo fenício ‘*mq* ‘vale, planície’. **zin... zin=pa** ‘de um lado... do outro’: o ablativo-instrumental *zin* tem o sentido de ‘aqui’, a construção contrastiva *zin... zin=pa* é comum para denotar ‘por um lado... por outro’, no sentido local mas também lógico.

§VI tanima ‘todas’: neutro plural de *tanima-*, a forma neutra plural em *-aya* aparece em Ho. §XV. **sanawiya** ‘(coisas) boas = bens’: neutro com sentido abstrato. A interpretação da forma talvez seja *sana-awi-* ‘bem-vindo’, vide Yakovovich (2016). Em fenício temos *n* ‘*m* ‘bens’. (**“CORNU+RA/I”**)*su+ra/i-sa* =? **suras** ‘abundância’: a forma subjacente não é clara, mas possivelmente esteja associada ao verbo *suwa-* ‘encher, preencher’ (hit. *suwai-*). A forma fenícia oferece o sentido, šb ‘abundância’. (**LINGERE**)*ha-sa-sa* =? **hasas** ‘saciedade’: a forma subjacente é incerta, mas possivelmente seja um homônimo de *hasa-* ‘força’ (KARKAMIŠ A11b+c, §30), que, no entanto, é acompanhada do logograma L.314 𠁼. O logograma L.112 𠁼 LINGERE é sempre complementado por *ha/há-sa/sá* e tem o sentido de ‘saciedade’ ou ‘luxo’. O texto fenício apresenta *mn* ‘*m* ‘luxo’.

§VIII-X azun/kulanin/haralin... azuwi/kulani/harali saranta ‘cavalo/exército/escudo sobre cavalo/exército/escudo’: literalmente, as frases significam ‘eu fiz X sobre X’, mas o sentido parece ser de acúmulo ‘eu fiz X e mais X’. Note-se que o texto fenício inverte a ordem de *exército* e *escudo*, Phoen. §IX *mgn* ‘escudo’ e §X *mhnt* ‘exército’. O mesmo ocorre na versão hieroglífica Ho.

§IX EXERCITUS-lu/a/i-za =? kulanin=za ‘exército’: se aceitarmos que a forma é idêntica ao luv.cun. *kulana* (hit. *kuwalana-*), a melhor transliteração seria EXERCITUS+LU/A/I-za, indicando que *lu/a/i* age como desambiguador fonológico e não se grafou a fonologia completa do termo. Há também a possibilidade de se interpretar a forma subjacente como um tema em nasal *kulan-*, reforçado pela forma de ablativo EXERCITUS-*lu/a/i-na-ti-i* =? *kulanadi* (TELL AHMAR 6, §24).

§X OMNIS-MI-ma-za... DEUS-na-ri+i-ha: este trecho está danificado em Hu., tendo sido reconstruído a partir da versão hieroglífica Ho.

§ XI	REL-pa-wá/i (*255)mara/ <i>i^{+ra/i}</i> -ia-ní-zi ARHA ma-ki-sa'-há
§ XII	("MALUS2")ha-ní-ia-ta-<ia>-pa-wa/i-ta-a REL-ia (TERRA)ta-sà-REL+ra/i a-ta á-sá-ta
§ XIII	wá/i-ta (TERRA)ta-sà-REL+ra/i<-ri+i> ARHA [*501] [...] -há
§ XIV	á-ma -za ₄ -há-wá/i-ta DOMINUS-ní-za DOMUS-na-za (BONUS)sa-na-wá/i u-sa-nú-há
§ XV	á-mi-há-wa/i DOMINUS-ní-i (NEPOS)ha-su-a OMNIS-MI-ma (BONUS)sa-na-wa/i-ia CUM-na i-zi-i-há
§ XVI	á-pa-sá-há-wá/i-ta tá-ti-i ("THRONUS")i-sà-tara/i-ti ("SOLIUM")[i]-s[à-nu-wa/i-ha]
§ XVII	[...]
§ XVIII	[[OMNIS-MI-sa-ha-wa/i-mu-ti-i REX-ti-sa tá-ti-na] [i-zi]-i-[da] á-[mi]-ia-ti IUSTITIA-na-ti á-mi-ia+r/a/i-há ("COR")á-ta-na-sa-ma-ti á-mi-ia+r/a/i-há ("BONUS")sa-na-wa/i-sa-tara/i-ti

§ XI	<i>kwipa=wa mariyaninzi arha makisaha,</i>
§ XII	<i>haniyataya=pa=wa=ta kwiya taskwiri anta asanta,</i>
§ XIII	<i>a=wa=ta taskwirari arha parhaha.</i>
§ XIV	<i>aman=za=ha=wa nanin=za parnan=za sanawi usanuha.</i>
§ XV	<i>ami=ha=wa nani NEPOS-hasu(w)a tanima sanawaya CUM-na iziha</i>
§ XVI	<i>apasa=ha=wa=ta tati isatarati isanuwaha.</i>
§ XVII	[...]
§ XVIII	<i>tanimis=ha=wa=mu=ti hantawatis tadin izida amiyadi tarawanadi</i> <i>amiyari=ha atnasamadi amiyari=ha sanawastradi.</i>

Tradução

[11] De fato fiz acumularem muito as colheitas dos campos-*mariyana-*, [12] enquanto os males que haviam na terra [13] eu os afastei completamente da terra. [14] e a casa do meu senhor eu abençoei bem, [15] e fiz todos bens para a descendência(?) do meu senhor, [16] e fi-lo sentar no trono paterno. [17] ... [18] Todo rei me fez para si seu pai pela minha justiça e pela minha sabedoria e pela minha bondade.

Notas

§XI *mariyaninzi...* *makisaha* ‘acumulei colheitas dos campos-*mariyana*’: a interpretação dessa passagem é difícil, em parte pela presença de *hapax legomena* tanto no texto luvita quanto no texto fenício. Sigo aqui a interpretação de Van den Hout (2010): *mariyaninzi*: ligada ao hitita ^{A.ŞA}*mariyana*- ‘tipo de campo? campo de um vegetal específico?’ (KBo 10.37 12-17, 21-26), bem como às formas luv.hier. *mara/iwali-* ‘vegetação útil? centeio?’ (SULTANHAN §6), hit. *marawalliya/i-* ‘campo de grãos’, utilizando como evidência o uso de L.255 ☐ como determinativo de *karunanzi* ‘silos (de grãos)’ nesta inscrição; a forma escrita no texto, *mariyaninzi*, deve ser interpretada como uma forma contrata

de **mariyaniyinzi*, contração da sequência *-iyi-*, comum em luvita. **makisaha**: ligada ao hitita *mekki-* ‘muito, numeroso’ e à passagem *nu=kan ḥalkiuš EGIR-an maknunun* ‘eu fiz as colheitas (serem) abundantes novamente’ (Proclamação de Telipinu, KBo 3.1 iii 44, KUB 11.1 iii 8, KBo 3.67 iii 1 + KUB 31.17:5). Em resumo, a forma hipotética *mariyaniyi-* significaria ‘relativo aos campos do tipo *mariyana-*> colheitas do campo-*mariyana-?*’ e o verbo *makisa-* seria uma forma iterativa de um verbo *maki-* ‘fazer crescer/abundante’.

§XII (“MALUS2”) *ha-ní-ia-ta-<ia>* ‘males’: o texto da versão luvita Hu. parece ter ignorado um grafema, *<ia>*, suplementado por conta da versão Ho. e do pronome relativo *kwiya* (nom.neut.pl.).

§XIV *usanuwa* ‘abençoar’: literalmente, o verbo *usanu(wa)-* seria um causativo do verbo *wasa-* ‘ser bom’, logo ‘fazer ser bom’. O sentido de abençoar neste contexto foi proposto pelo fato de que ao longo do bilíngue, o fenício *brk* ‘abençoar’ é utilizado para traduzir formas do verbo *usanu(wa)-*. No entanto, o texto fenício neste contexto contém o verbo *ytn* ‘eu ergui’, o que suscitou as tentativa de interpretar *usanu-* como um tema cognato do hitita *wete-* ‘construir’, mas isso produziria um *hapax legomena*.

§XV NEPOS-*hasu(w)a* ‘descendência?’: incerto, mas deve ser um dativo singular comum.

§ XIX	(“CASTRUM”)ha+ra/i-ní-sà-pa-wá/í (PUGNUS)lu/a/i-mi-da-ia 「AEDIFICARE ¹ -MI-ha [...] [Ho. (“FINES”)i+ra/i-há-za]
§ XX	(MALUS)á-tu-wa/i-ri+i-zi-wa/i-ta CAPUT-tí-zi REL-ta-na a-ta 「á-sa-ta」 (“*217 ² ”u-sa-lí-「zi」
§ XXI	NEG ₂ -wá/í REL-zi SUB-na-na PUGNUS.PUGNUS-la/i-ta mu-ka-sa-sa-na DOMUS-ní-i
§ XXII	á-mu-pa-wá/í-ma-da (LITUUS)á-za-ti-wa/i+ra/i-sá (“PES”)pa-da-za SUB-na-na PONERE-há
§ XXIII	REL-pa-wá/í-ta LOCUS-la/i-ta-za’ á-pa-ta-za (“CASTRUM”)ha+ra/i-ní-sà a-ta AEDIFICARE+MI-ha
§ XXIV	á-TANA-wa/i-sa-wa/i(URBS) REL-ti (BONUS)wa/i+ra/i-ia-ma-la SOLIUM-MI-i
§ XXV	*274-ta-li-ha-há-wa/i “CASTRUM”-sà (PUGNUS)lu/a/i-mi-da-ia-a (“OCCIDENS”)i-pa-mi “VERSUS”-na
§ XXVI	NEG ₂ -wa/i REL-ia (L.274)ha-ta-la-i-ta FRONS-li-zi REX-ti-zi
§ XXVII	á-mu REL-zi PRAE-na á-sá-ta

§ XIX	harnisan=pa=wa PUGNUS-lumidaya tamaha [...] irhanza.
§ XX	atuwarinzi=wa=ta CAPUT-tinzi kwitan anta asanta, usalinzi,
§ XXI	na=wa kwinzi anan hudarlainta Muksasan parni,
§ XXII	amu=pa=wa=mw=ada, Azatiwaras, padanza anan tuwaha.
§ XXIII	kwipa=wa=ta arlantanza apatanza harnisa anta tamaha,
§ XXIV	Adawanas=wa kwati warayamala asai.
§ XXV	hataliha=ha=wa harnisa PUGNUS-lumidaya ipami tawiyān,
§ XXVI	na=wa kwiya hatalainta hantilinzi hantawatinzi,
§ XXVII	amu=wa kwinzi paran asanta.

Tradução

[19] E forte fortaleza eu construí [...] nas fronteiras. [20] Onde quer que houvesse más pessoas, ladrões [21] que não haviam servido sob a casa de Muksa, [22] eu mesmo, Azatiwada, os coloquei sob meus pés. [23] De fato eu construí naqueles territórios a fortaleza, [24] para que Adana ficasse em paz. [25] Eu esmaguei fortes fortalezas em direção ao oeste, [26] as quais não haviam esmagado os reis anteriores, [27] que vieram antes de mim.

Notas

§XIX **PUGNUS-lu/a/i-mi-da-** ‘forte’: a leitura permanece incerta. O sentido é confirmado pelo fenício ‘z.

§XX **usalinzi** ‘ladrões’: forma produzida pelo radical verbal *usa-* ‘trazer’, o sentido, no entanto, não é confirmado pelo fenício. O determinativo L.217 ^{1,2} não é compreendido.

§XXI **PUGNUS.PUGNUS-la/i-ta =?** **hudarlainta** ‘serviram’: Sigo a leitura de [Rieken e Yakubovich \(2010\)](#), mantendo que o sentido dado pelo fenício ‘bd

kn ‘servir, ser servo de’ é adequado. No entanto, ver Melchert (2014). *Muksasan* ‘de Muksa’: associa-se a figura de Muksa, no fenício, *MPŠ* ao herói lendário grego Mopso/Mokso, talvez também em hit. *Muksu*. A forma é um dativo singular do adjetivo de posse (com a desinência peculiar *-an*).

§XXIII *arlantanza* ‘nos lugares’: **arla-* ‘lugar’ tem sido revisado para *arlant-* por conta das formas de dativo com *-ta-za* ou *-da-da-za*, vide Yakubovic (2017).

Vocabulário

<i>Adanawan(a)-</i> (adj.)	<i>harnisa-</i> (subst.neut.)
relativo a Adana	fortaleza
<i>anan</i> (prev.)	<i>hasa-</i> (subst.)
sob,abaixo	luxo
<i>anati-</i> (subst.com.)	<i>hatal(a)i-</i> (v.t.)
mulher	bater, acertar, golpear
<i>arlant-</i> (subst.neut.)	<i>hudarl(a)i-</i> (v.i.)
lugar	servir
<i>asa-</i> (v.i.)	<i>hudarli-</i> (subst.)
sentar,estar	servo
<i>atnasama-</i> (subst.)	<i>irha-</i> (subst.com.)
sabedoria	fronteira
<i>atuwal(i)-</i> (adj.)	<i>isanuwa-</i> (v.t.)
mau	sentar algo/algum
<i>Awariku-</i> (NP)	<i>isatara-</i> (subst.neut.)
Awariku	trono
<i>Azatiwada-</i> (NP)	<i>karuna-</i> (subst.neut.)
Azatiwada	celeiro
<i>azu-</i> (subst.com.)	<i>kulani-</i> (subst.)
cavalo	exército
<i>CAPUT-ti-</i> (subst.com.)	<i>ladanu-</i> (v.t.)
pessoa,homem	fazer prosperar
<i>(“CORNU+RA/I”)-suras</i> (subst.neut.)	<i>latara-</i> (v.t.)
abundância	estender
<i>hali-</i> (subst.neut.)	<i>makisa-</i> (v.t.)
dia	acumular?
<i>haniyata-</i> (subst.com.)	<i>mariyani-</i> (adj./subst.com.)
mal	relativo aos campos- <i>mariyana</i> -?
<i>hantawati-</i> (subst.com.)	<i>masani-</i> (subst.com.)
rei	deus
<i>hantili-</i> (adj.)	<i>Muksa-</i> (NP)
anterior,primeiro	Muksa
<i>harali-</i> (subst.com.)	<i>Muksasa-</i> (adj.poss.)
escudo	de Muksa

<i>nani-</i> (subst.com.)	<i>tadi-</i> (subst.)
senhor	pai
<i>nani(ya)-</i> (adj.)	<i>tama-</i> (v.t.)
pertencente ao senhor	construir
NEPOS-hasu- (subst.com.)	<i>tanimi/a-</i> (adj.)
descendência?	todo
<i>pada-</i> (subst.)	<i>tarawana-</i> (subst.)
pé	justiça
<i>Paharawan(a)-</i> (adj.)	<i>taskwira/i-</i> (subst.)
relativo a Pahara	território
<i>parha-</i> (v.t.)	<i>tawiyān</i> (posp.)
afastar	até
<i>parna-</i> (subst.)	<i>tiwadami-</i> (adj.)
casa	abençoados por Tiwad
PUGNUS-lumida- (adj.)	<i>tuwa-</i> (v.t.)
forte	colocar
<i>sanawastra-</i> (subst.)	<i>uranuwa-</i> (v.t.)
bondade	fazer grande, elevar
<i>sanawa/i-</i> (adj.)	<i>usali-</i> (subst.)
bom	ladrão
<i>sanawi</i> (adv.)	<i>usanu-</i> (v.t.)
bem	fazer bem? abençoar?
<i>saranta</i> (posp.)	<i>walili-</i> (subst.)
em cima de	campo, planície
<i>suwa-</i> (v.t.)	<i>warayamala</i> (adv.)
encher, preencher	em paz

Vocabulário

*348-dali- (subst.com.)	Awariku- (NP)
bisavô?	Awariku
Adanawan(a)- (adj.)	Azatiwada- (NP)
relativo a Adana	Azatiwada
alamanza- (subst.neut.)	awa- (v.i.)
nome	ir, ir fazer
amu (pron.1sg.)	aza- (v.t.)
eu	amar
Ana- (NP)	azu- (subst.com.)
Ana	cavalo
anan (prev.)	azusatala- (v.i.)
sob,abaixo	andar a cavalo, cavalgar
anati- (subst.com.)	CAPUT-ti- (subst.com.)
mulher	pessoa,homem
anda (adv.)	(“CORN+RA/I”)-suras (subst.neut.)
dentro	abundância
arlant- (subst.neut.)	CUM-ni (prep.)
lugar	com
Arputawani- (adj.)	hali- (subst.neut.)
relacionado ao monte Arputa	dia
asa- (v.i.)	halpa- (TO)
sentar,estar	Halpa
Asatuwalamanza- (NP)	halpawani- (adj.)
Asatuwalamanza	proveniente de Halpa
asharimi(s)- (subst.neut.)	halabeu
sacrifício (de sangue)	hamayara- (TO)
Ashwisi- (NP)	Hamayara
Ashwisis	hamayarawani- (adj.)
atnasama- (subst.)	proveniente de Hamayara
sabedoria	hamsi (subst.com.)
atuwal(i)- (adj.)	neto
mau	haniyata- (subst.com.)
	mal

<i>hantawati-</i> (subst.com.)	<i>imatuwani-</i> (adj.)
rei	proveniente de Hama
<i>hantili-</i> (adj.)	<i>imatuano</i>
anterior,primeiro	
<i>hapadi-</i> (adj.)	<i>ipami-</i> (subst.com.)
fluvial	ocidente
<i>harali-</i> (subst.com.)	<i>Ipanisi-</i> (TO)
escudo	Ipanisi
<i>haristani-</i> (subst.)	<i>irha-</i> (subst.com.)
andar superior aposento?	fronteira
<i>harnisa-</i> (subst.neut.)	<i>isanuwa-</i> (v.t.)
fortaleza	fazer sentar (causativo de <i>asa-</i>)
<i>hasa</i>⁻¹ (subst.neut.)	<i>isatara-</i> (subst.neut.)
força	tronho
<i>hasa</i>⁻² (subst.)	<i>izi(ya)-</i> (v.t.)
luxo	fazer, criar
<i>hatal(a)i-</i> (v.t.)	<i>Karhuha-</i> (TE)
bater, acertar, golpear	Karhuha
<i>hawa-</i> (subst.com.)	<i>Karhuhasa-</i> (adj.poss.)
ovelha	de Karhuha
<i>HERO-li-</i> (NP)	<i>Karkamisiza-</i> (adj.)
herói	de Karkamiš
<i>hudarl(a)i-</i> (v.i.)	<i>karuna-</i> (subst.neut.)
servir	celeiro
<i>hudarli-</i> (subst.)	<i>katina-</i> (subst.neut.)
servo	vaso, vasilha
<i>huha-</i> (subst.com.)	<i>Katuwa-</i> (NP)
avô	Katuwa
<i>huhadall(a/i)-</i> (adj.)	<i>Kawaza-</i> (TO)
ancestral	Kawa
<i>huhurpali-</i> (subst.neut.)	<i>kistami-</i> (subst.com.)
? , algo feito de madeira	oriente
<i>humati-</i> (subst.)	<i>Kubaba-</i> (TE)
pódium, altar (de madeira)	Kubaba
<i>hurpada-</i> (TO)	<i>Kubabasa-</i> (adj.poss.)
Hurpada	Kubaba
<i>hurpadawani-</i> (adj.)	<i>kulani-</i> (subst.)
proveniente de Hurpada	exército
<i>hwihwisa-</i> (v.i.)	<i>Kurti-</i> (NP)
correr (iterativo de <i>hwi(ya)-</i>)	Kurtis
<i>hwi(ya)-</i> (v.i.)	<i>kusunala-</i> (adj.)
correr	proveniente de Kusuna
<i>hwisar-</i> (subst.neut.)	<i>kutasari-</i> (subst.neut.)
fera, animal selvagem	ortostato, mural

kutupili- (<i>subst.com.</i>)	nani- (<i>subst.com</i>)
ovelha sacrificial?	senhor
kwi (<i>adv.</i>)	nani(ya)- (<i>adj.</i>)
quando	pertencente ao senhor
kwipa (<i>adv.</i>)	napa (<i>conj.</i>)
de fato	ou
la- (<i>v.t.</i>)	nikima- (<i>TO</i>)
tomar, pegar	Nikima
labarna- (<i>TO</i>)	nimuwiza- (<i>subst.com.</i>)
Labarna	filho
labarnawani- (<i>adj.</i>)	Ninuwi- (<i>NP</i>)
proveniente de Labarna	Ninuwi
ladanu- (<i>v.t.</i>)	niyasha- (<i>subst.com.</i>)
fazer prosperar	procissão? (ver <i>niyaza-/niyasa-</i>)
lakawani- (<i>adj.</i>)	niyaza-/niyasa- (<i>v.t.</i>)
proveniente de Laka	seguir
latara- (<i>v.t.</i>)	NEPOS-hasu- (<i>subst.com.</i>)
estender	descendência?
LIS-lu/a/i-sa- (<i>v.t.</i>)	pada- (<i>subst.</i>)
litigar contra?	pé
LITUUS+na- (<i>v.t.</i>)	Paharawan(a)- (<i>adj.</i>)
ver	relativo a Pahara
LOCUS-la- = arla-? (<i>subst.neut.</i>)	paran (<i>prep.</i>)
lugar	em frente a
makisa- (<i>v.t.</i>)	paran tumanti- (<i>v.t.</i>)
acumular?	ouvir falar de
mariyani- (<i>adj./subst.com.</i>)	Paharawan(a)- (<i>adj.</i>)
relativo aos campos- <i>mariyana-?</i>	relativo a Pahara
masani- (<i>subst.com.</i>)	parha- (<i>v.t.</i>)
deus, divindade	afastar
Muksa- (<i>NP</i>)	parna- (<i>subst.</i>)
Muksa	casa
Muksasa- (<i>adj.poss.</i>)	partuni- (<i>v.t.</i>)
de Muksa	cortar?
musanipa- (<i>TO</i>)	PES₂.PES₂-da- (<i>v.i.</i>)
Musanipa	ir fazer + INF.
musanipawani- (<i>adj.</i>)	pihami- (<i>adj.</i>)
proveniente de Musanipa	gloriado, vitorioso
muwida- (<i>subst.neut.</i>)	pipasa- (<i>v.t.</i>)
semente	permitir (<i>iter. pi(ya)-</i> ‘dar’)
Muziki- (<i>TO</i>)	pitahaliya- (<i>v.t.</i>)
Muziki	adquirir???
na kwishan (<i>adv.</i>)	PORTA-lana- (<i>subst.neut.</i>)
de modo algum	porta, portão

PUGNUS-lumida- (<i>adj.</i>)	tarawana- (<i>subst.</i>)
forte	justiça
REGIO-ni-DOMINUS-i- (<i>subst.com.</i>)	tarawani- (<i>adj.</i>)
senhor local (= hit. <i>utniyasha-?</i>)	justo
REGIO-ni- (<i>subst.neut.</i>)	Tarhunta- (<i>TE</i>)
terra, país povo	Tarhunta
Runtiya- (<i>NP, TE</i>)	taruwi- (<i>subst.neut.</i>)
Runtiya	madeira
Sakurawani- (<i>adj.</i>)	tarwana- (<i>subst.</i>)
relacionado ao rio Sakura	justiça
sanawastra- (<i>subst.</i>)	taskwira/i- (<i>subst.</i>)
bondade	território
sanawa/i- (<i>adj.</i>)	tatall(a/i)- (<i>adj.</i>)
bom	paterno
sanawi (<i>adv.</i>)	tawiyān (<i>adv.</i>)
bem	em frente a, até
sapalali- (<i>adj.</i>)	TERRA.PONERE-ruda (?)
?	?
saranta (<i>posp.</i>)	tipasi- (<i>adj.</i>)
em cima de	celeste
Sarku- (<i>TE</i>)	tiwadami- (<i>adj.</i>)
Sarku	abençoados por Tiwad
sasa- (<i>subst.com.</i>)	tumanti- (<i>v.t.</i>)
cabra? bode?	ouvir
SCRIBA+ra-CAPAREda- (?)	turpi- (<i>subst.neut.</i>)
?	pão
Suhi- (<i>NP</i>)	tuhayata- (<i>TO</i>)
Suhi	Tuhayata
suwa- (<i>v.t.</i>)	tuwa- (<i>v.t.</i>)
encher, preencher	colocar
tad(a/i)- (<i>subst.com.</i>)	UNUS-ta (<i>adv.</i>)
pai	de uma vez
tama- (<i>v.t.</i>)	upa- (<i>v.t.</i>)
construir	trazer
Tarhunta- (<i>TE</i>)	upan(i)- (<i>subst.neut.</i>)
Tarhunta	troféu, prêmio
taskwira- (<i>subst.com.</i>)	Uradami- (<i>NP</i>)
terra, território	Uradamis
tanata- (<i>v.t.</i>)	uranuwa- (<i>v.t.</i>)
devastar	fazer grande, elevar
tanati- (<i>adj.</i>)	Uratarhuntasa- (<i>adj.poss.</i>)
vazio, devastado	de Uratarhunta
tanimi/a- (<i>adj.</i>)	URBS+MI-ni- (<i>subst.com.</i>)
todo	cidade

Urhilina- (NP)	warazani- (<i>subst.com.</i>)
Urhilina	campanha militar, expedição
usali- (<i>subst.</i>)	wariya- (<i>v.t.</i>)
ladrão	ajudar
usaliza- (<i>adj.</i>)	warayamala (<i>adv.</i>)
anual	em paz
usanu- (<i>v.t.</i>)	wasami- (<i>adj.</i>)
fazer bem? abençoar?	querido
usi- (<i>subst.neut.</i>)	wasara- (<i>subst.neut.</i>)
ano	bondade
wala- (<i>v.i.</i>)	wasu- (<i>v.t.</i>)
morrer	ser bom para + DAT.
walili(da)- (<i>subst.neut.</i>)	zadi (<i>adv.</i>)
território	aqui
wanati- (<i>subst.com.</i>)	wawi- (<i>subst.com.</i>)
mulher	touro
wanatiya- (<i>adj.</i>)	waza- (<i>v.t.</i>)
feminino	liderar, conduzir
wanatiyati- (<i>adj./subst.</i>)	yari(ya)- (<i>v.</i>)
feminino/fêmea	estender
wanatiyatiya- (<i>subst.neut.</i>)	zidiyadi- (<i>adj./subst.</i>)
feminilidade	masculino, macho
	zidiyadiya- (<i>subst.neut.</i>)
	masculinidade

Signário

5.1 Lista de Logogramas

A seguir, listam-se os logogramas utilizados ao longo do curso em ordem do número HH, a partir de Laroche (1960) com as adequações do CHLI 3. Utiliza-se a abreviação TO para topônimos, A para antropônimos e TE para teônimos.

HH		Leitura	Forma subjacente
1		EGO	<i>amu</i>
14		PRAE	<i>pari, paran</i>
17		REX	<i>hantawati-</i>
21		HEROS	<i>HEROS-li-</i>
45		CAPERE	<i>(la)la-</i>
45		FILIUS	<i>nimuwiza-</i>
		INFANS	<i>nirawani-</i>
		FRATER	<i>lani-</i>
65		PONERE	<i>tuwa-</i>
70		SUPER	<i>sara</i>
73		AUDIRE+MI	<i>tumanti-</i>
85		HALPA	TO, Halpa (=Alepo)
		GENUFLECTERE	Ver combinações
95		PES ₂ .PES ₂	?-da-
97		LEO	-
102		CERVUS ₂	<i>Runtiya-</i>
103		CERVUS ₃	<i>Runtiya-</i>
104		CAPRA	<i>sasa-</i>
170		AUDIRE	<i>tumanti-</i>
192		BONUS	<i>sanawi-, was-</i>
192		ORIENS	<i>kistami-</i>

HH		Leitura	Forma subjacente
199	𒋩	TONITRUS	<i>Tarhunt(a)-</i>
201	𒋩	TERRA	<i>taskwira-</i>
		LOCUS	LOCUS- <i>la-</i> , <i>arla-</i>
212	𒋩	FLUMEN	-
228	𒋩	REGIO	-
231	𒋩	CASTRUM	<i>harnisa</i>
246	𒋩	AEDIFICARE	<i>tama-</i>
268	𒋩	SCALPRUM	<i>katina-</i>
329	𒋩	REL	<i>kwi-, kwa-, /kwa/, /kwi/</i>
360	𒋩	DEUS	<i>masani-</i>
363	𒋩	MAGNUS	<i>ura-</i>
379	𒋩	OCCIDENS	<i>ispami-</i>
399	𒋩	CENTUM	100
404	ঠ	ANIMA	det. animais

5.2 Lista de logogramas combinados

HH	Unicode	Leitura	Forma subjacente
199+85	𒋩	TONITRUS.HALPA	TO, Halpa (=Aleppo)
360+199	𒋩	DEUS.TONITRUS	TE, <i>Tarhunt(a)-</i>
404+97	ঠ	ANIMA.LEO	<i>hwisar-</i>
404+104	ঠ	ANIMA.CAPRA	<i>sasa-</i>

Leituras extras

HAMA 1

- 1 ଶିଳ୍ପି ରାଜାଙ୍କର ମହାନୀତି ପଦ ପୂଜାଇଥିଲା ଏହାଙ୍କିମାତ୍ରା ଆଜିର
2 ପରିବାରର ପଦରୀତି ପାଇଁ ପାଇଁ ପାଇଁ ପାଇଁ ପାଇଁ ପାଇଁ
3 ପାଇଁ ପାଇଁ ପାଇଁ ପାଇଁ

- 1 EGO-*mi* MAGNUS+*ra/i-da-mi-sa u-ra/i-hi-li-na-sa* FILIUS.NI-*za-sa*
[*i-ma-tú-wa/i-ni*(REGIO) REX]

2 [*a-wa/i á-mu AEDIFICARE+MI-ha za-'*] (“CASTRUM”) *hara/i-ni-sà-za*
hu+ra/i-pa-da-wa/i-ni-sa(REGIO) FLUMEN.REGIO-*da-i-sa*

3 REL-*za i-zi-i-da a-tá-ha-wa/i* TONITRUS.HALPA-*pa-wa/i-ni-zi*(REGIO)

- 1 *amu=mi Uradamis Urhilinas nimuwizas [imatuwani hantawatis.]*
2 *[a=wa amu tamaha za] harnisa=za, Hurpadawanis hapadis*
3 *kwa=za izida, anta=ha=wa Halpawaninzi.*

HAMA 3

- ၁ ၁၃။ ၈၈၇။ ၂၀၁၀။ ၂၀၁၀။ ၂၀၁၀။ ၂၀၁၀။ ၂၀၁၀။ ၂၀၁၀။
၂ ၂၀၁၀။ ၂၀၁၀။ ၂၀၁၀။ ၂၀၁၀။ ၂၀၁၀။ ၂၀၁၀။ ၂၀၁၀။ ၂၀၁၀။

- 1 EGO-*mi* MAGNUS-*ra-da-mi-sa u-ra-hi-li-na-sa* FILIUS.NI-*za-sa*
 i-ma-tú-wa/i-ni(REGIO) REX *a-wa/i*

2 á-*mu* AEDIFICARE+*MI-ha za-'* (“CASTRUM”) *hara/i-ni-sà-za*
 mu-sa-ni-pa-wa-ni-sà(REGIO) FLUMEN.REGIO-*sà* REL-*za i-zi-i-da*

- 1 amu=mi Uradamis Urhilinas nimuwizas imatuwani hantawatis. a=wa
2 amu tamaha za harnisa=za, Musanipawanis hapadis kwa=za izida

HAMA 6

၁ မြန်မာ အကျဉ်းချုပ် ရေးရှင် မြန်မာ အကျဉ်းချုပ်
၂ မြန်မာ အကျဉ်းချုပ် ရေးရှင်

- 1 EGO-*mi* MAGNUS-*ra-da-mi-sa u-ra-hi-li-na-sa* FILIUS.*NI-za-sa*
i-ma-tú-wa/i-ni(REGIO) REX *a-wa/i*

2 á-*mu* AEDIFICARE+MI-*ha za-'* (“CASTRUM”) *hara/i-ni-sà-za*
(**218)*ku-su-na-la-zi*(REGIO) REL-*za i-zi-ia-ta*

- 1 *amu=mi Uradamis Urhilinas nimuwizas imatuwani hantawatis.*
2 *a=wa amu tamaha za harnisa=za, Kusunalanzi kwa=za iziyanta.*

HAMA 7

- 1 EGO-*mi* MAGNUS-*ra-da-mi-sa u-ra-hi-li-na-sa* FILIUS.*NI-za-sa*
 i-ma-tú-wa/i-ni(REGIO) REX *a-wa/i á-mu* AEDIFICARE+*MI-ha*
2 *za-' "CASTRUM"**hara/i-ni-sà-za "MONS".la-pa+ra/i-na-wa/i-ni-sa*
 FLUMEN.REGIO-*da-i-sà* REL-*za i-zí-i-da* *tú-ha-ia-ta-sa-ha*(REGIO)
3 *a-tá-ha-wa/i ha-ma-ia+ra/i-sa*(REGIO)

- 1 *amu=mi Uradamis Urhilinas nimuwizas imatuwani hantawatis. a=wa amu tamaha*
2 *za harnisa=za, Labarnawanis hapadis kwa=za izita, Tuhayatas=ha*
3 *anta=ha=wa Hamavaras.*

Vocabulário

hamayarawani- (*adj.*)
proveniente de Hamayara

hurpadawani- (*adj.*)
proveniente de Hurpada

kusunala- (*adj.*)
proveniente de Kusuna

labarnawani- (*adj.*)
proveniente de Labarna
musanipawani- (*adj.*)
proveniente de Musanipa
tuhayata- (*TO*)
Tuhayata

Referências

- AGBAYANI, B.; GOLSTON, C. Clitic order in Hittite. In: PROCEEDINGS of the 23rd Anual UCLA Indo-European Conference. Bremen, 2012. P. 1–15.
- BURTON, R. F.; DRAKE, C. F. T. *Unexplored Syria. Visits to the Libanus, the Tulúl el Safá, the Anti-Libanus, the northern Libanus and the 'Aláh*. London: Tinsley Brothers, 1872. v. 1.
- CARRUBA, O. *Das Palaische: Texte, Grammatik, Lexikon*. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1970. (StuBoT, 10).
- CARRUBA, O. Nasalization im Anatolischen. *Studi Micenei ed Egeo-Anatolici*, v. 24, p. 57–69, 1984.
- GARRET, A. Ergative case assignment, Wackernagel's Law, and the VP base hypothesis. In: PROCEEDINGS of the North East Linguistics Society. 1989. v. 19, p. 113–126.
- GARRET, A. *The Syntax of the Anatolian pronominal clitics*. 1990. Tese (Doutorado) – Harvard University, Cambridge, MA.
- GOLDSTEIN, D. Wackernagel's Law I. In: *Encyclopedia of Ancient Greek Language and Linguistics. Volume 3*. Edição: Georgios K. Giannakis. Leiden: Brill, 2014. P. 508–513. DOI: [10.1163/2214-448X_eagll_COM_00000375](https://doi.org/10.1163/2214-448X_eagll_COM_00000375).
- HAWKINS, J. D. *Corpus of Hieroglyphic Luwian Inscriptions. Volume I: Inscriptions of the Iron Age. Part 1: Text. Introduction, Karatepe, Karkamış, Tell Ahmar, Maraş, Malatya, Commagene*. Berlin: De Gruyter, 2000a.
- HAWKINS, J. D. *Corpus of Hieroglyphic Luwian Inscriptions. Volume I: Inscriptions of the Iron Age. Part 2: Text. Amuq, Aleppo, Hama, Tabal, Assur Letters, Miscellaneous, Seals, Indices*. Berlin: De Gruyter, 2000b.
- HAWKINS, J. D. *Corpus of Hieroglyphic Luwian Inscriptions. Volume I: Inscriptions of the Iron Age. Part 3: Plates*. Berlin: De Gruyter, 2000c.
- HAWKINS, J. D. *Corpus of Hieroglyphic Luwian Inscriptions. Volume III: Inscriptions of the Hittite Empire and New Inscriptions of the Iron Age*. Berlin: De Gruyter, 2024.
- HAWKINS, J. D. Scripts and Texts. In: *The Luwians*. Edição: H. Craig Melchert. Leiden: Brill, 2003. P. 128–169.

- HAWKINS, J. D. The “Autobiography of Ariyahinas’s Son”: an Edition of the Hieroglyphic Luwian Stelae Tell Ahmar 1 and Aleppo 2. *Anatolian Studies*, v. 30, p. 139–156, 1980.
- HAWKINS, J. D.; ÇAMBEL, H. *Corpus of Hieroglyphic Luwian Inscriptions. Volume II: Karatepe-Aslantaş The Inscriptions: Facsimile Edition*. Berlin: De Gruyter, 1999.
- HAWKINS, J. D.; MORPURGO-DAVIES, A. On the Problems of Karatepe: The Hieroglyphic Text. *Anatolian Studies*, v. 28, p. 103–119, 1978.
- HAWKINS, J. D.; MORPURGO-DAVIES, A.; NEUMANN, G. *Hittite Hieroglyphs and Luwian: New Evidence for the Connection*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1974. (Nachrichten der Akademie der Wissenschaften in Göttingen, 6).
- HOFFNER JR., H. A. *The Laws of the Hittites: A Critical Edition*. Leiden: Brill, 1997. (Documenta et Monumenta Orientis Antiqui, XXIII).
- HOFFNER JR., H. A.; MELCHERT, H. C. *A Grammar of the Hittite Language*. Winona Lake, Indiana: Eisenbrauns, 2008. (Languages of The Ancient Near East).
- HOGARTH, D. G.; THOMPSON, R. C.; WOOLLEY, C. L. *Carchemish. Report on the Excavations at Jerablus on Behalf of the British Museum. Part III. Excavation in the Inner Town and the Hittite Inscriptions*. London: The Trustees of the British Museum, 1952.
- JOSEPHSON, F. *The function of the sentence particles in old and middle Hittite*. Uppsala: Acta Universitatis Upsaliensis, 1972. (Studia Indoeuropaea Upsaliensia).
- KLEIN, J.; JOSEPH, B.; FRITZ, M. (Ed.). *Handbook of Comparative and Historical Linguistics 41.1*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2017a. (Handbücher zur Sprach- und Kommunikationswissenschaft, 41).
- KLEIN, J.; JOSEPH, B.; FRITZ, M. (Ed.). *Handbook of Comparative and Historical Linguistics 41.2*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2017b. (Handbücher zur Sprach- und Kommunikationswissenschaft, 41).
- LAROCHE, E. *Les hiéroglyphes hittites*. Paris, 1960.
- MARCHETTI, N. (Ed.). *Karkemish. An Ancient Capital on the Euphrates*. Bologna: Ante Quem, 2014. (OrientLab, 2). DOI: [doi:10.12878/orientlab2](https://doi.org/10.12878/orientlab2).
- MELCHERT, H. C. *Anatolian Historical Phonology*. Leiden: Brill, 1994. (Leiden Studien in Indo-European, 3).
- MELCHERT, H. C. *Cuneiform Luvian Lexicon*. Chapel Hill, N.C., 1993. (Lexica Anatolica, 2).
- MELCHERT, H. C. Language. In: *The Luwians*. Edição: H. Craig Melchert. Leiden: Brill, 2003a. P. 170–210.

- MELCHERT, H. C. The Hieroglyphic Luvian Verb PUGNUS.PUGNUS. In: *Nawa/i-VIR.ZI/A MAGNUS.SCRIBA. Festschrift für Helmut Nowicki zum 70. Geburtstag*. Edição: Cyril Brosch e Annick Payne. Wiesbaden: Harrassowitz, 2014. P. 133–138. (Dresdner Beiträge zur Hethitologie, 45).
- MELCHERT, H. C. (Ed.). *The Luwians*. Leiden: Brill, 2003b.
- MIEROOP, M. V. DE. *A History of the Ancient Near East ca. 3000-323BC*. 3. ed. Oxford: Wiley-Blackwell, 2016. (Blackwell History of the Ancient World).
- MORPURGO-DAVIES, A. Dentals, Rhotacism and Verbal Endings in the Luwian Languages. *Zeitschrift für vergleichende Sprachforschung*, Vandenhoeck & Ruprecht, v. 96, n. 2, p. 245–270, 1982. Acesso em: 24 jun. 2024.
- MORPURGO-DAVIES, A. The personal endings of the Hieroglyphic Luwian verb. *Zeitschrift für vergleichende Sprachforschung*, Vandenhoeck & Ruprecht, v. 94, n. 1/2, p. 86–108, 1980.
- OBRADOR-CURSACH, B. *The Phrygian Language*. Leiden: Brill, 2020.
- OETTINGER, N. Die Gliederung des anatolischen Sprachgebietes. *Zeitschrift für vergleichende Sprachforschung*, v. 1/2, n. 92, p. 74–92, 1978.
- ORESHKO, R. In Search of the Holy Cube Roots: Kubaba — Kubeleya — Kúβε-βος — Kufaws and the Problem of Ethnocultural Contact in Early Iron Age Anatolia. In: *Linguistic and Cultural Interactions between Greece and Anatolia: In Search of the Golden Fleece*. Edição: Michele Bianconi. Leiden: Brill, 2021. P. 131–166. (Culture and History of Ancient Near East, 122).
- RIEKEN, E. Die Zeichen <ta>, <tá> und <tà> in den hieroglyphen-luwischen Inschriften der Nachgroßreichszeit. *Studi Micenei ed Egeo-Anatolici*, v. 50, 2008.
- RIEKEN, E. The dialectology of Anatolian. In: *Handbook of Comparative and Historical Linguistics 41.1*. Edição: Jared Klein, Brain Joseph e Matthias Fritz. Berlin: De Gruyter Mouton, 2017. P. 298–308. (Handbücher zur Sprach- und Kommunikationswissenschaft, 41).
- RIEKEN, E.; YAKUBOVICH, I. The new values of luwian signs L 319 and L 172. In: *ipamati kistamati pari tumatimis: Luwian and Hittite studies presented to J. David Hawkins on the occasion of his 70th birthday*. Edição: Itamar Singer. Tel Aviv: Emery e Claire Yass Publications in Archeology, 2010. P. 199–219.
- RINGUE, D. Indo-European dialectology. In: *Handbook of Comparative and Historical Linguistics 41.1*. Edição: Jared Klein, Brain Joseph e Matthias Fritz. Berlin: De Gruyter Mouton, 2017. P. 62–75. (Handbücher zur Sprach- und Kommunikationswissenschaft, 41).
- SIMON, Z. Zum Vokalismus des hieroglyphen-luwischen Zeichens tà (*41). In: *QAZZU warrai. Anatolian and Indo-European Studies in Honor of Kazuhiko Yoshida*. Edição: Adam Alvah Catt, Ronald I. Kim e Brent Vine. Ann Arbor: Beech Stave Press, 2019. P. 324–333.

- SINGER, I. (Ed.). *ipamati kistamati pari tumatimis: Luwian and Hittite studies presented to J. David Hawkins on the occasion of his 70th birthday*. Tel Aviv: Emery e Claire Yass Publications in Archeology, 2010.
- STARKE, F. *Die keilschrift-luwischen Texte in Umschrift*. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1985. (StuBoT, 30).
- STURTEVANT, E. *A comparative grammar of the Hittite language*. Philadelphia: Linguistic Society of America, 1933.
- VAN DEN HOUT, T. The Hieroglyphic Luwian Signs L. 255 and 256 and once again KARATEPE XI. In: *ipamati kistamati pari tumatimis: Luwian and Hittite studies presented to J. David Hawkins on the occasion of his 70th birthday*. Edição: Itamar Singer. Tel Aviv: Emery e Claire Yass Publications in Archeology, 2010. P. 234–243.
- VERTEGAAL, A. *Voices in Stone: Studies in Luwian Historical Phonology*. 2020. Tese (Doutorado) – Netherlands Graduate School of Linguistics, Amsterdam.
- WAAL, W. Including a Discussion of the Hieroglyphic Luwian Lexemes hatura-, api and (*205)atun(i)-. *Zeitschrift für Assyriologie und vorderasiatische Archäologie*, v. 111, n. 2, p. 263–281, 2021. DOI: [doi:10.1515/za-2021-2006](https://doi.org/10.1515/za-2021-2006).
- WEIDNER, E. F. (Ed.). *Reallexikon der Assyriologie*. Berlin; [München], 2019. (Reallexikon der Assyriologie und vorderasiatischen Archäologie). Disponível em: <<https://publikationen.badw.de/en/rla>>.
- YAKUBOVIC, I. The Luwian words for ‘place’ and its cognates. *Kadmos*, v. 56, n. 1/2, p. 1–27, 2017.
- YAKUBOVIC, I. The West Semitic God El in Anatolian Hieroglyphic Transmission. In: *Pax Hethitica: Studies on the Hittites and their Neighbours in Honour of Itamar Singer*. Edição: Yoran Cohen, Amir Gilan e Jered L. Miller. Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, 2010. P. 385–398. (StuBoT, 51).
- YAKUBOVICH, I. A Luwian Welcome. In: *Audias fabulas veteres. Anatolian Studies in Honor of Jana Součková -Siegelová*. Edição: Šárka Velhartická. Leiden: Brill, 2016. P. 463–484. (Culture and History of Ancient Near East, 79).
- YAKUBOVICH, I. *Sociolinguistics of the Luwian Language*. Leiden: Brill, 2010.
- YAKUBOVICH, I. The Reading of Luwian ARHA and Related Problems. *Altorientalische Forschungen*, v. 39, n. 2, p. 321–339, 2012.
- YAKUBOVICH, I.; MOUTON, A. *Luwili: Hittite-Luwian Ritual Texts Attributed to Puriyanni, Kuwattalla and Šilalluhi (CTH 758–763)*. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 2023. (StuBoT, 10).

Esse documento foi diagramado usando o sistema
[LuaTeX](#) mantido por Manuel Pégourié-Gonnard.
Todos os *softwares* utilizados na diagramação deste
documento são gratuitos e *open source*.

29 de agosto de 2024.